

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – MESTRADO**

ELIZABET TEREZINHA CASTAMAN NOGOSEKE

**JOVENS EVANGELIZANDO JOVENS: UMA EXPERIÊNCIA DE
PROTAGONISMO JUVENIL.**

**CURITIBA/PR
2013**

ELIZABET TEREZINHA CASTAMAN NOGOSEKE

**JOVENS EVANGELIZANDO JOVENS: UMA EXPERIÊNCIA DE
PROTAGONISMO JUVENIL.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós – Graduação em Teologia, área de concentração: Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em teologia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti.

CURITIBA

2013

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

N777j
2013
Nogoseke, Elizabet Terezinha Castaman
Jovens evangelizando jovens : uma experiência de protagonismo juvenil /
Elizabet Terezinha Castaman Nogoseke ; orientadora, Clélia Peretti. – 2013.
124 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2013.
Bibliografia: f. 110-116

1. Teologia pastoral. 2. Evangelização. 3. Obras da Igreja junto à juventude.
4. Ensino religioso. 5. Espiritualidade. I. Peretti, Clélia. II. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 253



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teologia

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 052
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE
ELIZABET TEREZINHA CASTAMAN NOGOSEKE

Aos vinte e quatro dias, do mês de maio de dois mil e treze, às dez horas reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Clelia Peretti, Leomar Antonio Brustolin e Mário Antonio Sanches, para examinar a Dissertação da candidata, **Elizabet Terezinha Castaman Nogueseke**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e onze. Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: “**JOVENS EVANGELIZANDO JOVENS: UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO JUVENIL**”. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 40 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof.^a.Dr.^a Clélia Peretti Clélia Peretti
Presidente/Orientadora.

Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin Leomar Brustolin
Convidado Externo

Prof. Dr. Mario Antonio Sanches Mário Antonio Sanches
Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti
Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



Dedico este trabalho a meu esposo,
filhos, nora, genros e netos. E, de modo
saudoso aos meus pais, sábios
conselheiros.

AGRADECIMENTOS

A Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti:

Pela oportunidade de vivenciar experiências tão ricas. Por sua orientação segura, atenção, confiança e compromisso. Agradeço a amizade e apoio em todos os momentos.

Aos Prof^o Dr. Leomar Brustolin e Prof^o Dr. Mário Antonio Sanches:

Pelas valiosas contribuições, disponibilidade e colaboração para a execução dessa dissertação.

Aos professores do Programa de Mestrado da PUCPR:

Pelos ensinamentos e pela competência.

Aos agentes de Pastoral do Colégio Santa Maria:

Que acolheram a ideia e aceitaram aplicar a pesquisa tornando possível o desenvolvimento desse estudo. Aos jovens monitores do Terceiro Momento da PJM, por participarem da pesquisa.

A Maria das Graças Braga secretária do Programa de Mestrado em Teologia:

Pela atenção na resolução de tantas dúvidas e pela sua presença simpática.

A minha família, ao meu esposo e aos amigos:

Pelo incentivo e pela paciência. Pessoas queridas que mesmo sem estarem perto, estiveram sempre presentes.

A Deus:

Pela sua sensível presença em todos os momentos de minha vida.

“Deixe-me ser jovem, não me impeças de lutar, pois a vida me convida a uma missão realizar” (DNPJM, 2006, p.19).

RESUMO

Este trabalho trata do protagonismo juvenil como possibilidade concreta para o desenvolvimento de uma experiência de evangelização, ao mesmo tempo em que se volta ao jovem como sujeito que carrega dentro de si uma força motriz capaz de gerar a dinamicidade para o processo de formação pessoal e de transformação social. O estudo enfatiza, a partir de uma perspectiva sócio-teológica e pastoral, os múltiplos olhares sobre as juventudes e o forte impacto da “mudança de época” sobre as maneiras de as novas gerações compreenderem o mundo e a vida, as estruturações sociais e suas relações com o sagrado. A análise do contexto sociocultural, dos espaços sociais, dos conflitos e contradições, das vias e dos imaginários que caracterizam o *habitat* da juventude contemporânea se revela importante para a compreensão da identidade pessoal, social e da construção do projeto de vida. Assim, a realidade juvenil é estudada como uma realidade teológica, como uma promessa, uma esperança de vida que precisamos aprender a ler e a desvelar em suas múltiplas expressões. Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O estudo objetiva ainda analisar as experiências formativas e a vivência no grupo da Pastoral Juvenil que contribuem na inserção e participação social, política e eclesial dos jovens e o(s) significado(s) que essas adquirem para o projeto de vida. Para tanto foram entrevistados 30 jovens do Ensino Médio de um dos colégios do Grupo Marista, que frequentam o grupo da pastoral. A técnica utilizada foi a entrevista individual semi-estruturada em que o pesquisador seguiu um roteiro previamente estabelecido de acordo com Formulário aprovado pelo Comitê de Ética da PUCPR. Como resultado do estudo da pesquisa constatou-se que o caminho espiritual traçado pelas juventudes passa de um discurso racional, centrado, sobretudo no institucional, para um discurso centrado na própria vida e nas experiências individuais e grupais. A proposta de evangelização com suas opções pedagógico-pastorais inspiradas no Carisma de Marcelino Champagnat se constitui em um processo integral de educação na fé que acontece de forma processual, dinâmica e abrangente, sendo um itinerário que o próprio jovem percorre. A proposta educativo-pastoral se qualifica também no espaço tempo das juventudes, como uma ação evangelizadora capaz de propor a vivência de uma espiritualidade integradora de fé, cultura e vida. Uma de suas características fundamentais é a experiência no grupo, que leva a autoconhecimento, aperfeiçoamento pessoal, melhoria nas relações interpessoais, comprometimento com uma espiritualidade específica e com um projeto de vida integrado na comunidade.

Palavras-Chave: Protagonismo. Juventudes. Pastoral Juvenil Marista. Espiritualidade. Educação para a fé.

ABSTRACT

This paper deals with the youth leadership as a real possibility for the development of an experience of evangelization, while it back to how young fellow who carries within itself a driving force able to generate the dynamics for the process of personal and social transformation. The study emphasizes from a socio-theological and pastoral perspectives on the many youths and the strong impact of the "new era" on ways to new generations understand the world and life, social orderings and its relationship with the sacred. The analysis of the socio-cultural context, social spaces, conflicts and contradictions, airway and imaginaries that characterize the habitat of contemporary youth reveals important for the understanding of the personal, social and construction of the project life. Thus, the youth situation is studied as a theological reality, as a promise, a hope of life we need to learn to read and reveal in its multiple expressions. Contact the "divine" youth is to understand their psychology, biology, sociology and his anthropology with his gaze and knowledge of God. The study also aims to analyze the formative experiences and experience in youth ministry group contributing inclusion and participation in social, political and church and youth (s) meaning (s) to acquire these life project. Therefore, we interviewed 30 young high school students in on of the Colleges of the Group Marist, who attend the group's ministry. The technique used was semi-structured individual interviews in which the researcher followed a predetermined script according to the form approved by the Ethics Committee of PUCPR. As a result of the research study found that the spiritual path is traced by youths in a rational discourse, centered mainly on institutional, for a speech focused on his life and experiences in individual and group. The proposed evangelization with its options pedagogical-pastoral inspired Charisma Marcellin constitutes an integral process of education in the faith that happens procedurally, dynamic and comprehensive, with an itinerary that traverses own young. The educative and pastoral also qualifies in spacetime of youths, as an evangelizing able to offer the experience of a spirituality that integrates faith, culture and life. One of its key features is the experience in the group, which leads to self-knowledge, self-improvement, improvement in interpersonal relationships, commitment to a specific spirituality and a life project integrated in the community.

Key-words: Protagonism. Youths. Marist Youth Ministry. Spirituality. Education faith.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Religião.....	92
Gráfico 2 – Motivação para participar na PJM.....	93
Gráfico 3 – Participação na PJM e motivação para a participação em outros grupos.....	94
Gráfico 4 – Contribuições da PJM para a melhoria das relações interpessoais.....	96
Gráfico 5 – Formação como monitor.....	97
Gráfico 6 – A PJM e o comprometimento com o Carisma Marista.....	98
Gráfico 7- Semana Jovem.....	98
Gráfico 8 - Comprometimento com a comunidade Igreja.....	99
Gráfico 9 - Participação na PJM e desenvolvimento de potencialidades....	100
Gráfico 10 – Espiritualidade e sentido da vida.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano

CLIMA - Curso de Liderança Marista

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DA - Documento de Aparecida

EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MSM – Missão Solidária Marista

PJM – Pastoral Juvenil Marista

PMBCS – Pastoral Marista do Brasil Centro-Sul

RPV – Retiro Projeto de Vida

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JUVENTUDE E O PROTAGONISMO JUVENIL	19
2.1 Juventude como sintoma da cultura.	20
2.2 Protagonismo juvenil: os jovens como atores de suas vidas.....	26
2.3 Juventude, juventude (s).....	33
2.4 Juventude em processo de transição.....	39
2.5 Juventude e múltiplas pertencas	43
2.6 Juventude e construção da autonomia.....	47
3. JUVENTUDE COMO LUGAR TEOLÓGICO	50
3.1 Identidades e espiritualidades.....	52
3.2 A juventude mora no coração da Igreja.....	58
3.3 Jovens evangelizando a juventude e toda a Igreja.....	62
3.4 Pelo discipulado a descoberta.....	64
3.5 A mística que nasce da ação do Espírito Santo e leva a ação.....	69
4. A PASTORAL DA JUVENTUDE MARISTA: UMA PROPOSTA DE EVANGELIZAÇÃO JUVENIL.....	74
4.1 Pastoral da Juventude Marista: princípios norteadores e horizontes.....	77
4.2 A Pastoral no Grupo Marista.....	84
4.3 A pesquisa realizada.....	89
4.4 Os resultados da pesquisa	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
Anexo A.....	117
Anexo B.....	121

1 INTRODUÇÃO

Ao falar em juventude, de imediato se faz associação a várias características que lhe são próprias: tempo de expectativas, receptividade às mudanças, dependência e vulnerabilidades. Juventude envolve processo de amadurecimento que passa por experiências, descobertas, dúvidas, uma enorme gama de possibilidades em que se entrelaçam entusiasmos e desânimos, decepções e esperanças. Em sua estrutura psicossocial, a juventude é tanto uma idade dilacerada entre o presente a ser vivido e o futuro a ser construído, como uma fase que inspira idealismos, coragem e também ansiedades. A juventude é considerada como etapa transitória em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, tais como formação da própria família, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania.

Atualmente várias abordagens focalizam a temática da juventude dialogando diretamente com os aspectos relacionados ao seu “Ser” jovem e a sua vivência cultural, sua respectiva espiritualidade, seu protagonismo e seus estilos de vida. Há estudos que analisam ainda mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. Muitos outros tratam dos problemas comuns da juventude, como abuso de álcool e drogas, delinquência, gravidez, vida escolar, etc. Outros, também, associam juventude à noção de crise, irresponsabilidade e problemas sociais que carecem de políticas públicas. No entanto, abordar a juventude, na sua experiência geracional, é tarefa importante num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades, transformações e mudanças nas relações da juventude com recursos sociais instáveis – crise de emprego e mercado de trabalho, incapacidade das instituições educacionais e familiares de atender as demandas nos processos de socialização e da sua respectiva espiritualidade e mobilidade religiosa.

As juventudes estão imersas na dinâmica da vida social, não formam um mundo a parte. Há diferentes juventudes, com diferenças e desigualdades que marcam sua experiência social. Assim, não podemos enquadrar as juventudes em critérios rígidos, como uma etapa com um início e um fim pré-determinados,

muito menos como um momento de preparação que será superado com a entrada na vida adulta. Nesse contexto, deve-se assinalar que a *juventude* é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo os diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais, religiosos e culturais.

A percepção da juventude como categoria social é própria da contemporaneidade e a necessidade de uma atenção diferenciada para os jovens tem convocado nas últimas décadas, países e Estados a pensarem estratégias que contribuam para incorporar as juventudes como protagonistas nos diferentes espaços da sociedade.

Deste contexto de complexidade é que nasceu o anseio da presente pesquisa que buscou conhecer mais sobre as juventudes e, mais especificamente, a riqueza existente entre os jovens dos grupos da Pastoral Juvenil Marista. O Grupo Marista está presente nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, no Distrito Federal e na cidade de Goiânia. O Grupo Marista atua nas áreas de solidariedade, saúde, comunicação e educação, da escola à universidade, por meio de uma agremiação de organizações sem fins econômicos com o objetivo de contribuir entre si, compartilhando boas práticas de gestão, com foco na mesma missão. Para a pastoral pesquisada o intuito maior é contribuir na formação dos jovens tornando-os críticos e reflexivos, co-atores na formação de sua identidade, de seu protagonismo, de sua inserção e papel num mundo multicultural e polissêmico.

Desse modo, esse estudo parte da consideração de que a juventude é sempre resultante da realidade em que está imersa, então não é possível falar em juventude, mas em juventude (s) e, se pensamos nela como um futuro promissor é preciso investir nesse futuro. Com frequência os jovens com suas atitudes e supostas rebeldias, denunciam na sociedade e na Igreja as deficiências atuais e criticam as instituições que não atendem seus anseios. A grande pergunta é: como a Igreja católica tem produzido respostas às demandas da juventude, tanto no sentido espiritual/religioso, como também nas transformações sociais que emanam da vivência da espiritualidade?

Para ampliar nossa compreensão sobre esta temática nos propomos como **objetivo geral** analisar as experiências formativas e a vivência no grupo da Pastoral Juvenil que contribuem na inserção e participação social, política e eclesial dos jovens e o(s) significado(s) que essas adquirem para o projeto de vida. Quanto aos **objetivos específicos**, alistem-se os seguintes: averiguar as formas de expressão dos grupos juvenis, verificando como os direcionamentos da Pastoral Juvenil Marista contribuem no desenvolvimento da espiritualidade e do protagonismo juvenil; pesquisar a articulação entre os estudos sobre juventude e protagonismo e sua contribuição na constituição das identidades juvenis; analisar os processos e as práticas culturais e coletivas e implicações na construção da identidade e no desenvolvimento do protagonismo juvenil; mapear os projetos de formação e verificar como as diretrizes da Pastoral juvenil Marista estão sendo utilizados na educação da juventude; verificar as experiências formativas de grupo e os motivos que os levam a desempenhar o papel de líderes juvenis; analisar como as experiências formativas e a vivência no grupo da Pastoral Juvenil contribuem na inserção e participação social, política e eclesial dos jovens e o(s) significado(s) que essas adquirem para o projeto de vida.

A **justificativa** da pesquisa está fundamentada na relevância que as juventudes têm tanto nas políticas públicas quanto para as Igrejas. Na *Christifidelis Laici* (1988) a juventude é definida como a riqueza e a fonte de renovação da humanidade. Os jovens são o símbolo da Igreja (MEDELLIN, 1968), esses “constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe e representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos” (DA, 2007, 443).

Sendo assim, o trabalho estruturou-se em três capítulos. No capítulo sobre **Juventude e protagonismo juvenil**, nos propomos a partir de perspectiva sócio-teológica e pastoral analisar os múltiplos olhares sobre as juventudes e o forte impacto da “mudança de época” sobre as maneiras de as novas gerações compreenderem o mundo e a vida, as estruturações sociais e as relações com o sagrado.

As inovações tecnológicas, reviravoltas político-econômicas, os novos padrões culturais e nessa perspectiva, como os jovens se constroem e se

situam. Contribuem para esta reflexão o pensamento de alguns teóricos, tais como: Bauman (2000), Bourdieu (1983), Costa (2000/2001), Duarte (2000), Goffman (2009), Lipivetsky (2000), Pais (1993) e Hervieu-Legér (1999/2008), dentre outros. Partindo de suas reflexões pode-se afirmar que na sociedade pós-moderna o fator econômico torna-se elemento cultural e estende seu conteúdo mercadológico aos vários setores da vida. Esse vem desestabilizando também as tradicionais estruturas como família, escola e religião, entre outras, que traçavam o ritmo da existência e conferiam sentido à vida.

A fragmentação cultural gerada pelas novas tecnologias deu lugar a uma diversidade de visões do mundo e da vida, de estruturas sociais, de relação com o sagrado e de modelos antropológicos. O novo jeito de ser do jovem tem suas raízes na chamada ambiência midiática, que modifica de forma radical a comunicação, a socialização e a noção de tempo e distância.

A partir dessa contextualização passa-se a discutir o protagonismo juvenil como ação educativa junto aos jovens, que mais do que uma forma de educar, pressupõe uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como desenvolvimento permanente. Pois a pessoa se constitui em uma realidade em constante processo, seja ele pessoal ou cultural-histórico e isso implica no enfrentamento de estereótipos, na busca de valores e de espaços de direito e de ação. Foi como parte desses processos que se categorizou essa fase da vida como juventude, tempo de moratória social, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida.

A experiência social contemporânea marca as identidades juvenis com profundo desejo de viver em grupo, os agrupamentos constituem-se em espaços de construção de identidade de formação de valores e de posicionamento social, no Brasil pode-se citar como forma de participação juvenil significativa a pertença aos grupos de pastorais.

Identificou-se no protagonismo juvenil uma forma de reconhecer que a participação dos jovens pode gerar mudanças decisivas na realidade, social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos. Os jovens são concebidos como sujeitos que carregam dentro de si uma força motriz capaz de gerar a

dinamicidade para o processo de transformação social, exercendo seu protagonismo, entendido no contexto da pesquisa como ação autônoma que implica responsabilidade e coerência, e que nasce do desenvolvimento do processo da educação na fé.

Já no capítulo referente a **Juventude como lugar teológico**, fazemos notar, que o impacto gerado pela fragmentação cultural se fez sentir também no campo religioso. Objetivou-se, assim tecer uma reflexão teológico-pastoral, do que de forma, ampla chamamos de culturas juvenis. As juventudes possuem meios que permitem avaliar as estruturas culturais e sociais recebidas das gerações anteriores e produzir novas formas de expressão superando o que se apresenta como forma cultural que não responde mais a atualidade da geração. Embora haja sinais de um forte ressurgimento da experiência espiritual, esta é expressa de forma diferenciada pela atual geração. São novos modos de se relacionar com o sagrado, desapegado das instituições, centrados na emoção e na vivência de grupos.

A Igreja reconhece essas tendências e em vários documentos citados no decorrer do capítulo, inclusive os da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), esboça sua preocupação e apreço pela juventude. São caminhos pastorais de evangelização pensados para a geração atual, para os quais foram desenvolvidas metodologias e modos próprios que oferecem aos jovens uma proposta capaz de ler suas experiências de vida a luz da fé, bem como, de orientar para assumirem um projeto sério de realização pessoal.

O compromisso de fé nunca é um fato estritamente pessoal, envolve dimensões sociais e coletivas. Para os jovens a dimensão comunitária da fé pode levar a espaços de fraternidade, de formação e de ação. Como compreende uma ação pedagógico/evangelizadora que busca construir jovens envolvidos com os compromissos de seu tempo e com respostas encontradas no jeito de ser do projeto de Jesus. Esse é um caminho que leva ao discipulado e ao desenvolvimento de uma mística de ação.

É preciso considerar que a experiência do sagrado é uma dimensão vital da experiência humana, e ela nos aparece em diferentes tempos, épocas e culturas com diferentes roupagens; mas sempre é uma experiência que atravessa o coletivo, a comunidade. Nossa tarefa como teólogos é decifrar o

sentido das roupagens, de onde elas vêm, o que propõe e que relação possui com o contexto maior - seja ele local ou global – e qual sentido tem para os atores sociais. É preciso perceber que o “divino no jovem” precisa ser cultivado. “É Deus, em seu amor ao jovem, manifestando-se nele e o tornando uma realidade teológica inconfundível” (DICK, 2006, p. 46).

No capítulo sobre a **Pastoral da Juventude Marista: uma proposta de evangelização juvenil**, analisamos os dados da pesquisa de campo, que contou com a participação de 30 jovens, com idades entre 14 e 17 anos do Ensino Médio e que freqüentam a PJM em um dos colégios do Grupo Marista. A técnica utilizada foi a entrevista individual semi-estruturada em que o pesquisador seguiu um roteiro previamente estabelecido com perguntas predeterminadas, abertas e fechadas. A pesquisa foi realizada com o prévio consentimento dos responsáveis pelos entrevistados, de acordo com formulário aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR.

No desenvolvimento do capítulo, contextualizamos, num primeiro momento, a Pastoral Juvenil Marista no horizonte maior da evangelização da Igreja e do Grupo Marista. A Pastoral Marista é uma ação evangelizadora que visa à formação integral, na qual o jovem desenvolve aspectos da espiritualidade, do seu papel na Igreja, da autonomia, do aprofundamento no carisma marista, do protagonismo juvenil e da intervenção eficaz na sociedade por meio de experiências sócio-educativas integradoras. O cerne da PJM está em evangelizar com vigor, de modo atraente e acessível. É uma Pastoral que busca se adaptar à cultura dos adolescentes e dos jovens. Sua ação se realiza de diferentes maneiras, segundo a diversidade de experiências que se dão no meio das juventudes. Como ação organizada, a Pastoral Juvenil prima pela vivência juvenil do carisma praticado e transmitido por Marcelino Champagnat e pela crença na eficácia pedagógica e evangélica do protagonismo juvenil, como força humano/cristã em que o jovem se assume como ator principal e decisivo. O espaço de acompanhamento e assessoria (feita por alguém mais experiente) contribui para que o jovem venha a assumir sua identidade e seu papel político de construtor de comunidade.

Para situar o leitor, começamos por apresentar os princípios norteadores da PJM seus objetivos e as diretrizes que norteiam a proposta de

evangelização juvenil, bem como princípios basilares que sustentam a ação pastoral, tais como: testemunho de vida como meio de evangelização, ação pastoral juvenil cristocêntrica, inculturação, vida litúrgica e sacramental, espiritualidade cristã, espiritualidade e carisma marista, religiosidade, Maria como modelo de segmento de Jesus e inserção eclesial.

As ações pedagógico-evangelizadoras orientam o caminho e o processo de educação na fé, bem como a dinâmica da educação é pensada de forma processual e abrangente sempre acompanhada de um itinerário que o próprio jovem deve trilhar. A Pastoral da Juventude Marista se organiza a partir dos grupos de jovens, por acreditar que este seja o espaço privilegiado de valorização do protagonismo juvenil, de vivência comunitária e de evangelização.

Assim, procedeu-se para a contextualização do local, das ações pedagógico-pastorais para o processo da educação da fé, dos sujeitos da pesquisa e das técnicas utilizadas para a realização da coleta e análise dos dados. A interpretação dos dados se orientou em torno de categorias, tais como: religião, motivos para participar do grupo da pastoral juvenil marista, família, vivência e convivência em grupo, formação do monitor, comprometimento com o carisma marista e com a comunidade, semana jovem, experiência de solidariedade e de protagonismo, dimensão profética da formação para a monitoria, espiritualidade e sentido da vida. Para facilitar a compreensão dos dados foram utilizados gráficos, pois permitem ao leitor, interpretar as informações de forma objetiva.

Assim, pesquisamos esse espaço juvenil, na firme convicção de que a educação é o meio para o pleno desenvolvimento do jovem, ela faz frutificar hábitos de compreensão e comunhão que permite ao jovem produzir uma cultura humanizadora que transforma a sociedade. De acordo com a Igreja no Brasil, as juventudes se apresentam para a evangelização da Igreja como uma realidade teológica (CNBB, 2007, n. 81), uma promessa de futuro e os novos areópagos de evangelização.

2. A JUVENTUDE E O PROTAGONISMO JUVENIL

Os jovens em seus diversos segmentos sociais vivem as suas expectativas muito intensamente e estão receptivos a todos os tipos de mudanças; estão com frequência dependentes nos planos econômico e sociais e vulneráveis nas circunstâncias em que estão expostos. No que se segue destacamos o contexto sócio cultural, os espaços sociais, os conflitos e contradições, as vias e os imaginários que caracterizam o *habitat* da juventude contemporânea. Analisaremos o protagonismo juvenil como possibilidade concreta para o desenvolvimento e exercício de cidadania, ao mesmo tempo em que se volta ao jovem como sujeito em relação à formação da identidade e autonomia (COSTA, 2000, p. 150). A criação de espaços para que os jovens possam conhecer, incorporar e vivenciar valores é, segundo Migliori (2002, p. 20) “um compromisso profundo e integral com a ação amorosa através da perspectiva ética e criativa recuperando, na construção do conhecimento e da realidade, a reverência pela vida”.

Em nosso estudo, veremos que o protagonismo juvenil pressupõe uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como mecanismo de fortalecimento da perspectiva de educar para a cidadania, levando-se em conta que o desenvolvimento permanente faz parte da condição de sujeito, sem perder de vista que a pessoa é uma realidade em processo, imersa em seu tempo, no seu cotidiano e na história, pré-requisito para o desenvolvimento autônomo na sociedade.

De acordo com Freire (1996, p. 59) “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder aos outros”. Ao olharmos a nossa realidade, percebemos que os jovens se encontram, de certa forma, desorientados pela cultura-mundo hipermediada. Gilles Lipovetsky aponta para o sujeito da contemporaneidade como um hiperindivíduo, individualizado e ávido por uma “embriaguez de contatos” e que parece ver nessa avidez uma definição possível de sua identidade (LIPOVETSKY; SERROY, 2010). A contemporaneidade é um reflexo da emergência da nova trama de reconfigurações, textualidade e

hibridações que também enredam o sujeito em uma cadeia que recombina alta tecnologia e reconhecimento (SCOLARI, 2008).

Assim, pensar no protagonismo juvenil nos parece ser uma forma de reconhecer que a participação dos jovens pode gerar mudanças decisivas na realidade, social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos. Nesse sentido, passamos a considerar neste capítulo o contexto cultural atual, determinante na construção da identidade pessoal, social e no projeto de vida das juventudes.

2.1 A juventude como sintoma da cultura

A sociedade contemporânea carrega as marcas das inovações tecnológicas, das reviravoltas político-econômicas e dos novos padrões culturais. De acordo com Juvin e Lipovetsky, “ao remodelar o universo material da produção e do comércio, a cultura não é só uma superestrutura sublime de signos. Num contexto dessa natureza, logomarcas, objetos, moda, turismo, habitat, publicidade – tudo tende a assumir um tom cultural, estético e semiótico” (2012, p. 2). Agora, o fator econômico se torna elemento cultural e penetra o conteúdo mercadológico estendendo-se nos vários setores da existência humana.

Ainda segundo Juvin e Lipovetsky, a cultura mercadológica não transcende apenas as particularidades das culturas locais, mas também as antigas dicotomias que estabeleciam diferenças entre produção e representação, entre imaginário e economia, arte e moda, etc. Verifica-se nas sociedades tradicionais “uma inserção do econômico no universo cultural, num emaranhado de influências recíprocas entre a base material, organização social e sistema de valores”. Vivemos num momento em que todos os componentes da vida se acham em crise, desestabilizados de suas coordenadas estruturantes. “Igreja, família, ideologias, política, relação entre os sexos, consumo, arte, educação, não há domínio que escape ao processo de desterritorialização e de desorientação”. Se antes era a cultura tradicional que traçava o ritmo da existência e conferia sentido à vida, “integrando-a num conjunto de parâmetros religiosos, regras e valores, ou seja, em sistemas

simbólicos”, atualmente é a cultura-mundo, a cultura-mercado que nos fornece as referências de vida e o sentido crescente de estarmos vivendo num contexto globalizado (JUVIN, LIPOVETSKY, 2012, p. 3).

Nessa perspectiva, o cenário atual globalizado mostra uma sociedade centrada no conhecimento e no interesse mercantilista. “A globalização econômica visa, naturalmente, a maximização dos lucros e a exclusão das diversidades em favor de uma essência totalitária: sua lógica é mercantilista, seus produtos mercadoria” (DUARTE, 2000, p. 24). Esta lógica é refletida nos vários campos da atividade humana: na política, na economia, na ciência, na educação, na arte, e são assimiladas com maior ênfase pela atuação da mídia. Assim, perante a profusão informacional e a urgência de pertencimento que se faz perceptível contemporaneamente, temos um sujeito que reafirma sua individualidade, ao mesmo tempo em que é detentor de uma identidade desterritorializada, hipermediada e entremeada por atributos de autorreconhecimento e pertenças resultantes de suas interações e interconexões. As redes sociais seriam, assim, o meio possível de representação desse novo mundo que é hipermoderno e engendra as representações de uma cultura mundo possível que recombina os novos signos de consumo, os novos e urgentes objetos de desejo e sede constante por um estado de coisas hipertrofiado (LIPOVETSKY; SERROY, 2010). “De certo modo, reduziu-se o espaço enquanto se acelerou o tempo. Ingressamos na era do espaço-tempo universal, do tempo cibernético global, embora isso não signifique, em hipótese nenhuma, [...] a supressão das distâncias culturais” (JUVIN, LIPOVETSKY, 2012, p. 5).

É nesse contexto de interdependências, de interconexões e interações que se estruturam os referenciais, as novas formas de viver a vida, de se relacionar, de se projetar, de agir. A cultura do negócio trinca por todo lado, exibindo-se na mídia, atraindo o desejo e as aspirações.

Como apontou Bauman (2004), a interação e a conseqüente ampliação do imaginário geram a sensação de que tudo é transitório e mutável, a vida, então, passa a ser percebida como um bem de consumo, não se distinguindo mais padrões tecnológicos e sociológicos. As relações virtuais, rebatizadas de conexões, estabelecem o padrão que orienta todos os outros tipos de

relacionamento, elas parecem feitas sob medida, para a “líquida sociedade”, ou seja, para uma sociedade que se refaz continuamente e que é moldada pelas circunstâncias de cada momento. Duarte complementa a reflexão de Bauman afirmando que:

A superposição de planos e imagens em velocidades distintas, combinadas com a exclusão de temas centrais e a incessante rotação de elementos de forma, pelo menos aparentemente, aleatória, dificulta a percepção dos produtos midiáticos como qualquer coisa que não seja um amontoado de fragmentos cuja dimensão é cada vez mais exígua (DUARTE, 2000, p. 25).

Nesse contexto, as esferas mais diversas do ser humano são entregues ao signo do excesso, da profusão de mercadorias. Para Gilles Lipovetsky (2004)¹, estamos vivendo a eclosão da era do superlativo, “do hiper”, caracterizada pelo excesso, onde até mesmo as reações são extremadas. Nessa cultura paradoxal os extremos perduram, combinando-se excesso de um lado e moderação de outro. Mesmo os comportamentos individuais são pegos na engrenagem dos extremos, do que são prova o frenesi consumista, os esportes radicais, as bulimias e anorexias, a obesidade, as compulsões e vícios. Caminham juntas duas tendências contraditórias: de um lado os jovens que, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde; de outro, proliferam patologias individuais, distúrbios e excessos comportamentais.

Assim, argumenta a CNBB: “Depois de uma longa ‘época de mudanças’, nos deparamos com uma ‘mudança de época’, que enfraquece e altera muito os paradigmas tradicionais que sustentavam certa visão de mundo” (CNBB, 2012, n. 5). Nessa sociedade, o jovem não apenas internaliza o modelo do *homem econômico* que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, religião, política, etc.), mas se depara, também, com a desestruturação de antigas formas de regulação social. “As tradicionais maneiras de compreender o mundo e a maneira de bem viver que serviam de orientação para as pessoas por muitos séculos, sobretudo no ocidente, já não são mais aceitas pelas novas gerações” (CNBB, 2012, p. 9).

¹ A obra de Gilles Lipovetsky, *Os Tempos Hipermodernos* aponta para os extremos que convivem sem se anular.

Nessa nova perspectiva, a da concorrência generalizada, o jovem sente-se desorientado e desenraizado, a incerteza e o risco predominam sobre qualquer ideia de projeto mais sólido de vida (BAUMAN, 2000; BECK, 1999). Este clima de incerteza leva a uma intensificação de um “cuidado de si” (FOUCAULT, 1995). O jovem tem buscado então na “autenticidade” de suas emoções no refúgio de seu “*inner self*” o lugar privilegiado de sua existência, assim como, na partilha destas “vivências” em “comunidades emocionais”, com cada indivíduo que também as experienciou (HERVIEU-LÉGER, 2008).

A projeção disso para o domínio da religião promove, segundo Hervieu-Léger (2008), a gênese de uma “religião pós-tradicional”, assentada nas opções pessoais dos indivíduos, que não provém do que estabelece uma tradição, mas ao contrário, transfere o imperativo do determinismo desta para a iniciativa e criação dos indivíduos, pois o mundo pessoal do jovem é regido de fora para dentro, rompendo com qualquer continuidade. Dessa forma, a falta de vínculos fragiliza a pessoa e a torna passível às mudanças e ao desejo de consumo, narcizando-a, por vezes.

A fragmentação da tradição cultural deu lugar à diversidade de novas visões do mundo e da vida, de estruturas sociais, de relação com o sagrado e de modelos antropológicos. Onde outrora havia valores e critérios que definiam dada realidade ou modo de proceder, agora há uma diversidade de propostas aceitas como válidas num contexto de abertura e experimentações. Portanto, “a expressão ‘mudança de época’, procura conceituar a época histórica por que passamos em que se faz a transição de uma cultura estável para outra, nova e ainda não estabilizada” (CNBB, 2012, p. 10).

A realidade fragmentada em constante transformação instaura uma crise de sentido que atinge os critérios de julgamento e os valores mais profundos levando ao individualismo e a alterações importantes nos papéis tradicionais das instituições e do próprio “eu”. Na era do “hiper”, “hiperconsumo”, “hiperindividualismo”, a religião como uma das bases da cultura sofre grande impacto, pois seus critérios ultrapassam os interesses mercantilistas, envolvem a preocupação com o ser humano na sua integralidade e dignidade, como também na relação com Deus.

Falando sobre a atualidade e sobre os jovens João Paulo II na Carta Encíclica *Fides et Ratio* afirmou:

De fato, não se pode negar que este período de mudanças rápidas e complexas deixam, sobretudo os jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, com a sensação de estarem privados de pontos de referência autênticos. A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a vida pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim a possibilidade de alcançar o verdadeiro sentido da existência (JOÃO PAULO II, 1998, n.6).

A vivência da fé é um processo dinâmico que ajuda a refletir sobre os centros de valor e de poder que sustentam a vida. Nesse contexto como aspecto importante dessas mudanças, pode ser mencionado, a volta ao sagrado, ao misticismo e ao transcendente, independentemente da religião a ser seguida. A juventude tem mostrado que pode suprimir as barreiras relativas a ritos, crenças e filosofias e transitar entre as múltiplas possibilidades em busca de sentido. O que nos chama atenção é a forma como os jovens vivem a espiritualidade e ou religiosidade. “O que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças. É uma dinâmica que tenciona com a figura típica e estável do homem religioso, que é sua condição de praticante” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 10).

Para os jovens de hoje, existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em escolhas individuais e intransferíveis. Essa é uma geração que experimenta mais, que questiona mais os modelos pré-estabelecidos e paradigmas naturalizados. Surgem entre a juventude novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, reproduzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos. O pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens, também nas novas formas de relacionamento tecnológico.

Na geração atual, os jovens experimentam novas formas de se situar no mundo: as categorias *tempo* e *espaço* se diluem em frente à tela do computador. As imagens e os sons se cruzam no planeta, disseminando ideias, criando estereótipos e condicionando o jovem a lógica mercantilista. Mudam-se

também as formas de relações: o jovem, por meio da internet e das redes sociais interage com uma infinidade de pessoas, em diferentes lugares ao mesmo tempo. De acordo com Goffman (2009), o ciberespaço torna-se um lugar para o exercício de um múltiplo “eu” e permite uma experiência viva de troca de identidades que acontece pela alternância de janelas. Onde as “tribos” se interligam por interesses e afinidades e o número de participantes correspondem ao limite estabelecido pela própria pessoa.

Os jovens publicam seus *status*, suas fotos e seus pensamentos nas redes sociais, demonstrando que querem ser encontrados e que desejam transmitir aquilo que são. A comunicação entre eles adquire uma linguagem e um comportamento próprios, como afirma Pereira (2005) “os processos discursivos que ocorrem na Internet, especialmente nas salas de bate-papo, revelam uma comunicação viva, própria da oralidade, elaborada de forma complexa em que leitura e escrita assumem características específicas” (2005, p. 70).

A comunicação através das redes sociais tornou-se um “novo mundo”, no qual os espaços geográficos, etários e socioeconômicos nada representam. Segundo Buckingham, essa forma de comunicação suscita formas de liberdade que, longe de corromper a juventude, está criando uma geração mais aberta, mais democrática, mais criativa e inovadora que a geração de seus pais (2008, p.13). O que leva a reconhecer na juventude valores como a solidariedade, a autonomia, a aposta na capacidade de mobilização da sociedade civil e no revigoramento da democracia como valor.

As mudanças estão ocorrendo em toda parte, ao nosso redor, mas também em nosso interior, em nossa forma de representar o mundo. É urgente que nos equipemos com ferramentas para poder pensar estas mudanças, avaliá-las, discuti-las — em suma, participar ativamente da construção de nossos destinos (LÉVY, 2004). Nesse sentido a CNBB afirma que:

Certamente os meios de comunicação são o apogeu do momento atual. Eles não favorecem apenas o acesso e a difusão de conhecimentos e de informação, mas também estimulam uma nova ambiência humana. Nesse ecossistema comunicativo a que estamos interligados, nós nos tornamos responsáveis pelas nossas escolhas, pelas nossas atitudes, pela religião que abraçamos, pelo

compromisso com o outro, pela ética, pela cultura e sociedade (2012, p. 97)

Os jovens se reconhecem nesse “mundo tecnológico”, nele há a possibilidade de desenvolvimento de suas ideias e o intercâmbio de suas experiências. Entretanto, não podemos homogeneizar, é importante considerar as variáveis sociais a que estão expostos a grande maioria dos jovens. Para muitos o espaço tecnológico se torna motivo de segregação, pois em um mercado que exige constante atualização a falta de recursos financeiros se torna fator de exclusão. Os processos de obtenção de informação e geração de conhecimento passam pela apropriação das tecnologias da inteligência. E grande parcela da população brasileira está excluída do processo, pois não possuem condições financeiras para a obtenção das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em qualquer ambiente seja ele virtual ou não a juventude quer ser respeitada e amada. Sabe-se que não existe um único modo de ser jovem e que o jovem carrega dentro de si medos, inseguranças, valores (mesmo sem o saber), seus sonhos são maiores do que imaginamos. Pensar na construção da identidade do jovem significa pensar em diferentes sujeitos que se movem em um cenário fluído, no qual as influências são diversas, significa, ainda, compreender as esferas da vida que são significativas na construção de sua autoimagem, bem como apreender as relações existentes entre elas. É preciso educar o jovem para atuar como autor e ator de suas decisões que deve necessariamente levar a um conjunto de ações que culminará na construção do seu projeto de vida.

2.2 Protagonismo juvenil: os jovens como atores de sua própria vida

Por protagonismo juvenil² entende-se a atuação educativa junto aos jovens, construída a partir da compreensão da realidade que o cerca e definida

² A palavra protagonismo juvenil deriva do verbo Francês *protagoniste*, que, por sua vez, deriva do verbo grego *prōtagōnistēs*, e que significa aquele que “combate na primeira fila; que ocupa o primeiro lugar; personagem principal. Já a forma protagonista foi registrada em língua português em 1615 e parece ter sido formada com os vocábulos gregos *prōtos* (primeiro, principal) e *agōnistēs* (lutador, competidor). (SOUZA, 2008, p. 9).

como forma de intervenção sobre essa realidade. O protagonismo juvenil é o processo no qual o jovem é simultaneamente sujeito e objeto da ação de desenvolvimento de suas potencialidades. Dessa forma, o protagonismo juvenil contribui para a formação de pessoas mais autônomas e comprometidas socialmente, com valores de solidariedade e respeito mais incorporados, o que contribui para uma proposta de transformação social.

Para Costa:

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária, igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (2001, p. 90).

O desenvolvimento do protagonismo parte do pressuposto de que, o que os adolescentes/jovens pensam, dizem e fazem transcende os limites de seu entorno pessoal e familiar. Assim, a concepção de educação contida na proposta de protagonismo juvenil deve ser entendida de forma abrangente, não podendo limitar-se à educação escolar, mas incluindo outros aspectos que possam auxiliar os jovens no exercício da vida pública, como o desenvolvimento pessoal, profissional, as relações sociais e o trato com as questões do bem comum.

O artigo 205 da Constituição diz: “A educação é um direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade civil, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O artigo 1º, da LDB, afirma: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nos movimentos culturais”. O desenvolvimento do protagonismo juvenil no Colégio Marista está ainda integrado com uma proposta pastoral que parte de uma concepção positiva de juventude, em que os jovens são enxergados como detentores de potencial de ação e transformação sociais, passando a ser agentes do processo educacional e não meros receptores de conhecimentos e de propostas pré-definidas.

Sabe-se que a participação dos jovens em projetos sociais e comunitários não é um elemento novo na história brasileira. A juventude dos anos 60 e 70 ficaram notadamente conhecidas por sua participação social e política, que apontou os estudantes como seus principais protagonistas, os quais tomavam as ruas para manifestar seu descontentamento não apenas com questões estudantis da época, mas com questões nacionais e mundiais. Entretanto, os tempos mudaram e novas juventudes, mais especificamente a juventude pobre, ganha voz na vida pública com o processo de redemocratização do país, ao mesmo tempo em que uma nova concepção política é desenvolvida a partir da ampliação do que possa vir ser o “público” e o “privado”. Assim, hoje, criam-se novas formas de participação político-social e o desenvolvimento do protagonismo juvenil, diferencia-se do de outras épocas principalmente porque as ideias e iniciativas são oriundas dos próprios jovens, o que em outras épocas foi determinado pelos adultos em ideários já pré-definidos.

Nesse sentido, compreende-se o protagonismo juvenil não apenas como um depositar de confiança nos jovens, delegando ações, mas principalmente quando incluímos os jovens em processos de decisão. O crescimento pessoal que leva ao protagonismo tem seu fundamento no desenvolvimento da auto-estima e na construção da identidade. É a partir do compreender-se e aceitar-se, base da autoconfiança, que o jovem amadurece sua personalidade e desenvolve um sentimento positivo em relação a si mesmo. O reconhecimento positivo das capacidades e das limitações possibilita a construção de uma identidade genuína e autêntica, destemida frente ao futuro, levando-o a refletir sobre suas escolhas de modo autônomo e comprometido. Além disso, essa experiência proporciona momentos para a fundamentação do projeto de vida pessoal.

Educar, de acordo com a visão aqui defendida, significa criar espaços para que o educando possa empreender a construção do seu ser, ou seja, a realização de suas potencialidades em termos pessoais e sociais. O jovem, no interior dessa visão, passa a ser visto como sujeito, ator de sua própria história. O projeto de vida pessoal nasce como desejo intenso em relação ao futuro, algo que ultrapassa o racional. Tudo aquilo que o jovem sonha e deseja para

si, vai se delineando, assumindo sentido e torna-se uma determinação de vida tão forte que possibilita assumir trajetórias e vencer etapas para atingir o fim almejado. “A beleza do sentido da vida está no fundamento da autodeterminação, ou em outras palavras, da busca de autonomia” (COSTA, 2001, p. 37). No desenvolvimento da autonomia e do projeto de vida tudo que contribui e agrega valor à existência é sentido como valor e tudo aquilo que impede, desvia ou detém esse projeto de vida é visto e sentido como agressão.

A atuação protagonista junto aos jovens se posiciona contrária a atitudes paternalistas, de assistencialismo ou manipulação; antes, deseja contribuir para a formação de jovens capazes de exercer sua autonomia usando critérios de avaliação e decisões fundamentadas em suas crenças, valores e pontos de vistas.

Valores e atitudes são, em grande parte, construídos pela cultura, e podem servir de fundamento em modelos de comportamentos, desse modo uma educação para a mudança, como é o protagonismo, precisa considerar a superação dos limites e condicionamentos que a cultura impõe. “O contexto histórico e os estados pessoais condicionam as possibilidades efetivas de liberdade, sem, todavia anulá-las” (PERETTI, 2010, p. 52). A prática do protagonismo permite ao jovem vivenciar, identificar e incorporar valores, pois o discernimento de valores, apesar da influência cultural, pode ser um processo individual, efetivado a partir de uma consciência livre e comprometida, que nos inclina para certa direção.

Quando significamos alguma coisa essa atribuição pode ser positiva (valor) ou negativa (contra-valor), a indiferença significa que aquilo com que se depara não representa nenhum valor, pois: “Valor é a força capaz de tirar o homem da sua indiferença e provocar nele uma atitude de avaliação, porque contribui de alguma forma para sua realização pessoal” (GASTALDI, 1995, p. 46). As significações vêm acompanhadas por indagações, inclusive sobre a existência humana, responder a essas questões pode significar abrir-se a vida em tudo que ela tem de evidente e de misterioso.

A vida adquire um significado transcendente, quando encontramos a fonte do sentido de nossa existência. Como ser essencialmente espiritual a fonte de sentido para a vida do jovem, pode vir do encontro com a pessoa de

Jesus Cristo e com seu evangelho. Essa descoberta pode acontecer pela educação e pelo testemunho, segundo Peretti:

O ser humano acede existencialmente ao conhecimento de Deus por muitas vias. A pessoa se abre frequentemente a Deus desde a sua infância, graças à educação recebida. Em outros momentos, a palavra e o testemunho de outros permitiram descobrir que a existência humana é chamada a uma dimensão desconhecida precedentemente e que, todavia, constitui a instância definitiva (2010, p. 61).

A dimensão da transcendência como caminho, define um sentido contrário ao de suficiência: é abrir-se ao inteiramente novo e reconhecer-se incompleto, frágil e precário, mas ao mesmo tempo capaz de acolher, elaborar e comunicar aos outros a percepção da vida em sua grandeza infinita. Abrir-se para a dimensão espiritual cristã requer assumir compromissos com o projeto de Jesus, é assumir um ato de esperança ativa, de crença na solidariedade humana e no compromisso dos seres humanos com a própria dignidade. Como afirma Pagola:

Este caminho cristão é um percurso que vai sendo feito passo a passo ao longo de toda a vida. Às vezes parece simples e plano, outras duro e difícil. No caminho há momentos de segurança e prazer, e também horas de cansaço e desânimo. Seguir as pegadas de Jesus é dar passos, tomar decisões, superar obstáculos, abandonar sendas equivocadas, descobrir horizontes novos... Tudo faz parte do caminho (2012, p. 9).

À priori, a espiritualidade pressupõe uma relação concreta entre o ser humano e Deus, relação onde a pessoa participa em toda sua totalidade e integridade. Deus, então não é algo distante e desconhecido, mas torna-se parceiro desejoso de que desenvolvamos toda nossa potencialidade, personalidade e humanidade. Segundo Boff:

Deus e o mundo são diferentes [...] mas estão abertos um ao outro. Encontram-se sempre mutuamente implicados. Se são diferentes é para poderem se comunicar e estar unidos pela comunhão e mútua presença. Por causa desta mútua presença, supera-se a simples transcendência e a pura imanência. Surge uma categoria intermediária, a transparência, que é exatamente a presença da transcendência dentro da imanência (1995, p. 236).

A concepção de que a espiritualidade é algo próprio à essência humana, independente das formas como se expressa, condiz com a concepção antropológica do protagonismo que vê o jovem como um ser de relação: consigo mesmo, com os outros, com o ambiente em que vive e com a relação transcendental da existência humana.

Para a Igreja do Brasil “protagonista é aquele que participa da sociedade e da Igreja de modo a influir significativamente nas transformações que fazem o mundo melhor” (CNBB, 2012, p. 76). O jovem é a grande esperança para o futuro das nações e também das religiões, eles possuem uma linguagem própria e compreendem melhor o contexto em que vivem. Assim, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), defende que os jovens devem ser organizados pelos próprios jovens, também no âmbito religioso. A partir de um itinerário formado por etapas de amadurecimento pessoal e comunitário, o jovem se compromete em tornar-se protagonista de sua ação evangelizadora, “Cada etapa abre horizontes que permitem aos jovens definir um projeto de vida baseado nos valores do Evangelho conduzindo ao comprometimento com a libertação do homem e da sociedade, levando a uma vida de comunhão e participação” (CELAM, 1992).

Entre as propostas da educação para o desenvolvimento do protagonismo juvenil enfatiza-se o reconhecimento de que todo ser humano nasce com potencial e que tem o direito de desenvolvê-lo. Toda condição impeditiva de que isto ocorra é em si mesma, uma violência. Para desenvolver esse potencial os jovens precisam de oportunidade, pois o que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas, das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Os dois fatores são complementares: não adianta ter oportunidades e não saber fazer escolhas, como, tampouco, não adianta saber fazer escolhas e não ter oportunidades.

Todo jovem tem o direito de ser acompanhado e preparado para fazer escolhas que verdadeiramente desenvolvem seu potencial humano. O acompanhamento baseado nos valores do evangelho e a educação mostram-se como caminhos para que os jovens adquiram as capacidades que lhes permitam fazer escolhas certas para seu projeto de vida. A Igreja Católica

afirma que Deus se mostra na realidade juvenil, é preciso descobrir dentro dessa realidade o mistério que Ele quer nos revelar por meio do rosto jovem.

A Palavra de Deus e a história da Igreja apresentam vários testemunhos de jovens que, uma vez valorizados e chamados por Deus, assumiram sua vocação de missionários da vida plena em contextos não condizentes com o projeto divino. Deus nunca deixou de confiar nos jovens e de reconhecê-los como grandes transformadores da realidade (CNBB, 2012, n.125).

A espiritualidade não é uma dimensão separada da vida, mas uma orientação que abrange a pessoa como um todo e que oferece sentido para pensamentos e ações dentro de contextos históricos, econômicos, sociais e culturais e com suas implicações para a juventude.

Para o protagonismo, portanto, a autonomia não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada. No capítulo III veremos que o protagonismo juvenil enquanto proposta pedagógica propicia aos (às) adolescentes vivências importantes para a formação de sua identidade, autonomia e valores, ou seja, a participação em projetos de protagonismo favorece o desenvolvimento humano pleno e a formação para a cidadania na real concepção da palavra, uma vez que possibilita que o (a) jovem, entre seus iguais, execute ações voltadas à formação do senso crítico, ao uso da criatividade, à iniciativa e da mobilização a favor de causas sociais que percebam ser relevantes, para si próprio, para sua família, seu grupo social e sua comunidade.

A seguir, será aprofundada a categoria juventude/s, pois acreditamos que não há apenas uma juventude e uma cultura juvenil, mas várias que diferem segundo condições sociais e históricas específicas. Nesse contexto, deve-se assinalar que a *juventude* é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo os diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais e culturais. A percepção da juventude como categoria social é própria da contemporaneidade e a necessidade de uma atenção diferenciada para os jovens tem convocado nas últimas décadas, países e Estados a pensarem estratégias que contribuam para incorporar os jovens como protagonistas nos diferentes espaços da sociedade.

2.3 Juventude, juventude (s)

De início, é importante salientar que é possível perceber a categoria juventude ao menos conforme dois registros: os sujeitos ou grupos sociais podem se autoidentificar como jovens ou como portadores de uma cultura juvenil. Podem também ser identificados como tais por outros segmentos etários ou instituições (Estado, família, organizações) que os caricaturizam, elegem um ou alguns traços como essência que caracterizaria a juventude (CATANI; GILIOLI, 2008). Nesse sentido, pode-se dizer que, para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade. Essas formas de identificação costumam aparecer juntas na prática, mas sua distinção é útil para delimitar os contornos que a juventude pode tomar em diferentes contextos sociais, políticos e históricos. O primeiro problema ao se falar de juventude(s) e sua(s) cultura(s) é defini-las. A categoria “juventude” é imprecisa, pois abarca elementos de caráter não apenas etários e biológicos, mas, sobretudo elementos socioculturais (que variam de acordo com as diferentes culturas e mesmo no interior de cada cultura).

É importante salientar também que a categoria juventude nem sempre existiu como categoria socialmente visível (SPOSITO, 2000). Portanto, não há como se aplicar ao conceito normas consensuais, pois juventude é uma situação vivida em comum por certos indivíduos; trata-se, então, não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que possuem importante influência nas sociedades. De acordo com Groppo (2000), há a necessidade de se analisar as situações sociais que envolvem esta nova geração, compreender o conjunto complexo de questões de vida do jovem a partir do pressuposto de que ele é um ser com necessidades integrais.

Para os autores Rodriguez, Castro, Abramoway, Lima e Pinheiro:

Nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem esse período vital da mesma forma, nem atingem as metas ao mesmo tempo. Daí que a partir da sociologia e das ciências políticas se insiste na necessidade de se incorporar outras dimensões a análise do conceito,

pois juventude tem significados distintos para pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, e é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias (2004, p. 25).

Para Pais (1993, p. 140), é possível agrupar o conceito juventude em duas grandes linhas: uma que considera juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, ou seja, pertencerem a dado grupo etário; e outra, de caráter heterogêneo, que reconhece a existência de múltiplas culturas juvenis formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade. Para essa linha de pensamento tem se aplicado cada vez mais o termo *juventude (s)* no plural, referindo-se às especificidades e a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria.

A consideração pela faixa etária tem seu significado na elaboração das políticas públicas, pois permite a visibilidade populacional, dado importante na busca e conquista de direitos. Dessa forma, mesmo que o desenvolvimento biológico seja fundamental as questões socioculturais se mostram determinantes para que aconteça o recorte entre o que consideramos adolescência, juventude e idade adulta.

De acordo com Abramoway e Esteves (2007), as definições de juventude transitam então por dois critérios principais que parecem se complementar: o critério etário e o critério sociocultural. Porém, não existe homogeneidade em nenhum dos critérios para que se determine de forma definitiva o conceito juventude, ambos necessitam considerar as relações históricas e as trajetórias construídas. De acordo com Bourdieu não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma faixa etária. Mas trata-se de um grupo heterogêneo com diferentes parcelas de oportunidades e poder nas sociedades (BOURDIEU, 1983, p. 74).

Ser jovem, portanto é parte do processo que constitui o sujeito, esse processo acontece influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pelas trocas que esse meio proporciona. Na realidade, segundo Dayrell, “não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a

experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem” (2007, p. 4).

A definição de juventudes, portanto, pode ser deliberada como a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe (ABRAMOWAY e ESTEVES, 2007, p. 21).

A despeito da diversidade, na sociedade atual, a figura do jovem é marcada, por idealizações de beleza, vigor e liberdade. Como ideal estético viabiliza a comercialização de atributos que associados a ela se tornam rentáveis na forma de mercadorias, veiculando desejos de distinção e de legitimidade. “A sociedade faz deles um mito” (LIBANIO, 2011, p. 247). A realidade demonstra que os jovens hoje constroem a noção de identidade, de como se enxergam dentro do sistema, pela experimentação do consumo. Mesmo os jovens que ainda estão afastados do mercado de trabalho vão sendo socializados para aceitar essa cultura, em que a dimensão estética da vida é tratada como determinante para a inserção no grupo mais amplo. Entretanto, o consumo nem sempre é possível e se transforma em frustração, porque a indústria cultural em vista da ideologização da juventude procura homogeneizar os personagens, sem considerar as grandes diferenças que a sociedade oferece a cada um.

“Cada grupo humano tem uma escala de valores, que podem emanar das mais diversas fontes: valores coletivos impostos pelo exemplo, normas, pautas de comportamento, moda, prestígio e outros” (COSTA, 2001, p. 54). No meio cultural consumista o jovem é preparado para almejar com afinco o sucesso. É certo que o meio ambiente cultural e até mesmo os sistemas educativos, influenciam os jovens para que assimilem o modo materialista de ser, com a correspondente valorização do “ter”: dinheiro, *status*, conforto, bem-estar, tranquilidade e segurança.

Assim como a vivência da autonomia é um processo, a vivência do protagonismo também é um processo. O protagonismo sempre é uma conquista, o mesmo se deve dizer da autonomia.

Na visão do protagonismo juvenil o simples fato de refletir sobre os valores de uma cultura leva o jovem a romper um grande silêncio, preencher um enorme vazio e preparar o terreno para profundas transformações. Muito embora o discernimento de valores seja um processo individual, a mudança requer uma ação comunitária que reflita sobre os valores culturais e que decida sobre aceitá-los ou substituí-los, tarefa que compete a toda nova geração.

Diante deste panorama, surge o convite para um novo olhar que devemos direcionar sobre a juventude, valorizando e acreditando na sua diversidade. Conforme Pais (1993), “não há de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe parecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente, a diferentes teorias” (p. 36). Para Maffesoli (1998), falar de jovens é considerar a formação de grupos heterogêneos, que foram denominados de “micro-tribos”, entendendo que se revestem de características comuns, tais como: sentimento, comportamento ético e forma de comunicação. A escolha e adequação a uma determinada tribo coincidem com a integração específica a um grupo de pertencimento que induz ao exclusivismo, gerando a formação de uma matriz de identidade com suas características visíveis e reconhecíveis. Nas “tribos”, os jovens ancoram-se na segurança do grupo, assim como adotam para si os deveres, os códigos de honra e as obrigações determinadas pela própria tribo. A formação de tribos vai de encontro a um processo de desindividualização regida por uma “comunidade emocional” que é aberta, instável e propensa à moral dominante.

Por outro lado, observa-se que o jovem, ao participar da organização em grupos, movimentos ou pastorais, vai desenvolvendo habilidades de liderança. Aprende a ouvir, a comunicar suas ideias, a analisar criticamente a sociedade ao seu redor e a criar espaços de diálogo e de decisões co-responsáveis. A partir dessas experiências, o jovem se educa para se inserir na sociedade, para fomentar mudanças de estruturas que se fazem necessárias. A participação nas estruturas de organização dos diferentes grupos ajuda a mudar a mentalidade e comportamentos dos jovens, além de vencer atitudes individualistas, pois em meio a conflitos de opinião o jovem se vê obrigado a

aceitar críticas, a escutar e a entender a perspectiva dos outros, e pode ser podado para crescer mais. Para a CNBB:

A evangelização dos jovens não pode visar somente as suas relações mais próximas – como o grupo de amigos, a família - a amizade, a fraternidade, a afetividade, o carinho, as pequenas lutas do dia-a-dia. A ação evangelizadora deve motivar o envolvimento com as grandes questões que dizem respeito a toda a sociedade, como a economia, a política e todos os desafios sociais de nosso tempo (CNBB, 2007, n. 83).

Vários setores da sociedade e da Igreja vêm organizando projetos de defesa dos direitos, de formação integral e de acompanhamento da juventude. Uma das características que se observa na sociedade contemporânea, é a necessidade e a busca de preencher um vazio que passou a tomar conta das pessoas. Imersos num sistema ligado a competência, a incerteza e a exclusão, também os jovens querem ser aceitos e incluídos.

Como grupo populacional a juventude reivindica o direito de participar ativamente das decisões sociais e de exercer o pleno exercício da cidadania. Esse direito lhe é garantido legalmente pela Constituição Brasileira de 1988, que em seu artigo 5º estabelece que perante a lei, todos são iguais em direitos e deveres, sem distinções de sexo, classe social, idade ou qualquer outra forma de discriminação. O Estatuto da Juventude (2007) contribui no reconhecimento desse direito quando define obrigações da família, da sociedade e do poder público, assegurando aos jovens o direito à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil. Como instrumento jurídico, o Estatuto da Juventude permite discutir, formular, executar e avaliar políticas públicas para a juventude.

Outro órgão no Brasil que participa com o desenvolvimento de diretrizes para com a juventude é a Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB). A Conferência criou em âmbito Nacional o Setor Juventude, espaço que objetiva articular, convocar e propor orientações para a evangelização da juventude, promovendo o protagonismo juvenil, a diversidade de carismas, as diversas organizações e a espiritualidade como unidade de forças ao redor de metas e diretrizes.

Segundo o Documento 85 da CNBB “*Evangelização da Juventude*”, uma das principais atribuições do Setor da Juventude, é estabelecer linhas pastorais comuns para os diversos segmentos juvenis atuantes na Diocese.

Tanto as pastorais como os movimentos, novas comunidades e congregações religiosas precisam se conhecer mutuamente e, juntos, encontrar seu lugar na Pastoral de Conjunto da Igreja local, em comunhão com as orientações específicas do Bispo Diocesano (CNBB, 2007, p. 195).

No âmbito católico o Papa João Paulo II em seu pontificado dedicou atenção especial aos jovens. O grande marco dessa proximidade foi a criação das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) em 1985. Iniciativa pioneira que anualmente incorpora jovens do mundo inteiro para celebrar, aprender sobre a fé católica e construir pontes de amizade entre os jovens de diferentes nacionalidades e culturas. João Paulo II chamava os jovens a evangelizar e a responder aos desafios da vida com atitudes de paz, a exemplo de Jesus Cristo:

Sabemos que a paz é antes de tudo um dom do Alto que devemos pedir com insistência e que, além disso, devemos construir entre todos mediante uma profunda conversão interior. Por isso, hoje desejo pedir-vos que sejais realizadores e artífices de paz. Respondei à violência cega e ao ódio desumano com o poder fascinante do amor (JOÃO PAULO II, Madri 2003).

Bento XVI, reunido com os jovens em Madri, afirma que: “a Jornada Mundial da Juventude traz-nos uma mensagem de esperança, como uma brisa de ar puro e juvenil, com aromas renovadores que nos encham de confiança face ao amanhã da Igreja e do mundo” (BENTO XVI, Madri, 2011). O Episcopado Brasileiro em seu cuidado com a juventude ressalta que, os jovens merecem da Igreja uma atenção particular frente à sociedade de hoje:

Cuidado particular merecem os jovens, considerando-se a situação que encontram na sociedade de hoje. Ela lhes apresenta uma oferta imensa de experiências potenciais e de conhecimentos, mas não lhes fornece recursos adequados para satisfazer suas aspirações. Além disso, muitas vezes os desvia para caminhos ilusórios de busca do prazer. Os jovens ‘são um grande desafio para o futuro da Igreja’, que deve torná-los ‘protagonistas da evangelização e artífices da renovação social’ [...]. Grande importância tem uma Pastoral da Juventude, amadurecida e assumida pela Igreja em seu conjunto (CNBB, 2003, 71, n. 198).

Como agentes de renovação da Igreja e da sociedade os jovens, de modo geral, são mais sensíveis e propensos a mudanças. Como sujeito ativo o jovem age no mundo e sobre ele, se apropria do social transformando representações, aspirações e práticas, enfrenta determinações sociais dá sentido ao seu mundo e as relações que constrói. “O mundo adulto observa com desconfiança essas manifestações juvenis, e seus protagonistas são, de pronto, rotulados de “rebelde sem causa”, expressão que, no fundo, quer significar “sem vinculação com ideais pré-estruturados pelas gerações precedentes” (COSTA, 2001, p. 25). É preciso compreender que, assim como o crescimento, o desenvolvimento faz parte de um processo totalizador que envolve o ser humano, as transformações e mudanças são características da vida do indivíduo e constituem-se numa busca de si mesmo.

Do exposto até aqui, deduz-se que não existe uma única percepção do que seja juventude, mas uma multiplicidade de juventude, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, condições e contextos sociais que variam de um período histórico a outro; por isso o termo juventudes. No que tange às políticas públicas para o segmento juvenil, se faz necessário, inicialmente, conhecer o objeto de análise em que a “elaboração de perfis da juventude brasileira tem por objetivo diagnosticar pontos possíveis de intervenção do poder público” (DUARTE, 2000); de onde depreende-se a contribuição de projetos de organizações não governamentais, políticas públicas voltadas para o jovem e programas governamentais na elaboração/construção de suas formas de ser e viver sua condição juvenil.

2.4 Juventude: em processo de transição

O conceito que define a condição do ser humano como “jovem” é uma construção recente na história, nasceu com a revolução industrial, o mundo do trabalho e seguiu com a segmentação do mercado. Segundo Abramo, a significação social e os atributos das fases de vida são culturais e históricos, e a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada (2008, p. 40). Para Rodriguez, Castro, Abramoway, Lima e Pinheiro (2004), a passagem da sociedade rural para o urbano, do agrário para o industrial e

deste para a sociedade do conhecimento favoreceu o alargamento da abrangência do que se considera hoje como âmbito juvenil.

O reconhecimento do conceito juventude se deu a partir da educação formal, projeto da modernidade que ficou a cargo do Estado. O processo que conhecemos como escolarização, estabeleceu a separação entre seres adultos e seres em formação. Constituindo-se como uma espécie de ordem hierárquica fundamentada nas relações entre as fases da vida. Bourdieu (1983), em seu artigo “A juventude é apenas uma palavra”, enfatiza que o conceito de juventude é uma construção que serve a um controle social e estabelece divisão de poder com interesses estratégicos e ideológicos.

Na sociedade rural o jovem participava ativamente na execução dos trabalhos domésticos e na agricultura, a mudança para o mundo urbano deixou-o à margem dos acontecimentos, como em um compasso de espera. O mundo urbano gerou dois dinamismos que segundo Costa (2001) são responsável pela chamada problemática juvenil: o intenso relacionamento entre os jovens e a grande disponibilidade de tempo livre, que as pessoas dessa faixa etária passaram a usufruir na sociedade industrial.

O maior relacionamento entre os jovens foi propiciado pela proximidade das casas e a disponibilidade crescente de tempo livre foi consequência do consenso social, refletido nas leis, que confirma a idade escolar como um tempo de preparação para a vida (moratória social)³, retardando a iniciação no mundo do trabalho e afastando os jovens das decisões sociais.

As legislações referentes à idade mínima para o ingresso na vida produtiva reforçam essa tendência. Os dois dinamismos, a disponibilidade de tempo e a maior convivência entre os jovens, são fatores que não vieram acompanhados de políticas adequadas para a canalização construtiva dessa energia e tempo em proveito do próprio jovem e da sociedade.

Ainda hoje são visíveis as consequências desse abandono, o aumento, entre a população jovem, do uso de álcool, fumo e drogas ilícitas, problemas

³ Moratória social: crédito de tempo concedido ao indivíduo que protela sua entrada na vida adulta e possibilita experiências e experimentações que favoreceram o seu pleno desenvolvimento, especialmente em termos de formação educacional e aquisição de treinamento (CASTRO, e AQUINO 2008, p.10).

que envolvem vida sexual, como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, além da violência que tolhe precocemente a vida de muitos jovens. Esses fatores afetam os jovens de forma generalizada, mas são reforçados pelo aumento do índice de pobreza que afetam grande número de jovens. Sem políticas públicas adequadas “os jovens, principalmente os das classes populares, ficaram entregues a si mesmos” (COSTA, 2001, p. 21).

A resposta do mundo adulto a esse quadro na época foi correcional repressiva (vigiar e punir), seguida de programas preventivos, que procuravam afastar os jovens dos fatores de risco, fazendo-os ver os danos decorrentes da exposição a tais fatores. Entretanto, essas políticas não se mostraram eficientes, visto que as várias situações envolviam prazeres e riscos, fatores que atraem os jovens. Passou-se então a adotar medidas pedagógicas de prevenção fundamentadas em fatores que reconhecem as necessidades básicas dos jovens, como afirmação da identidade e a valorização da auto-estima, deixando em segundo plano as abordagens do modelo de dano e causa. Essa evolução levou ao desenvolvimento da atuação protagonista que pensa o jovem como sujeito capaz de atuar, responder e transformar satisfatoriamente a sua realidade.

Como momento vivencial, a juventude é distinguida pela intensidade das transformações que marcam a consciência do indivíduo e que definem a nova originalidade que vai se posicionar frente à herança social e cultural. Conforme Mannheim, este é um fator importante a ser considerado, porque esse novo contato assume uma tipologia de potencialidade, uma vez que: “como novo participante no processo da cultura, a mudança de atitude ocorre diferentemente em cada um, fazendo com que a atitude em relação à herança transmitida por seus predecessores seja completamente nova” (1982, p. 75).

Os agentes socializadores, dentre os quais a família, a escola e a religião, gradativamente vêm perdendo espaço e exclusividade no processo de socialização juvenil. É preciso considerar que “os modos como os jovens vivem essa etapa de vida se alternam, vigorando uma confluência de vários processos de socialização na experiência juvenil, na qual nem a família, nem a escola têm mais monopólio” (SPOSITO, 2000, p. 17). Para a CNBB:

Nesse momento da história, os jovens se deparam com grande fragilidade de instituições que outrora eram incumbidas de acolhê-los e de servi-los, como a família, hoje fragmentada; as instituições de ensino, que já abdicaram da função de formar e procuram apenas informar; o Estado, que oferece estruturas deficitárias para o desenvolvimento do potencial juvenil, e mesmo as Igrejas, que já não contam com tantos voluntários para esse serviço. No entanto, a brava juventude não aferrece diante das dificuldades e vai desbravando novos caminhos com seu protagonismo (2012, p. 14).

Para Dayrell (2007), a escola vive uma crise na sua relação com a juventude. As tensões segundo o autor são expressões das mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições, os processos de socialização das novas gerações e interferindo na produção social dos jovens. Ainda, segundo o autor, há um novo modo de ser jovem, com novos símbolos e novas práticas culturais. Essas práticas manifestam as mutações ocorridas nos processos de socialização e colocam em questão o sistema educativo e suas posturas pedagógicas. Para Sposito (2000) os jovens trazem para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola.

A visão negativa e preconceituosa prossegue no imaginário social e educativo, pelo qual o jovem é concebido como um “vir a ser”, ou seja, como um ser ainda incompleto. Persiste, ao mesmo tempo, também o preconceito quanto à classe social e raça que vincula os jovens as situações de risco e de violência. Essas representações são reflexos da visão que a sociedade aplica aos atores juvenis. Sobre isso Dayrell (2007) afirma que:

Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o ‘jovem’ existente no ‘aluno’, muito menos compreender a diversidade (2007, p. 1117).

O jovem de menor poder aquisitivo tem uma dupla determinação de posição social, ou seja, é rotulado negativamente por ser jovem e vulnerabilizado por ser pobre. O fator econômico produz vulnerabilidades, mas também produz resistências que se manifestam como estilo de comportamento. É no encontro com outros jovens, na mesma situação, que se

criam formas de existência social particular, que os ajuda a criar vínculos sociais nas cidades. Os jovens de grupos pobres, com baixa escolaridade e pouca disponibilidade de capital cultural, frente a um mundo fragmentado que dificulta a mobilidade e até mesmo a abstração, criam mecanismos próprios de classificação que os orientam em seus pertencimentos e inteirações diárias.

O jovem procura a proximidade com outros semelhantes, baseado em critérios de exterioridade, de onde resulta a aparente homogeneidade observada em grupos de jovens. A dimensão simbólica é geradora de representação social e funciona como princípio de diferenciação demarcando posições, espaços e ordem social dentro do grupo. Os diferentes grupos agregam elementos visuais que os distingue, identifica e que os constitui. Como uma linguagem apropriada, vestimentas com características do grupo, o corte de cabelo, até mesmo a gestualidade corporal, são elementos que constituem o grupo e vão moldando os indivíduos, e pelos quais se reconhecem e são reconhecidos.

Para os agrupamentos juvenis o fator econômico é ordenador da ordem social, deslocados em certos ambientes e donos do território em outros. Nas metrópoles coexistem códigos e lógicas diversas que são geradoras de tensões e conflitos entre os diferentes segmentos, um lugar onde mundos diferentes coexistem em espaços restritos. Essa realidade gera um espaço urbano com diferentes mobilidades, materiais e simbolismos, que definem mundos diferentes que se entrecruzam no espaço físico e no espaço cultural.

Os diferentes grupos são espaços marcados por hierarquias muitas vezes dissimuladas pelo efeito da naturalização. Ao se tratar com juventude é interessante considerar as condições objetivas de sua existência e as relações que se estabelece em determinado espaço social e como esses contribuem na construção da identidade.

2.5 Juventude e múltiplas pertencças

Como sujeitos os jovens ocupam um lugar social, no qual produzem reflexão sobre suas experiências de vida e sobre o modo como se posicionam diante dela. Segundo Melucci (2004) o mundo da cultura e do lazer é espaço

privilegiado para o jovem formar representações simbólicas e rituais. Pois, os conflitos e movimentos sociais em sociedades complexas mudam do plano material para o simbólico. A produção material de uma sociedade é então transformada em produção de signos e de relações sociais que codificadas intervêm na constituição do eu. São trajetórias extremamente ricas e complexas, nas quais os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno das culturas juvenis. Estas se alteram conforme os espaços, tempos e contextos em que estão inseridos. São diferentes segmentos juvenis que geram demandas e constroem identidades originais e caminhos diferenciados na busca pela sua emancipação.

Ainda, segundo Melucci (2004) a busca do jovem na construção da identidade conduz a tendência de agrupamentos, de atitudes de contestação, de deslocamentos constantes de vínculos, fatores que colocam as atividades culturais e de lazer como de importância significativa na vida dos jovens. Para o autor, a identidade se constitui a partir da capacidade de auto-reconhecimento e da possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros. Nessa polaridade de um lado encontramos aquilo que somos e confiamos ser reconhecidos pelos outros, assim como reconhecemos a diversidade de tantos outros.

A identidade se funda na relação social como capacidade de reconhecer os efeitos de nossas ações, não como simples reflexos biológicos e ambientais, mas como produções simbólicas de sentido, que ao serem reconhecidas como nossas, se tornam nossa propriedade e permitem troca com os outros. Para Louro devemos considerar que: “As identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. [...] As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1999, p. 27).

O processo de desenvolvimento e afirmação pelo qual passa o jovem envolve então a forma como ele se vê e vê o mundo ao seu redor. Na busca de afirmação pessoal o jovem se mobiliza em torno de grupos, para práticas coletivas que oferecem espaços de desenvolvimento e experimentações. Os espaços de cultura e de lazer, com suas diferentes maneiras de usar o tempo e diferentes formas de pertencimento, criam oportunidades concretas para a

formação de valores e para a construção da identidade. Através das atividades lúdicas, esportivas ou recreativas e do intercâmbio de experiências e de informações, o jovem amplia seus referenciais de valores nas relações que se estabelecem e que permitem fazer a experiência da individualidade e das diversas identidades necessárias para conviver em sociedade.

Para Barral (2004), a construção da identidade é um processo social e simbólico que no “segmento juvenil tem nos espaços de lazer um dos aspectos diferenciadores das múltiplas identidades que emergem em vários modos de ser jovem”. A grande variedade de grupos e suas diferentes expressões tornaram evidente para a sociedade a importância que eles ocupam na formação da juventude. A tendência à grupalidade é parte constitutiva do modo de ser dos jovens. “É no calor da atmosfera grupal que eles vão incorporar ou não as propostas e mensagens que lhes chegam do mundo adulto” (COSTA, 2001, p. 19).

O jovem hoje se mostra menos preconceituoso e mais aberto ao diálogo e aos novos valores. Busca expressar esses valores na dimensão simbólica encontrada nos grupos de pertença e as expressa em comportamentos e atitudes. Segundo Oliveira (2002) “o surgimento dos vários grupos urbanos na atualidade, podem ser definidos como fenômeno cultural”. São pequenos grupos que se reúnem por identificação e conveniência como: “tribos”, “gangues”, “turma” e podem usar de expressões culturais como: teatro, dança, música (grafiteiros, rappers, góticos etc.) ou podem pertencer a associações esportivas (time ou torcida), jovens de pastoral e tantos outros.

Além das características próprias os grupos, conforme Maffessoli (1998) e Bennett (2000) se reúnem em organizações sem características políticas, nas quais os interesses para a afiliação brotam dos sentimentos e interesses comuns, o “estar junto” é a característica essencial desses agrupamentos, além da partilha de valores e de ideais que podem estar circunscrito a uma localidade e, ou aos diversos modos de expressão dos grupos.

Bennett (2000) complementa esse pensamento quando afirma que as manifestações socioculturais juvenis, podem ser enfocadas pelo conceito de “comunidade”. Como conjunto que se organiza a partir de normas comuns, mesmo espaço físico e que compartilham um mesmo legado cultural. O

compartilhamento acontece em uma relação de reciprocidade, servindo-se de bens comuns para lograr fins comuns.

A inteiração mais intensa e mais importante para os jovens é a relação com seus pares. Tanto em termos de tempo físico, como de calor e intensidade do vínculo, essa relação assume em suas vidas uma centralidade que, frequentemente, seus educadores e familiares têm dificuldade de compreender e aceitar (COSTA, 2001, p.18).

A convivência com os amigos, nos grupos ajuda a amenizar os medos e angústias que assombram o jovem nesse momento de insegurança. Alguns dos comportamentos e atitudes dos grupos são formas de posicionamento e se apresentam muitas vezes como projetos de intervenção social. Envolvem a preparação para o futuro, para a cidadania, pois juventude é também:

[...] Tempo também propício à formação para a cidadania, em que os indivíduos tomam ciência de seus direitos e responsabilidades. Apenas através da efetivação dos direitos básicos é possível esperar que os jovens assumam suas responsabilidades face à sociedade, tornando-se cidadãos responsáveis pela construção de suas vidas e da nação (CNBB, 2007, 85, n. 232).

No Brasil, segundo a CNBB (2007), pode-se citar como forma de participação juvenil, a pertença a grupos de pastorais, movimentos eclesiais, redes, ONGs e outros. Grande parte atua na transformação do espaço onde vivem: bairros, favelas e periferias. Esses grupos trabalham em torno de uma causa ou campanha, no combate a fome, em defesa da ecologia, mobilizando campanhas contra a violência e pela paz. Outros grupos se reúnem em torno de uma identidade específica: mulheres, índios, negros e outros (2007, n. 38).

Essa nova configuração de participação desestabiliza instituições eclesiais e seculares, mas por outro lado proporciona novas maneiras de organização. Os jovens já não se reúnem em grandes blocos para se rebelar contra grandes estruturas de poder, mas se organizam em pequenos grupos definidos pelas suas relações sociais, econômicas, midiáticas e culturais. Atualmente é crescente a organização dos grupos juvenis no mundo midiático. A interatividade das mídias abriu novos espaços para expressão juvenil. Os jovens transitam e participam de diferentes grupos, como sujeito de múltiplas pertencas. Para a CNBB:

A mais recente forma de organização da juventude é proporcionada pela comunicação em tempo real por meio das novas tecnologias da área. Em posse desse recurso, a juventude tem edificado uma sociedade sem fronteiras, pois todo e qualquer fato, ocorrido em qualquer canto do mundo, é disponibilizado em poucos minutos pelas redes sociais (2012, n. 89).

O jovem hoje adquire grande parte de seus valores nas mídias, a profusão de conhecimento e informação muda constantemente sua opinião, não existem mais verdades absolutas. Dentro desse contexto há a valorização da pessoa, o jovem quer expor suas ideias quer participar dos processos de decisão, quer se situar no mundo. Para isso cria relações interativas, que exigem novas abordagens das instituições, pois ele se mostra mais crítico, não aceita imposição é mais preocupado com o planeta, mostra-se uma geração mais aberta às diferenças e a solidariedade. Entretanto, a cultura midiática, por si só, é excludente, só participa quem tem acesso, denotando que, ao mesmo tempo em que insere o jovem, pode aumentar a exclusão daqueles que não possuem os meios tecnológicos para a inclusão.

A esfera das escolhas nos diferentes grupos e até mesmo nas redes sociais recebe as condicionantes do fator econômico, do grau de instrução e de outros fatores que se tornam limitadores de oportunidades de participação. O pertencimento assim recebe uma conotação de classe, demonstrando que as estruturas sociais mantêm a desigualdade e a exclusão. O fator sociocultural torna-se assim gerador de angústia, pois limita às possibilidades de participação. Impedindo que o jovem tenha a oportunidade de participar e se desenvolver como cidadão, contribuindo na construção de uma nova realidade.

Como afirma Dick: “a juventude tem a missão de fazer, na realidade ‘recebida’ a vida dela” (2006, p. 27). Os jovens buscam meios de responder aos anseios de seu tempo: uma sociedade sustentável, baseada no respeito à natureza, nos direitos humanos universais, na eficiência da justiça econômica e em uma cultura de paz desde uma perspectiva econômica integral.

2.6 Juventude e construção da autonomia

No desenvolvimento deste capítulo destacamos que a juventude é considerada como etapa transitória em que os indivíduos processam sua

inserção nas diversas dimensões da vida social, tais como formação da própria família, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania. Esse é um tempo em que, como sujeito social, o jovem necessita que se lhe ofereçam os meios necessários para desenvolver-se plenamente. Esses meios passam pela educação, pelo trabalho e por condições de vida digna.

As juventudes vêm exercendo um papel de fundamental importância no processo de desenvolvimento sustentável e solidário de qualquer país do mundo. Alguns fatores em marcos geracionais diferem as juventudes de hoje das juventudes anteriores, como o contexto histórico-social, os novos modelos familiares e a interrupção da infância para entrar cada vez mais cedo na vida adulta. Contudo, as juventudes de hoje não só diferem das gerações anteriores, como também apresentam distinções internas, tais como o gênero, a moradia, as condições sociais, a religião, etc..., por isso, o uso do termo “juventudes”, no plural.

Embora diversas juventudes possuam pontos comuns entre si, vários elementos se juntam e criam uma experiência geracional diferenciada, tais como o medo de ser discriminado, marcado por entradas e saídas do sistema escolar e do mercado de trabalho, e ainda o medo de morrer precoce e violentamente. Os altos índices de práticas violentas envolvendo os/as jovens, a introdução dessa problemática no debate sobre os direitos humanos e a atenção das instâncias governamentais e não governamentais às questões da realidade juvenil nos impulsionam a investigar o fenômeno da violência e as construções sociais de gênero, bem como as identidades e culturas juvenis, as formas de associação e dissociação, os trajetos e projetos dos jovens.

No entanto, abordar a juventude, na sua experiência geracional é tarefa importante num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade. Muitos são os modos de ser jovem, hoje. Também em relação à religião os jovens se diferenciam. Os diversos estudos apontam para a necessidade de se levar em conta a diversidade que atravessa a juventude brasileira atual e, a dinâmica que imprime profundas transformações no campo religioso brasileiro.

A juventude é uma etapa em que se intensifica a experimentação que pode dar origem a escolhas existenciais importantes como a vivência da sexualidade, a continuidade ou não dos estudos, a inserção profissional, os círculos de amizade e as adesões ideológicas e políticas, a adoção de determinados valores, a constituição de um novo núcleo familiar. A religião também é um campo de experimentação e de escolha para os jovens, mesmo que em todas essas áreas da vida as decisões não sejam definitivas e irreversíveis. Nesse ciclo de vida, a religiosidade serve como guia que pode ajudar o jovem no desenvolvimento de sua autoimagem e nos projetos futuros.

Diante de grandes transformações e mudanças de paradigmas, a teologia tem o desafio de formular uma análise da realidade juvenil e de trazer à luz elementos que ajudem a compreender a condição da juventude contemporânea, abrangendo desde questões relativas ao valor, à cultura, à educação e ao trabalho, até tópicos de religião, saúde, relações sociorraciais e cultura política.

Vista à luz da Revelação, toda realidade que afeta o ser humano transforma-se em lugar teológico. Nesse sentido, a juventude, em si mesma e enquanto interpela as demais gerações, pode e deve ser considerada como lugar teológico que precisamos descobrir, aprofundar e cultivar. Para os Bispos da Igreja no Brasil – CNBB:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua Teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar (2007, 85, n. 81).

A atualidade com suas mudanças e mobilidade, convoca a Igreja a repensar as formas de ir ao encontro dos jovens, Deus se mostra nessa realidade, os jovens são os **sinais dos tempos** (Vaticano II, 1961), nesse sentido a Pastoral da Juventude é organizada de maneira a dialogar com a dinâmica do desenvolvimento dos jovens e com as dimensões da vida.

3. JUVENTUDE COMO LUGAR TEOLÓGICO

No capítulo anterior enfatizamos a partir de uma perspectiva sociológica os múltiplos olhares sobre as juventudes e o forte impacto da “mudança de época” sobre as maneiras de as novas gerações compreenderem o mundo e a vida, as estruturações sociais e as relações com o sagrado. Neste momento histórico de grandes mudanças, encontramos diversidade de jovens, com atitudes e modos diferentes de se posicionar na sociedade. Ao mesmo tempo em que vemos as juventudes identificando-se com este novo mundo, assustam-nos as realidades sofridas que muitos jovens enfrentam: violência, corrupção, desigualdades sociais e econômicas.

A juventude como momento vivencial é assinalada pela intensidade das transformações que marcam a consciência do indivíduo e que definem a nova originalidade que vai se posicionar frente à herança social e cultural. Esse novo contato assume uma tipologia de potencialidade, uma vez que: “como novo participante no processo da cultura, a mudança de atitude ocorre diferentemente em cada um, fazendo com que a atitude em relação à herança transmitida por seus predecessores seja completamente nova” (MANNHEIM, 1982, p. 75).

As juventudes possuem meios que permitem avaliar as estruturas culturais e sociais recebidas das gerações anteriores e produzir novas formas de expressão superando o que se apresenta como forma cultural que não responde mais à atualidade da geração. Os jovens dominam as relações baseadas na interatividade, eles têm uma nova maneira de se relacionar na família, eles buscam uma abordagem nova na educação, eles têm uma visão planetária. É um jovem que dá valor ao meio-ambiente, à sociedade e à cultura; é aberto ao mundo e à solidariedade e é crítico (CNBB, 2012, p. 24).

Esse dinamismo modificador é expresso também na dimensão religiosa. O atual segmento da juventude tem posições diferenciadas quanto aos padrões antigos de relacionamento social e de religiosidade. Os valores das gerações passadas são questionados, novas formas de relacionamentos e de valores são criados. Nesta dinâmica de movimento o campo religioso se compagina

com os processos de individualização e subjetivação das crenças e das práticas. Não é a indiferença com relação à crença que caracteriza as juventudes, mas o fato que a crença escapa totalmente ao controle das grandes Igrejas e das Instituições Religiosas. Trata-se de uma religiosidade centrada na liberdade de escolha do indivíduo e na sua realização pessoal (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Não obstante a desregulação institucional e o crescente número de jovens “religiosos-sem-religião” (RIBEIRO, 2009, p. 25), as juventudes não abandonam a abertura para a transcendência, elas criam uma nova religiosidade com novas formas cognitivas e emocionais de construção de sentido e de integração aos itinerários de indivíduos e grupos.

Nesse contexto, o protagonismo juvenil apresenta características particulares. A criatividade, aliada aos meios de que os jovens dispõem, permite-lhes uma atuação social diversificada. As disposições éticas e as ações concretas dos jovens se realizam em diferentes espaços: esportivos, ambientalistas, religiosos, identitários, culturais, redes sociais e outros. Nota-se também a tendência de as juventudes desejarem ser ativas nas Igrejas; não parecem estar dispostas a abandonar a fé; elas acreditam em Deus e buscam o sagrado, seu envolvimento nas Igrejas se dá a partir da interatividade nas relações, não há uma linha que separa os que seguem uma religião e outra. O ciberespaço é também o lugar de troca de experiências, de aprofundamento de espiritualidades e religiosidades. Assim, as juventudes se apresentam para a evangelização da Igreja como uma realidade teológica (CNBB, 2007, n. 81), uma promessa de futuro e os novos areópagos.

Daí a importância decisiva da busca de uma nova compreensão, de uma reflexão teológico-ecclesial do evento sacramental nas culturas juvenis. Se por um lado a realidade juvenil nos fascina pelo tremendo paradoxo da vulnerabilidade e da potencialidade, por outro nos desafia a reconhecer nos jovens as “sementes ocultas do Verbo”, como fala o Decreto *Ad gentes*, n. 8, do Vaticano II. “Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus” (CNBB, 2007, 85, n. 80). Deste modo, o jovem está longe de ser um problema, ele é uma promessa, uma esperança de vida.

3.1 Identidades e espiritualidades

Salta aos nossos olhos o forte impacto da cultura pós-moderna sobre a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e a religião, que constituem os elementos da cultura das sociedades humanas (CELAM, DA, 2007, n. 35). A religião, uma das bases fundamentais de toda cultura, sofre um impacto ainda maior do que as outras áreas. Valores como a ética, a moral, o caráter, a religião e a família estão perdendo espaço para novas formas de comportamento regidas pelas leis do mercado, do consumo e do espetáculo. Além disso, novas linguagens vêm acrescentar-se às antigas, e “embora a globalização técnica e comercial instaure uma temporalidade homogênea, o fato é que ela é concomitante a um processo de fragmentação cultural e religiosa que mobiliza mitos e relatos fundadores, patrimônios simbólicos, valores históricos e tradicionais” (LIPOVETSKY, 2004, p. 92).

A desarticulação cultural resultante desse processo que tem o indivíduo como referência, introduz modificações nas relações entre as pessoas, instaura “uma inevitável crise de sentido” que confunde as pessoas e atinge seus critérios de julgamento e os valores mais profundos, deslocando o acento para a centralização do sujeito sobre si mesmo, para a alteração nos papéis tradicionais de homens e mulheres na sociedade, nas respectivas identidades e na estruturação familiar (CELAM, DA, 2007, n. 49-50).

No entanto, essas mudanças, com suas consequências perigosas sobre a edificação da vida humana, sobretudo das juventudes também produzem elementos que se revertem em vida. Um dos aspectos positivos dessa transformação cultural é a valorização da pessoa, da sua consciência e experiência, dos seus projetos e esperanças, da busca de sentido da vida e da transcendência. Destaca-se, nesse cenário também, o reconhecimento da diversidade cultural dos povos da América Latina, do apego a terra, a importância da vida familiar e comunitária, a procura por Deus, em contraposição à avassaladora cultura artificial e o rápido avanço tecnológico. (CELAM, DA, 2007, n. 52; 56).

Neste panorama, a religião não se apresenta apenas como fonte de sentido para a vida e meio para buscar respostas sobre questões fundamentais da existência, mas é percebida como um espaço privilegiado de convívio social, porque possibilita a formação de grupos em torno de identidades específicas.

O caminho espiritual traçado pelas juventudes passa de um discurso racional, centrado, sobretudo, no institucional, para um discurso centrado na própria vida e nas experiências individuais e grupais. Para muitos jovens é mais fácil ter uma experiência do sagrado no dia-a-dia do que no ambiente religioso, enquanto comunhão institucional. É um trajeto espiritual que mostra uma modelagem singular, na qual os materiais de diversas procedências formam uma religiosidade típica, produzida pelas circunstâncias próprias de cada indivíduo. As representações religiosas dos jovens estão associadas a êxito profissional, consumo, sonhos de sucesso e enriquecimento rápidos. Assim, também a fé do jovem é vivenciada dentro de um contexto de lutas e esperanças, que envolvem características próprias das dificuldades e dos sonhos de cada um. Os grupos então reunidos pela busca da fé assumem regras de conduta, de relacionamento entre os iguais e com a mesma natureza.

Em todos os campos da vida social, os jovens não enxergam a necessidade de destruir o que existia para poder construir algo novo. Acreditam ser possível compor com as bases já existentes na sociedade - venham elas das gerações anteriores, de sistemas já estabelecidos ou de visões de mundo distintas da sua (BORGES, 2012, p. 1).

É notório que a religiosidade e a vivência em grupo conferem transcendência e sentido, energias fundamentais para o desenvolvimento pessoal, para a descoberta da alteridade, da experimentação e da construção de significados por parte dos jovens. Como presente-futuro, a juventude carrega em si latente a dimensão da criatividade, de uma criatura que ainda não está pronta, mas que necessita ser acompanhada em seu desenvolvimento. Tudo que o cerca recebe validação, a incompletude do momento vivencial se transforma em momento de beleza, pois o jovem se mostra extremamente sensível e atento a tudo que se apresenta como

presença autêntica de valor, ou a perda de autenticidade, seja quanto aos valores na organização familiar, com os amigos, no campo social ou da fé. A autoridade para o jovem não vem daquele que exerce o poder, mas daquele que encarna valores significativos e fundamentais para a pessoa humana. Assim diante de alguém que possui autenticidade e vivencie valores, o jovem reconhece essa pessoa como inspiradora.

De acordo com Hervieu-Leger (1999), as juventudes vêm-se surpreendidas por uma “nuvem de crenças”: sua religiosidade não se prende mais à herança religiosa, como crença familiar que se transmite entre gerações. Não se prende à autoridade das Instituições, suas normas e regras, mas vive um grande sincretismo religioso. A presença da religião como sentido organizador da sociedade “está em vias de desaparecimento, ou já desapareceu e não subsiste mais, exceto como traço do passado” (HERVIEU-LEGER, 1999, p. 17).

Para as juventudes, existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em escolhas individuais e intransferíveis. Essa é uma geração que experimenta mais, que questiona mais os modelos pré-estabelecidos e paradigmas naturalizados. Surgem entre as juventudes novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, reproduzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos. O pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens.

No processo de afirmação de uma identidade religiosa própria das juventudes, dá-se o processo de distanciamento dos vínculos religiosos originados na família, ainda que esse distanciamento seja apenas momentâneo, um hiato entre “tradição” e escolha individual. Para Hervieu-Léger, “duas são as figuras que cristalizam melhor a dinâmica de movimento que marca a nova paisagem religiosa, a do peregrino e a do convertido” (2008, p. 10). A autora aponta três modalidades diferentes: a primeira modalidade de conversão é a do indivíduo que “muda de religião”, seja por recusar a religiosidade herdada, ou por rejeitar uma religiosidade que lhe foi imposta para adotar uma nova; a segunda modalidade da conversão é a do indivíduo que não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, se reconhece e se

integra a uma; a terceira modalidade é a da re-filiação, aquele que se redescobre dentro uma identidade religiosa que permanecera até então formal. A conversão de modo geral, gera uma reorganização ética e espiritual da vida do novo adepto, que ao menos temporariamente, tem uma afiliação comunitária com a qual pode se identificar.

Denota-se que a busca de novas experiências religiosas se vê envolvida com o consumismo, com o modismo, com o individualismo ou simplesmente com a alienação presente na sociedade. A mobilidade religiosa das juventudes está de certa forma ligada à influência dos meios de comunicação e ao processo mercantilista. O atual contexto cultural gerido pela cultura midiática, suas visões de mundo, padrões de comportamentos e promessas de realização, levam o jovem a se fixar no momento presente em busca da realização de satisfações. Imerso nessa realidade, o jovem vê na religião e nos seus simbolismos a solução para seus impasses pessoais. Esses processos reduzem o sentido das crenças religiosas à busca de bens e da solução de problemas, levando os adeptos a escolherem seus produtos segundo suas necessidades.

Regina Novaes em artigo intitulado: “Os jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos”, descreve cenas da atual situação religiosa na vivência do jovem; em que a abertura à religião permite ao jovem comprar a Bíblia em qualquer esquina e seus versículos são cantados em suas letras de rap, aparecem escritos em *outdoors*, nos centros das cidades, nos muros nas favelas e periferias (2004, p. 327).

O uso dos textos acontece sem submeter-se a mediação das autoridades religiosas, podendo expressar vínculos institucionais ou apenas crenças difusas. Na televisão e no rádio proliferam programas religiosos que oferecem milagres e ofertas de orientação, da mesma forma como acontecem feiras onde são oferecidos produtos esotéricos, que incentivam o consumo religioso, que se mostram cheio de atrativos ao gosto dos jovens. Cresce a busca de experiências religiosas, embora cresça a ignorância doutrinal a respeito das verdades e dos ensinamentos das Instituições religiosas. Para Libanio:

Os jovens pós-modernos tendem a alijar a religião como peso, como tradição constringente, para dar-lhe tom de festa, de prazer, de experiência gratificante. Valorizam a própria vivência e atitude pessoal, descobrindo-lhe o valor humanizante. A religião perde para eles bastante da dimensão transcendente. Ela se lhes torna espaço das vivências presentes vale enquanto responde a eles, e nela eles se realizam (2011, p. 185).

Essa tendência penetra profundamente na cultura do jovem, distanciando-o do elemento primeiro da religião que é de ligar as pessoas com o mundo divino, com a transcendência. Já que é uma experiência voltada para o presente e não cumpre o papel de ser motivadora da existência, esta assume a característica de experiência estética, de convivência, ou emocional por conta de músicas, do ambiente e do cenário circundante. As juventudes fazem valer sua liberdade de escolha, se apropriam de forma individualizada da mensagem oficial, e embora a fé subjetiva reivindique crescente autonomia, essa não resulta em solipsismo, mas em formas inesperadas de vida comunitária. Não obstante as distintas formas de vivenciar a espiritualidade elas não são menos religiosas do que as do passado, sua espiritualidade não estaria ligada a religião, mas a questões religiosas independentes de uma instituição.

Diante do exposto é preciso considerar que fenômeno religioso como tal não é, todavia esgotado pelas funções que acabamos de citar. De fato, o filósofo Georg Simmel, apontou na religiosidade, um modo primário fundamental do ser humano, possuidor de uma especificidade irreduzível, que pode manifestar-se na crença de uma fé, como também revelar-se com outras atitudes não diretamente identificáveis com as formas codificadas de uma religião (SIMMEL, 1994). Enquanto a religião, ao orientar dimensões cognitivas e emotivas para uma representação unitária da vida humana, fornece uma base de coesão social, a experiência religiosa, não exerce, a não ser indiretamente, uma influência social, mas responde unicamente a exigências existenciais, sustentando o indivíduo na sua referência a dimensões que transcendem a sociabilidade.

Sabe-se, no entanto, que existem distintas formas de ser religioso. Para Simmel a religião não cria a religiosidade, é a religiosidade que engendra a religião. Ela antecede a religião e por isso não pode ser chamada de religião, transcende a religião e a fundamenta, mas nem por isso pode ser reduzida a mera infraestrutura subjetiva da religião objetiva. Religiosidade é aquele

fenômeno religioso que habita as profundezas da alma e que ainda não pode ser chamado de religião, aquele fundo profundo que pulsa na alma da pessoa religiosa, um não-lugar insondável onde podemos encontrar a religião enquanto ela “ainda não é religião” (SIMMEL, 2010, p. 95).

Para Libanio, a religiosidade se constitui como uma dimensão antropológica, vivida em maior ou menor intensidade por todo ser humano, conforme a cultura e o gênero (Libanio, 2002, p. 91). Chega-se, assim a uma conceituação dinâmica de religiosidade, considerada como caminho para uma compreensão abrangente de espiritualidade. Marcio Fabri define espiritualidade como “o cultivo da dinâmica – ou a própria dinâmica – que impulsiona o ser humano consciente em seus conhecimentos e escolhas vitais. Essa conceituação nasce de uma ênfase ao espírito vivificante, pelo qual os seres não apenas têm vida, mas têm também vitalidade criativa”. Para o autor, a “espiritualidade é uma condição humana inescapável que está presente quando o ser humano age como tal, mesmo que não se explicita em termos religiosos”.

Do ponto de vista que nos interessa aqui, a espiritualidade como uma construção relacionada à vivência de fé e/ou sentido transcendente da vida está conexa com a ideia da possibilidade de iniciar um caminho, isto é pôr-se a caminho rumo a uma realidade que não pode jamais ser totalmente reduzida ao horizonte dos significados da nossa vida cotidiana. Falar de experiência religiosa significa interrogar-se a respeito da possibilidade de assumir a atitude de quem se dispõe a escutar, a prestar atenção àquilo que, na própria linguagem dos símbolos religiosos, é revelado e, ao mesmo tempo, ocultado. A experiência religiosa é, em primeiro lugar, o resultado de uma elaboração pessoal, que cada indivíduo, na sua solidão precisa realizar, aprofundando a relação consigo mesmo e com a própria vida. Mas isso não significa que tal experiência se desenvolva no fechamento com relação aos outros. Pelo contrário, a influência social que a experiência religiosa pode ter, na verdade tem o seu fundamento na capacidade de cada indivíduo de assumir plenamente os diversos componentes de sua história existencial particular.

Na linha da Igreja do Brasil, “uma verdadeira espiritualidade possibilita ao jovem encontrar-se com a realidade sublime que há dentro dele, manter um

diálogo constante com aquele que o criou” (CNBB, 2007, 85, n. 80). Na dinâmica da criação cada pessoa é uma mensagem única e profunda de Deus para a história da humanidade. Assim, na Bíblia encontramos um Deus apaixonado pelo ser humano, contemplamos um Deus criador, que gera pessoas criativas, um Deus comunicador que se revela na história humana, um Deus salvador, que atua a favor da vida, contra todo o mal, um Deus sempre presente e amigo, que não se cansa de dar o primeiro passo, para fazer sentir sua presença (sua revelação) em nosso favor. Ele se revela como o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,5), devolve a vida ao seu amigo Lázaro (Jo 11), ao filho da viúva de Naim (Lc 7, 17) e à jovem filha de Jairo (Mc 5, 21-43). Ele continua hoje se revelando aos jovens para dar sentido a suas vidas.

O jovem, nesta perspectiva, não representa apenas uma revitalização de qualquer sociedade, mas uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade. A juventude é uma prioridade para a Igreja em sua missão evangelizadora.

3.2 A juventude mora no coração da Igreja

A afirmação “a juventude mora no coração da Igreja” que abre o documento sobre a *Evangelização da Juventude* revela a grande preocupação da Igreja para com a evangelização da juventude. A preocupação da evangelização da juventude não se justifica pela necessidade de fazer adeptos, mas nasce da consciência da própria Igreja de sua missão evangelizadora, de sua fidelidade ao mandato recebido. “A Igreja ‘existe para evangelizar’, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo” (EN, n. 14): é sua graça e vocação própria. A Igreja existe fundamentalmente para dar continuidade à obra de Jesus Cristo, proporcionar espaço de comunhão e de participação, iluminar os projetos de vida individuais e coletivos, promover vida e dignidade humana.

A seguir chamamos atenção somente para alguns textos dos documentos do Magistério da Igreja que retratam a preocupação com a evangelização das juventudes. Enfatizamos num primeiro momento à ênfase dada pela CNBB com relação ao direito de as juventudes receberem da Igreja

o Evangelho: “Os jovens tem o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã” (CNBB, 2007, 85, p. 5).

Na Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*, o Papa João Paulo II retoma os ensinamentos do Concílio Vaticano II sobre a juventude e reafirma, dizendo: “a Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil”. Na sua mensagem aos jovens o Concílio diz: “A Igreja olha para vós com confiança e amor [...]. Ela é a verdadeira juventude do mundo [...]. Olhai para ela e nela encontrareis o rosto de Cristo” (JOÃO PAULO II, 1988, n. 46).

A Conferência Episcopal de Medellín, realizada na Colômbia no ano de 1968, faz referência aos jovens como “uma grande força nova de pressão” e como um “novo organismo social com ideias e valores inerentes ao seu próprio dinamismo interno” (CELAM, 1998, p. 98). A partir desta Conferência, a presença juvenil é vista como uma força positiva que deve ser aproveitada pela sociedade e pela Igreja. A juventude é sensível aos problemas sociais, aberta a uma sociedade pluralista e a uma dimensão mais solidária. “A atitude religiosa da juventude se caracteriza por recusar uma imagem desfigurada de Deus, que, às vezes, lhe tem sido apresentada, e pela busca de autênticos valores evangélicos” (CELAM, 1998, n. 4, p. 99).

Também a Conferência Episcopal de Puebla, realizada no México no ano de 1979, a Igreja da América Latina “vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja” (CELAM, 2004, 1178, p. 334). Em sua ação pastoral faz duas opções preferenciais: opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, com vistas a sua missão evangelizadora no Continente. “A Igreja confia nos jovens. Eles são sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização” (CELAM, 2004, 1186, p. 336). Por ser a juventude uma força dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, pede então que se desenvolva uma pastoral da juventude diferencial e orgânica,

que leve em conta a realidade social dos jovens de nosso continente; atenta ao aprofundamento e crescimento da fé para a comunhão com Deus e os homens; oriente a opção vocacional dos jovens; ofereça-lhe, elementos para se converterem em fatores de transformação e lhes proporcione canais eficazes para a participação ativa na Igreja e na transformação da sociedade (CELAM, 2004, 1186, p. 336-337).

Na mesma linha se coloca a Conferência de Santo Domingo (1992), em que o episcopado reafirma a opção preferencial pelos jovens feita em Puebla, não só de modo afetivo, mas também efetivamente por uma Pastoral Orgânica da Juventude, com acompanhamento, com apoio real, com diálogo, com maiores recursos pessoais e materiais e com dimensão vocacional.

O documento da CNBB sobre *Evangelização da Juventude*, de 2007, retoma este conceito afirmando que embora a caminhada pastoral não esteja começando no zero, sente-se ainda o clamor por uma mais corajosa “opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela Juventude”. Acolher os jovens, como Jesus Cristo, e proporcionar-lhes condições favoráveis de vida e amadurecimento são atitudes fundamentais para auxiliá-los nesta complexa mudança de época (CNBB, 2007, 85, n. 4). Bento XVI falando aos jovens no estádio do Pacaembu, afirmou que a Igreja precisa do jovem para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo que se desenha na comunidade cristã. “Sem o rosto jovem a Igreja se apresenta desfigurada” (BENTO XVI, São Paulo, 2007). Aqui se coloca o grande desafio da evangelização: se o jovem representa o rosto jovem da Igreja, essa necessita de uma ação evangelizadora renovada para ajudar as juventudes a ter contato pessoal com Jesus Cristo nos Evangelhos e aceitar Jesus como caminho — e a escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes. “O jovem escuta a voz do Mestre de diferentes maneiras”. (CNBB, 2007, 85, n. 10)

Na Conferência de Aparecida (2007), Bento XVI reafirma a preocupação das conferências anteriores para com a evangelização das juventudes, dizendo: os jovens, “constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe e representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos”. Destacam-se no documento quatro qualidades juvenis: a sensibilidade, a generosidade, a potencialidade e a missionariedade da juventude (CELAM, DA, 2007, n. 443). Ressalta-se ainda o cuidado particular que merecem os jovens no contexto atual. “Os jovens são um grande

desafio para o futuro da Igreja”, que deve torná-los “protagonistas da evangelização e artífices da renovação social” (CNBB, 2007, 85, n. 92). A preocupação da Igreja, não se orienta apenas em formar no sentido religioso, mas também favorecer o desenvolvimento dos jovens, quanto ao

anúncio do querigma, à educação aos valores cristãos, à formação bíblica e teológica, à iniciação à vida litúrgica, ao ensino religioso nas escolas e universidades, à educação para a solidariedade e para a fraternidade; à superação de preconceitos; à educação psicoafetiva; à formação na ação e para a cidadania (CNBB, 2007, 85, n. 6).

Dessa forma, o jovem sente-se cada vez mais “cidadão universal”, instrumento na construção da sociedade e na edificação da Igreja. “Assumindo as atitudes de Cristo, o jovem promove e defende a dignidade da pessoa humana”, se empenha para enfrentar as estruturas que afetam o desenvolvimento e a promoção da vida (CELAM, 2004, 1185, p. 336). Uma evangelização efetiva convoca o jovem a ser sujeito e protagonista, membro atuante em suas comunidades, especialmente na evangelização de outros jovens.

A juventude é a destinatária do presente e do futuro da Igreja, “... mora no coração da Igreja” (CNBB, 85, 2007, n.1) e o jovem mesmo em meio a tantas ambiguidades se constitui em um “lugar teológico” privilegiado.

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem nesta perspectiva é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvendar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de “culturas juvenis” (CNBB, 2007, 85, n. 81).

De fato, “Deus nos fala pelo jovem. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta [...] é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude”. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado (CNBB, 2007, 85, n. 81).

O Encontro com o Deus da revelação bíblica não é simplesmente fruto de abertura interior da pessoa humana, nem é resultado de ação divina transcendente que elimine ou ignore o acolhimento ativo da criatura, como se “acontecesse” ao homem sem qualquer contribuição de sua liberdade. “O encontro é celebração de aliança, advento pelo êxodo [...] é experiência humana da autocomunicação divina; [...] é evento sacramental, fragmento do mundo no qual o divino vem habitar e se comunicar, mistério, no sentido vigoroso bíblico-paulino de Glória escondida, e ao mesmo tempo, manifestada sob as marcas da história” (FORTE, 1995, p. 194-195).

O jovem como uma realidade teológica desafia a missão evangelizadora da Igreja, inaugurando, como veremos a seguir uma nova perspectiva pastoral capaz de absorver a autenticidade da mensagem de Deus que emana das diferentes expressões juvenis.

3.3 Jovens evangelizando a juventude e toda a Igreja

Enfatizamos no parágrafo anterior que o jovem é para a Igreja do Brasil sujeito de direito eclesial e social. Visando ao bem das juventudes, e para que os jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonista, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização de outros jovens, a Igreja é chamada para olhar a realidade do jovem, a riqueza de suas diversidades, propostas e potencialidades. É, chamada, a conhecê-los, a entendê-los e auxiliá-los, fazer-se solidária para reavivar o seu potencial de participação e transformação. “Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece” (CNBB, 2007, 85, n. 10). Certamente, a escuta à juventude é um ponto de partida essencial para construção do diálogo entre a Igreja e o mundo contemporâneo.

Há, entre muitos jovens, um desejo de transformação, inconformidade e revolta contra estruturas injustas. Cabe a Igreja canalizar essas energias, acreditar que os jovens nascidos e imersos em um contexto cultural pós-moderno, podem contribuir para a construção solidária com outros jovens que sofrem com violências, mortes, exclusões, com a falta de sentido na vida, dentre tantas outras situações de risco a que são expostos. Para isso, é

necessária uma opção conjunta “afetiva e efetiva” de propostas concretas das estruturas eclesiais, capazes de abrir suas portas para acolher a realidade e a cultura do jovem, entender a linguagem deles, cuidar do seu processo de amadurecimento, curar-lhe as feridas.

Na *Christifideles laici*, os jovens são concebidos como “protagonistas da evangelização e artífices da renovação social” (JOÃO PAULO II, n. 46). Essa responsabilidade se acentua na medida, em que, as constantes transformações do cenário mundial exigem respostas que partem de corações cheios de um espírito de renovação e que têm a capacidade de ler os sinais dos tempos. “Sabeis que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos, e tanto mais o sereis quanto mais vos esforçardes para superar as injustiças e a corrupção, quando mais desejardes um futuro melhor e vos comprometerdes a construí-lo” (BENTO XVI, 2012).

Além disso, “o jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens.” Está missão “só pode nascer do encontro pessoal com o Mestre, aprendendo a ser sempre mais semelhante a Ele. “Para evangelizar, exige-se a experiência de ser evangelizado, isto é, de ter descoberto que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida” (CNBB, 2007, 85, n. 63). O conhecimento de Jesus e sua proposta abrem possibilidades para experienciar o seu projeto de vida e tomá-lo como modelo a ser seguido. Jesus Cristo oferece a todos um projeto de vida.

O jovem é sempre atraído por perfis, por modelos e por ideais que procura imitar e assumir como próprios. A Igreja olha para os jovens como esperança, tem confiança neles e encoraja-os a procurarem a verdade, a defenderem o bem comum, a possuírem perspectivas abertas sobre o mundo e olhos capazes de ver ‘coisas novas’ (Is 42, 9; 48, 6) (BENTO XVI, 2012).

Em seu anúncio, o jovem é chamado, como o jovem Isaias, a revelar a face de Deus em contraste com a cegueira do povo. O jovem profeta vê além, por isso, consegue encontrar novos caminhos diante de mecanismos de sobrevivência já inertes, sem esperança.

Um grande desafio é reconhecermos que também na realidade juvenil se encontram as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto *Ad Gentes*, do Vaticano II. Entrar em contato com o “divino” da juventude é compreender a juventude em suas variadas dimensões com o olhar da teologia. A

evangelização da Igreja precisa mostrar aos jovens a beleza e a sacralidade da sua juventude, o dinamismo que ela comporta, o compromisso que daqui emana, assim como a ameaça do pecado, da tentação do egoísmo, do ter e do poder e, com isto, auxiliar também na conscientização de tudo aquilo que procura danificar esta obra de Deus. Uma verdadeira espiritualidade possibilita ao jovem encontrar-se com a realidade sublime que há dentro dele, manter um diálogo constante com aquele que o criou.

3.4 Pelo discipulado, a descoberta.

A grande questão que se coloca para a Igreja hoje é como propiciar uma formação adequada aos jovens, que responda às expectativas do contexto atual e que produza reflexão aprofundada sobre Jesus Cristo. “Sabemos que uma das graves deficiências da América Latina é, precisamente, a precária apresentação de Jesus Cristo e da Boa-Nova por ele anunciada e vivida. Por isso mesmo, o povo católico vem sofrendo uma ‘fome crônica’ do Evangelho” (RUBIO, 2008, p. 3).

Apesar da renovação em andamento e do esforço da Igreja e das pastorais, a evangelização frequentemente é superficial e fragmentária, apresentando um Cristo distante, perdido em um emaranhado de palavras e ideias incompreensíveis para a maioria dos jovens. Essa evangelização se mostra incapaz de “tocar” o coração dos jovens e, portanto, incapaz de impulsionar à conversão pessoal e comunitária. Como afirma Rubio: “deparamo-nos, assim, com o Cristo professado na fé, mas separado da vivência religiosa cotidiana e desvinculado da história e dos seus desafios” (2008, p. 4).

É certo que hoje, a rapidez dos meios de comunicação e de como eles nos informam, sobretudo o que acontece no mundo, permite conhecer cada vez melhor as injustiças, misérias e abusos que são cometidos diariamente em todos os países. Tantas informações criam um sentimento de solidariedade com as vítimas desse mundo “egoísta e injusto”, podendo até despertar um sentimento de vaga culpabilidade, mas ao mesmo tempo aumenta a sensação de impotência diante da pequenez do que se pode realizar.

O grande desafio para a evangelização é como anunciar a realidade do amor de Deus, manifestado por Jesus Cristo, quando se perpetua em nosso meio, situações desumanas de pobreza e de exclusão, já que, na perspectiva da revelação do Deus bíblico a negação do ser humano, constitui sempre a negação do Deus da vida, do Deus amor. “O amor é a energia que dá verdadeira vida a sociedade. Em toda civilização há forças que geram vida, verdade e justiça e forças que provocam morte, mentira e indignidade. Nem sempre é fácil detectá-las, mas na raiz de todo impulso de vida está sempre o amor” (PAGOLA, 2012, p. 57).

Sabemos que os jovens são pessoas mais sensíveis e abertas aos sinais dos tempos. A Palavra de Deus e a história da Igreja apresentam vários testemunhos de jovens que, uma vez valorizados e chamados por Deus, assumiram sua vocação de missionários da vida plena em contextos não condizentes com o projeto divino.

São Lucas nos diz que “Jesus ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52). Esse episódio nos mostra que Jesus recebeu todas as condições de amadurecimento integral de sua vida, ou seja, conforme a vontade de Deus, que sempre deseja que seus filhos cresçam em todas as dimensões. Diante do processo de crescimento de Jesus, aprendemos elementos para uma pedagogia favorável que pode contribuir no desenvolvimento das dimensões e potencialidades do jovem; processo necessário para que possa assumir o protagonismo que dele se espera. Com base na jovialidade do projeto de Jesus Cristo que consistia na apresentação do Reino de Deus como renovação radical da renovação com Deus e com os irmãos, a Igreja é chamada a apresentar explicitamente o projeto de Jesus Cristo como modelo de projeto de vida para os jovens.

No processo de constituição de sua identidade, é natural que cada jovem se coloque à procura de referências relevantes. Nos Evangelhos vemos que esse processo de busca levava muitas pessoas ao encontro com Jesus, de *Quem* se tornaram discípulos e discípulas, como comprova o texto do evangelista João (1,38-39), vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “quem procurais? Eles responderam: Rabi, onde moras? Ele respondeu: Vinde e vede ... e permaneceram com ele aquele dia”. Nesse sentido, um importante desafio

da evangelização junto aos jovens consiste em ajudá-los a escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes (CNBB, 2007, n. 60). Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou a todos para que o seguissem. Àqueles que aceitaram segui-lo, os introduziu no mistério do Reino de Deus e os enviou a pregar a Boa Nova na força do Espírito.

O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. “O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como mestre que o conduz e acompanha” (CELAM, 2007, n. 277). O encontro com Jesus significa encontrar Deus na história, um Deus amoroso que toma feições humanas, na pessoa de Jesus Cristo. O jovem, assim como todo cristão é convidado por Jesus também a ser discípulo. O convite é pessoal: “Vem e segue-me” (Lc 18, 22) e chama a cada um pelo seu nome (Jo 10, 4), proporcionando um relacionamento pessoal, “Vós sois meus amigos” (Jo 15,14).

Isso acaba sinalizando a necessidade de uma criatividade pastoral. É importante apresentar aos jovens um “Jesus que caminha com o jovem, como caminhava com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), escutando, dialogando e orientando” (CNBB, 2007, 85, n. 54). Quem se torna discípulo de Jesus transforma-se em alegre portador e irradiador de sua mensagem. O discípulo-missionário sente-se impelido pelo Espírito Santo como força missionária a anunciar aos outros a experiência que teve com Cristo: “a alegria do discípulo é [...] uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciara a Boa Nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria (CELAM, 2007, n. 29).

Os Evangelhos tornam-se então, chave de compreensão do que deve ser a vida cristã: a vida de Jesus, suas palavras, atitudes e milagres, associados a sua páscoa (paixão, morte e ressurreição) passa a ser o alicerce da vida de seus seguidores. O Reino de Deus é o núcleo central da pregação de Jesus e a razão de ser de sua existência. Para que o Reino aconteça Jesus convoca discípulos, solidariza-se com os sofredores, fala de Deus, nesse

caminhar, Jesus revela uma nova experiência de Deus, marcada pela abertura a Deus e ao próximo: o amor gratuito é então radicalmente vivenciado.

Foi de um barco, puxando redes, que Jesus chamou um pequeno grupo de pobres pescadores para se tornarem “pescadores de homens” (Mc 1, 16-21). Mas para que isso se tornasse realidade eles teriam que fazer como o Mestre Jesus fez: colocar o Reino de Deus como centro e sentido de suas vidas. Esse Reino não é algo pronto, mas acontece aos poucos, depende do aceitar, do praticar e do testemunho. Sua mensagem precisa conquistar os corações e atingir todas as esferas da sociedade e construir uma nova civilização baseada no amor (CELAM, 1995).

O Reino de Deus começa pequeno dentro de cada um, como um novo modo de ver as coisas. Vai se alastrando, gerando consciência crítica capaz de se posicionar contra estruturas injustas e desumanas. O Reino começa quando nos abrimos à graça de Deus, ela nos fortalece no serviço aos irmãos, como fez com Jesus.

Seguir Jesus é acreditar que outro mundo é possível, é sonhar com ele e colocar-se a caminho em busca do novo. O olhar de Jesus é sempre de compaixão para com as pessoas oprimidas, seja pelo sistema econômico, político ou religioso. Mesmo diante de uma situação de pecado, seu olhar não focalizava a falta e a lei, mas vê a situação do pecador, da pessoa humana, e seu olhar manifesta misericórdia e amor.

O amor está no centro do Evangelho, não como uma lei que é preciso cumprir disciplinadamente, mas como o “fogo” que Jesus deseja ver “ardendo” sobre a terra, para além da passividade, da mediocridade ou da rotina de boa ordem. De acordo com o Profeta da Galiléia, Deus está perto de nós, procurando fazer germinar, crescer e frutificar o amor e a justiça do Pai. Esta presença de um Deus que não fala de vingança, mas de amor apaixonado e de justiça fraterna, é o traço mais essencial do Evangelho (PAGOLA, 2012, p. 222).

Jesus, o Reino, o seguimento, tudo é sempre um movimento constante, Jesus caminhava com o povo, deslocava-se por montes e desertos, esse mesmo dinamismo o cristão deve assumir em sua vida de fé. Se no início dos fatos narrados pelos Evangelhos percebemos o movimento, no final dos relatos há sempre a emoção. Diante das palavras e dos feitos de Jesus as pessoas se emocionam e maravilham-se da sua doutrina (Mc 1, 21), Ele falava com

autoridade e usando exemplos da vida cotidiana, assim diante da mulher que prepara o pão e leveda a massa com o fermento, Jesus aproveita para ensinar aos seus discípulos como deveriam agir: ser como o fermento na massa, produzir uma fé transformadora.

Jesus soube inserir-se na mentalidade de seu tempo para realizar o seu propósito, ao proclamar o Reino de Deus considerou as esperanças contidas no Antigo Testamento que falava de um rei messiânico que governaria no direito e na Justiça e que através desse rei o próprio Deus conduziria seu povo (Is 32, 1- 3; 15,18; 11, 3 - 4). Desse modo, quando Jesus anunciou que o Reino de Deus havia chegado, queria dizer que veio implantar a justiça e o direito, desejado por Deus e aguardado pelos injustiçados e sofredores (Mc 6, 1- 6).

Dirigindo-se a sinagoga Jesus recita o trecho de Isaias que indica sua missão: “Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor” (Is 61, 1- 2). Para o povo judaico somente Deus será o Rei verdadeiramente justo, só Ele será capaz de proteger os pobres e os marginalizados, assim se resume a expectativa do reinado de Deus contida no Antigo Testamento. A pregação de Jesus, portanto, estava inserida em uma longa tradição de expectativa quanto a esse reinado. Para Santana:

Este anúncio torna-se realidade, à medida que Jesus vai realizando a libertação dos oprimidos, curando cegos, dando consolo aos aflitos. O projeto de vida de Jesus tem como meta a reintegração dos excluídos, pois seus ensinamentos se tornavam acontecimentos de salvação, libertando e curando as pessoas, mas para que isso acontecesse era preciso acolher a novidade trazida por Jesus: um Deus que ama incondicionalmente e que liberta (SANTANA, 2009, p. 56).

No esforço de responder ao desafio da atualidade o Documento da Conferência de Santo Domingo inaugura o princípio teológico da inculturação, como referencial metodológico para a evangelização na contemporaneidade, de modo que a linguagem e os métodos pastorais possam se aproximar das novas realidades culturais e existenciais. Tal princípio está relacionado ao projeto de uma *Nova Evangelização*: que vê em Cristo uma riqueza insondável

(Ef 3,8), indispensável às diferentes culturas e em diferentes épocas, à qual as gerações sempre poderão recorrer e enriquecer-se.

Assim na formação do jovem como protagonista dos valores do evangelho, acontecem dois padrões de procedimento, um em que os jovens são incentivados a decidir de forma autônoma e outro em que são acompanhados e aconselhados por um adulto. Nesse sentido destaca-se o papel dos educadores, coordenadores e de assessores que, como discípulos e apóstolos, são parte do processo que leva o jovem a uma prática plena de ações de protagonismo juvenil.

Para Bonhoeffer (1980), a resposta ao discipulado não é uma simples confissão oral da fé em Jesus, mas antes um ato de obediência. A sequência entre chamado e obediência (ação) só encontra razão no próprio Jesus Cristo, é Ele quem chama e sua autoridade vem do fato de Jesus ser o Cristo, o mediador entre Deus e os homens. Seguir Jesus não é um objetivo, um ideal pelo qual se deva lutar, antes, o discipulado é um abandonar daquilo que já se foi, pois o discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado na incerteza completa daquilo que pode ser a única realidade libertadora.

Como mediador Cristo se coloca entre os seres humanos e entre estes, e sua realidade. Cada um é chamado em sua individualidade para uma comunhão totalmente nova, Cristo se coloca entre mim e os outros. Separa quando chama individualmente, mas une quando chama a comunhão, assim o discípulo aprende o novo e verdadeiro caminho de acesso ao semelhante, pois Cristo liberta o ser humano de sua relação imediata consigo mesmo e provoca a abertura a necessidade do outro.

A ação do discípulo não é algo separado da realidade, não há o rompimento com coisas do mundo, antes o mundo torna-se o lugar de expor o comprometimento com Aquele que chama ao discipulado, é, pois lugar da construção do mundo novo.

3.5 A mística que nasce da ação do Espírito Santo e leva a ação

A juventude em seu modo de ver, viver e interpretar a realidade são uma espécie de grito, de reivindicação para ser ouvida e respeitada em sua

singularidade, em seus direitos e necessidades. Os jovens têm um imenso poder criativo que precisa ser trabalhado: “Quem trabalha com a juventude não pode esquecer que, atualmente, os meios de comunicação, não raro, buscam manipular, essas características dos jovens, aprisionando-as em estereótipos que não traduzem o que, de fato, eles são em sua “novidade” (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, p. 89).

O jovem pela sua etapa vivencial é confrontado com o desafio de achar ou compor, um tipo de ordem, unidade ou coerência nos campos de força de sua vida. A fé é uma das maneiras de discernimento, e ou comprometimento com esses centros de valor e poder, ela exerce força ordenadora, à medida que confere sentido e dignidade e oferece certa sustentação frente à realidade do cotidiano. Ao receber de Deus a graça de criar e de transformar a realidade, o mundo e a cultura, passa a ser espaços de liberdade, onde há muito que se construir, onde não há nada concluído, assim:

O ser humano somente pode “humanizar-se” e realizar-se plenamente quando se insere em um mundo que está em processo contínuo de criação, quando se relaciona e se integra no trabalho e no cuidado por este mundo que tem em suas mãos. Nesse sentido, o ser humano está aberto a um projeto de criação e é capaz de descobrir nas realidades cotidianas, que há algo presente que ainda não se manifestou. Nessa potencialidade está a capacidade de sonhar do ser humano como um caminho que se abre para a utopia (EVANGELIZADORES ENTRE OS JOVENS, 2011, n. 65).

Desse modo, uma ação evangelizadora pensada para a juventude, para ser efetiva, exige testemunho de vida, anúncio de Jesus Cristo, adesão a ele, adesão a comunidade, participação na missão da Igreja e transformação da sociedade. Para a pastoral da Juventude os jovens devem ser incentivados a serem sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social. Para isso precisam ser acompanhados em sua experiência pessoal e comunitária da fé, ajudando-os a descobrirem o rosto de uma Igreja viva, jovem e próxima.

A presença junto ao jovem é para estabelecer uma relação pessoal sincera, ouvir suas ansiedades e aspirações, caracterizada pela confiança mútua e o ato de compartilhar. Tudo isso requer preparação pedagógica e científica, a meta junto aos jovens não é somente dar instruções morais e

religiosas, mas levar a compreensão do que significa ser jovem cristão comprometido e bom cidadão. “Não há crescimento na fé sem acompanhamento, sem acompanhante” (EVANGELIZADORES ENTRE OS JOVENS, 2011, n. 152). Como apóstolo da juventude o assessor é um educador na fé, uma pessoa que já orientou seu projeto de vida e que procura anunciar Jesus Cristo e viver uma espiritualidade encarnada na realidade. Por isso sabe que a formação dos destinatários não é somente responsabilidade sua, é uma obra do Espírito Santo, sente-se assim, um instrumento nas mãos de Deus.

Isso confirma Fernandez (2007), quando fala da espiritualidade que leva a ação, ela decorre do impulso de amor que o Espírito Santo infunde na pessoa. Esse impulso não é algo subjetivo, que se refere apenas à interioridade: “O espiritual não é simplesmente interiorização, mas também um caminho de verdadeira liberdade, que passa pelo coração do homem e se dirige para a realidade integral dele e de sua história pessoal e comunitária” (FERNANDEZ, 2007, p. 18).

O dinamismo espiritual pode ser vivido nos momentos de recolhimento e de oração particular, mas a espiritualidade carece de encarnar-se na ação que o crente realiza, como uma espiritualidade da própria ação. Transformando a ação em verdadeiro ato de amor, em dinamismo que ao sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, permite o desenvolvimento profundo e harmonioso das potencialidades de ambos.

O Papa João Paulo II em seu livro “Amor e Responsabilidade” escreve sobre esse dinamismo do amor: “A essência do amor se realiza o mais profundamente possível mediante o dom de si mesma que a pessoa que ama faz a pessoa amada... É como uma lei de êxtase: sair de si mesma para encontrar no outro o crescimento do seu ser” (1978, p. 136).

Essa atenção dada ao outro implica em valorizá-lo em sua riqueza pessoal e buscar efetivamente seu bem: “Quem não ama o irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê (1Jo 4,20). Pode-se então afirmar que espiritualidade desenvolvida no silêncio e na intimidade da pessoa e a espiritualidade vivida na ação se alimentam entre si.

Quando alguém se sente chamado para uma missão no mundo, sua entrega a Deus e aos outros na ação evangelizadora, é segundo Fernandez, a melhor realização de sua espiritualidade. Ela é então, “o dinamismo do amor que o Espírito Santo infunde na totalidade de nossa existência” (FERNANDEZ, 2007, p. 21).

Desse modo alguém que se proponha a evangelizar na sociedade de hoje para transformá-la, deve fazê-lo a partir de uma mística que inclua três aspectos ao mesmo tempo: estar fortemente envolvida com o social, mantendo o compromisso libertador que envolve solidariedade e justiça; encarnar-se na cultura em um dinamismo de apreço, respeito e capacidade de maravilhar-se frente às diferenças; apresentar uma espiritualidade rica e vivificante, ou seja, “mística”, que nasce de uma relação sincera com Deus e que supra a necessidade que o jovem tem de viver sua natural inclinação para o religioso.

A globalização nos chama para uma cultura de intercâmbio e o Evangelho pode iluminar com sua graça essa realidade. Segundo Fernandez (2007) isso exige que todos os cristãos se tornem protagonistas da comunicação da espiritualidade evangélica, sem, no entanto absolutizar um estilo de vida ou de mundo, assim:

Se requer que os agentes pastorais adotem uma atitude particular de largueza interior que lhes permita assumir as maneiras pelas quais a espiritualidade pode ser comunicada, de modo a ser compreendida, aceita e acolhida por pessoas de diferentes estilos e modos de viver [...] Se a igreja souber ler os desafios do Espírito no contexto atual da globalização, ela mesma se deixará ‘globalizar’ ainda mais e viverá um maravilhoso processo de “globalização” que a tornará mais católica em todos os sentidos. É essa a chave principal do diálogo fecundo com a nova cultura globalizada (FERNANDEZ, 2007, p. 203).

A pessoa é mais completa quando sabe observar o que acontece dentro de si, o crescimento físico, psicológico e intelectual precisa de um correspondente de maturidade que permita crescer no amor e no cuidado com os irmãos e com o ecossistema. Como caminho de beleza e mistério a educação na fé carrega dentro de si uma “vibração”, uma alegria de sentido que a Pastoral da Juventude chama de “mística”:

Podemos dizer que a mística é a alma da espiritualidade. Espiritual é a pessoa que vive com o Espírito, dom do Deus da vida. Uma pessoa espiritual é aquela que tem a vida dentro dela e a exterioriza. É

pessoa repleta de esperança, de solidariedade, de sentido, de amor, de paz e justiça. Vida mística é o resultado da vivência e integração de todos esses elementos (CAMINHO DE EDUCAÇÃO NA FÉ, 2008, n. 10).

A mística, portanto, não nasce de nós nem se destina só a nós, ela é resultado do relacionamento com o Espírito de Deus, que habita em cada um e no mundo. Ao lado das diversas iniciativas para o acompanhamento e desenvolvimento dos jovens na Igreja destacamos neste estudo a Pastoral Juvenil realizada nos Colégios Maristas, que tem como referência os documentos do Grupo Marista e os documentos da Igreja que orientam em nível local, nacional e internacional. No próximo capítulo abordaremos a Pastoral Juvenil Marista, trata-se de uma proposta em âmbito escolar, que vem se constituindo em uma referência na caminhada de evangelização dos jovens, pois propicia experiências de encontro com Jesus Cristo nas mais diversas situações da vida, buscando aprofundar valores que orientam o projeto de Jesus Cristo como modelo de projeto de vida para os jovens. O itinerário espiritual proposto para os jovens, impulsiona para o seguimento de Cristo, orienta para o protagonismo que dê sentido à vida, que gere comunidade, compromisso social e corresponsabilidade para com todos os participantes do grupo.

Dentre os desafios da evangelização, além de olhar para a grande riqueza que os jovens são, é preciso “*Conhecer os jovens*, condição prévia para evangelizá-los. “Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece” (CNBB, 2007, 85, n. 10). Essa é uma das grandes tarefas: conhecer as juventudes, saber o que elas sabem e o que pensam e sentem em relação ao que vivem e ao que possuem de transcendente e de sagrado.

4. A PASTORAL DA JUVENTUDE MARISTA: UMA PROPOSTA DE EVANGELIZAÇÃO JUVENIL

As grandes transformações do século XX não ocorreram somente no âmbito político e cultural. O Concílio Vaticano II, realizado na primeira metade da década de 1960, representou a implantação de um novo modelo de Igreja: além de mudanças no âmbito clerical, possibilitou um novo perfil do leigo no seio da Igreja. O protagonismo dos leigos permitiu o desenvolvimento de novos modos de apresentar o Evangelho e trouxe uma consequência importante para a vida da Igreja: os leigos passaram a viver juntos a sua fé. Era o início de um relacionamento de comunhão e de empenho entre os diversos carismas, chamados a serem testemunhos da ação evangelizadora e missionária da Igreja. Em 1968 foi realizada a Conferência Episcopal de Medellín, dedicando um de seus capítulos para a juventude, chamando-a de “força social de pressão”. “A juventude, particularmente sensível aos problemas sociais, reclama as mudanças profundas e rápidas que assegurem uma sociedade mais justa [...]. A atitude religiosa da juventude se caracteriza por recusar uma imagem desfigurada de Deus, que, às vezes, lhe tem sido apresentada, e pela busca autêntica de valores evangélicos” (MEDELLIN, 1968, p. 99).

Os jovens se apresentam como símbolo da Igreja, como interlocutores da evangelização, que numa relação dialógica se enriquecem pela troca de experiências. Portanto, “escutando e compreendendo os gritos e clamores dos jovens, a Igreja é chamada não somente a evangelizar, mas também a ser evangelizada” (CNBB, Evangelização da juventude, 2007, n. 51).

Na *Christifidelis Laici* (1988) a juventude é definida como “esperança da Igreja”, “os jovens constituem uma força excepcional e é um grande desafio para o futuro da Igreja”. Nos jovens, “a Igreja lê o caminho para o futuro que a espera e encontra a imagem e o convite daquela alegre juventude com que o Espírito de Cristo constantemente a enriquece”. No mesmo documento, João Paulo II chama atenção para a solicitude pastoral da Igreja para com os jovens: os jovens não são apenas objeto, mas “são de fato e devem ser encorajados a serem sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”.

A juventude oferece um conjunto de valores, expressa jovialidade, ou seja, a essência de ser jovial, ela é protagonista de sua própria história. Torna-se então, imprescindível, cada vez mais, a necessidade da Igreja de caminhar com os jovens e refazer com eles a experiência de Jesus.

O Brasil sempre teve preocupação ímpar para com a evangelização da juventude, basta olhar a caminhada da Igreja, passando pela Ação Católica especializada (JAC, JEC, JOC e JUC) e de modo ainda mais presente através da organização e criação do setor da Pastoral da Juventude (CNBB, 85, n.193). Ao evangelizar o jovem a Igreja compreende que ela própria se evangeliza, atualiza seu caminho e a forma de transmitir sua mensagem. O trabalho específico junto aos jovens expandiu-se em movimentos eclesiais e em novas comunidades⁴. A juventude é objeto de trabalho e de evangelização de vários ramos, movimentos, Congregações, Institutos religiosos da Igreja e da sociedade brasileira. Cada movimento é marcado pela sua riqueza e momento histórico. Sabemos que o Setor da Pastoral não veio para substituir, acabar ou transformar as caminhadas iniciadas, mas sim para colaborar na busca e fortalecimento da identidade dos grupos já existentes.

Com o Setor da Pastoral da Juventude os diversos trabalhos e experiências com os jovens, encontram lugar privilegiado para exercer seu carisma respeitando o trabalho de outras expressões existentes. Na década de 1980, contemporaneamente com o processo de sistematização pedagógica da Pastoral da Juventude, o Grupo Marista articulou-se em nível de Províncias na promoção de um modelo de trabalho com os jovens para formar lideranças juvenis do Ensino Médio, inspirado no Carisma de Marcelino Champagnat. Assim, o Grupo Marista, por fidelidade ao seu carisma tem marcado a história da educação da juventude brasileira. Nas últimas décadas, tem buscado, com coragem e criatividade, promover iniciativas concretas de compromisso e apoio em prol da evangelização da juventude. A necessidade de priorizar o trabalho

⁴ “Na década de 70, desenvolveram-se os **Movimentos de Encontro**, tanto de origem nacional quanto de origem internacional. No final dos anos 70/80 surge o **Setor Juventude** da CNBB e inicia-se uma pastoral orgânica com a Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude do Meio Popular, Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude Rural. [...] Em 1996 e em 1998, são publicados dois importantes Estudos da CNBB: *Pastoral da Juventude no Brasil e Marco Referencial da Juventude do Brasil*” (CNBB, 2012, n. 208).

juvenil nas Províncias do Brasil Marista amadureceu no interior de diferentes grupos e experiências que procuravam favorecer uma formação integral no processo de educação na fé: espiritualidade, protagonismo, vocacionalidade (projeto de vida) e função social. Foi partindo dessas experiências de pastoral juvenil e da preocupação com a evangelização dos adolescentes e jovens Maristas que em 2004, começou o processo de construção das Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista (PJM), culminando com sua elaboração em 2006.

A elaboração das *Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista* tem se constituído como marco, “na construção da comunhão, um passo rumo à Pastoral de Conjunto, um gesto de quem acredita no protagonismo e no potencial da juventude” (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, p. 17). A evangelização das crianças e da juventude é parte essencial do carisma Marista. A formação cristã dentro e fora da escola e a educação na elaboração de um Projeto de Vida para cada jovem é um dos diferenciais desta proposta.

A reflexão proposta neste capítulo se refere a alguns aspectos mais importantes da Pastoral Juvenil Marista que tem por objetivo desenvolver uma ação evangelizadora que favoreça a promoção humana, a solidariedade e o protagonismo em que os jovens se assumem como atores principais e decisivos do processo. Para melhor compreender o trabalho com a juventude Marista, ou seja, o trabalho desenvolvido com “adolescentes e jovens que, de maneira autêntica, num processo de formação grupal, protagonizam a vivência da espiritualidade e do carisma marista, partilham suas vidas e seus sonhos e assumem o compromisso de concretizar a ‘Civilização do Amor’, na sociedade” (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, nota 3, p. 23).

As opções pedagógico-pastorais se orientam pela grande diversidade de rostos e manifestações, ou seja, pela existência de diversas juventudes, cada uma com um jeito próprio de se entender e construir os seus processos. “A Juventude Marista, carregada de sinais e significados, sistematizam nas Diretrizes sua pedagogia, seu modo de ser e de viver o sonho de Champagnat num processo evangelizador dinâmico” (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, p. 24).

Neste estudo, os jovens são concebidos como sujeitos que carregam dentro de si uma força motriz capaz de gerar a dinamicidade para o processo de transformação social, exercendo seu protagonismo, entendido no contexto da pesquisa como ação autônoma que implica responsabilidade e coerência, e que nasce do desenvolvimento do processo da educação na fé.

4.1 Pastoral da Juventude Marista: princípios norteadores e horizontes

A pastoral juvenil Marista parte de uma compreensão cristã do ser humano, concebendo-o como um ser criado por Deus, à sua imagem e semelhança e dotado de liberdade, um ser religioso. A busca pelo conhecimento de Deus constitui o que há de essencial no ser humano. Assim, o Catecismo da Igreja afirma que “o desejo de Deus está escrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus, e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 27, p. 21). Quando o ser humano se sabe criatura, a experiência de sua autonomia e liberdade não fica fechada em si, nela o ser humano se experimenta como um ser capaz de superar seus limites e voltar-se para a comunhão interpessoal. É pela relação que o ser humano se reconhece a si mesmo. O ser humano está completo; é humano na comunhão interpessoal, não na solidão. Num processo educativo, deve-se levar em conta que, no mesmo instante em que ocorre essa relação de alteridade, dá-se, de igual modo, a formação da identidade.

Neste sentido a aspecto da criatividade precisa ser ressaltado no processo formativo, porque não dá para fugir da responsabilidade que temos de humanizar o mundo e, ao mesmo tempo, de estar a serviço da convivência humana solidária. Na perspectiva bíblica a ação criadora de Deus fundamenta radicalmente a criatividade da criatura humana. O ser humano só poderá ser humano e realizar-se, realizando o mundo e, inserindo-se nele, relacionando e integrando o trabalho e o cuidado. São seus compromissos em relação à criação e sua história que fazem dele um colaborador do Deus Criador, mesmo em sua limitação. É com base nesses princípios que a Pastoral Marista insere

o “Projeto de Vida” como instrumento importante de tomar nas próprias mãos a construção da identidade dos jovens, pois acredita que os jovens têm imenso poder criativo a ser trabalhado, ao lado daquelas tantas outras características que constituem sua especificidade. O desenvolvimento integral do adolescente e do jovem passa pelo reconhecimento do outro e de suas necessidades como aquele que interpela e faz sentir-se semelhante. Assim, as experiências de solidariedade e de fé são fundamentais para construir o projeto de tornar Jesus Cristo conhecido e amado entre os adolescentes e os jovens lá onde eles estão. Outro elemento significativo do processo pastoral desenvolvido nos espaços educativos maristas é o diálogo constante entre interlocutores diversos: crianças, jovens, colaboradores e famílias, entre outros, com o objetivo de escuta atenta das pessoas que ali convivem e um olhar crítico a respeito da realidade local, a fim de educar e evangelizar.

As Diretrizes da ação pastoral marista ressaltam aspectos essenciais da tradição eclesial, do magistério da Igreja e do Grupo Marista. Os princípios basilares são testemunho de vida como meio de evangelização, ação pastoral juvenil cristocêntrica, inculturação, vida litúrgica e sacramental, espiritualidade cristã, espiritualidade e carisma marista, religiosidade, Maria como modelo de segmento de Jesus e inserção eclesial.

O termo evangelização é relacionado ao anúncio do Reino de Deus revelado na vida e na obra de Jesus por meio do Espírito Santo. Evangelizar é tornar real a mensagem de Jesus, na vivência cotidiana de seus ensinamentos. No contexto da evangelização a Igreja fiel ao projeto de Cristo se empenha na promoção do Reino de Deus (*Lumen Gentium*), tornando-se presente entre as culturas [...], de maneira significativa a fim de promovê-las em dignidade, à luz da fé. Nessa perspectiva a evangelização serve ao desenvolvimento humano integral com ações plurais e complementares, na diversidade das comunidades cristãs. A força evangelizadora da Igreja se edifica na comunhão dos fiéis que, juntos, aderem ao projeto de amor de Deus-Pai, vivem os valores da “vida nova” que Jesus nos legou com sua morte e ressurreição e se deixam guiar e renovar pelo Espírito Santo – força dinamizadora da missão. Assim a Igreja evangeliza, na catequese, nas celebrações, nos ritos e na tradição que é

transmitida, na liturgia, nas ações vinculadas a justiça social ou a preservação da natureza entre outras, e cumpre o que é próprio da sua identidade.

O trabalho pastoral delineado nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista Brasil Centro Sul não pressupõe imposição de uma doutrina ou de uma fé, mas representa um meio para desenvolver uma dimensão inerente ao ser humano. O documento dá ênfase ao pluralismo religioso nas diferentes unidades sócio-educativas: “É possível que crianças e jovens de outras crenças estejam sob nossa responsabilidade. Neste caso, em situações de pluralismo religioso, testemunhamos nosso compromisso de fé encorajando-as a praticarem também a sua própria fé, de acordo com sua própria herança religiosa” (PMBCS. Diretrizes da Ação Evangelizadora, n. 55, p. 31). Nesse sentido nos tornamos espaço onde o Evangelho é proclamado e vivido e também o lugar em que cada pessoa pode responder em liberdade ao chamado à transcendência.

A evangelização se constitui assim em um processo que encontra sua essência no Deus Trindade, que é comunhão, diversidade, partilha, doação e amor. A relação entre Deus e o ser humano é mais do que de criatura, é imagem de Deus. “A ação criadora de Deus fundamenta radicalmente a criatividade da criatura humana. Os compromissos responsáveis do ser humano em relação à criação e sua história fazem dele um colaborador do Deus criador, mesmo em sua limitação. O ser humano é, por assim dizer, naturalmente criativo” (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, n. 237, p. 89).

A evangelização voltada às juventudes se pauta no desenvolvimento humano, por meio dos valores e do testemunho daqueles que com elas convivem. O jovem é por si só, construtor de caminhos ainda impensados. Basta lembrar que a juventude é uma das etapas da vida onde há possibilidades de romper barreiras e romper limites na construção de seu protagonismo.

A reflexão teológica sobre o jovem como ser humano criado à imagem de Deus nos leva a pensar numa pedagogia que propicie a vivência do evangelho em sua dimensão pessoal e coletiva, traduzindo-se em prolongamento profundo do amor de Deus na partilha e na vivência comunitária

dos valores do Reino de Deus. É por meio da inculturação – diálogo com outras culturas, crenças e valores - que a Igreja se aproxima da realidade vital e da cultura do jovem, sem perder a fidelidade à mensagem do Cristo.

A inculturação, como princípio teológico, é apresentada no documento conclusivo da Conferência de Santo Domingo como referencial metodológico de suma importância para a evangelização da contemporaneidade, como forma de aproximar, da melhor maneira possível, a linguagem e os métodos às novas realidades culturais existenciais. “A nova evangelização tem como ponto de partida a certeza de que em Cristo há uma riqueza insondável (Ef. 3, 8) que nenhuma cultura, de qualquer época, extingue, e à qual nós seres humanos, sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos” (CELAM, Documento de Santo Domingo, 2006, n. 24)

De acordo com as Diretrizes da Ação Evangelizadora da PMBCS, o diálogo com as outras religiões e culturas não pode se fechar em um discurso sobre Deus e a religião. É preciso abrir à dimensão do Reino de Deus. “A Igreja é chamada a descobrir o potencial libertador das religiões, de seus ritos e mitos. A missão passa a ser, assim, a de descobrir as sementes do Reino de Deus em cada cultura e cada religião. Compreendemos como Instituto, que a promoção do Reino de Deus se dá pela forma de exercer sua missão na educação, no cuidado, na promoção e defesa das crianças e jovens, preferencialmente os mais empobrecidos. Sempre fiéis ao Carisma de Marcelino Champagnat e criativamente sensíveis aos sinais dos tempos, à luz do Evangelho” (PMBCS, Diretrizes da Ação Evangelizadora, p. 27, n. 41).

Nessa perspectiva, ao pensar numa evangelização inculturada no cotidiano dos jovens, a Pastoral da Juventude Marista, busca ressaltar a importância de conhecer as vivências da fé dos jovens e de suas famílias, a abertura sincera ao diálogo, não só deixando clara a identidade cristã, mas, também, o respeito às diversas manifestações da fé. A ação pastoral busca, assim, na vivência e no testemunho dos valores humanos e Marista a base para um trabalho pastoral com as juventudes.

No contexto da Pastoral da Juventude Marista a espiritualidade é relacionada ao dinamismo que motiva e qualifica por inteiro a vida do ser humano. Ela pode estar enraizada na pessoa não apenas por meio de seus

valores, convicções e sonhos, mas, também, na relação com uma fonte transcendente – num ser superior ou outras compreensões. A espiritualidade pode então, ser uma “expressão do espírito humano, em sua natureza própria, independentemente, de ter recebido influência de ensinamentos, ou doutrinas” (PMBCS, p. 55, n. 118). Dessa forma, se reconhece na religião um meio favorável para vivenciar a espiritualidade. A espiritualidade que emana do ser humano e da comunidade de fé contribui para a renovação da religião ao longo do tempo. Na educação dos jovens, trabalhar com a dimensão humana da espiritualidade significa encontrar um lugar propício para o desenvolvimento da autoconfiança, das relações interpessoais, de seus sentimentos em relação a Deus e à espiritualidade.

O desafio apresentado aos adultos que trabalham com as juventudes nas Unidades Maristas é o de construir espaços e promover situações que despertem a sensibilidade dos jovens para a vida, para o mistério, para o conhecimento e para o estabelecimento de laços profundos consigo, com os outros, com a natureza e com o sagrado. Em seu trabalho pastoral, a missão marista atribui particular ênfase a espiritualidade cristã e católica e especificamente na espiritualidade e no carisma marista. A espiritualidade cristã está fundamentada na Trindade como uma comunidade perfeita. Dessa dimensão trinitária emana uma espiritualidade que toca e vivifica o ser humano.

A espiritualidade cristã se refere sempre a Jesus Cristo e ao Reino de Deus. Para os cristãos, é na raiz do plenamente humano que está o mistério da encarnação do Verbo. A dimensão ecumênica, inter-religiosa e humanística da espiritualidade cristã se fundamenta no fato de sermos plenamente humanos.

Como cristãos, professamos que, em Jesus Cristo, Deus se revelou plenamente e, ao mesmo tempo, revelou seu projeto de ser humano. O Novo Testamento mostra que, a luz do evento pascal, toda a vida de Jesus era a presença de Deus entre as pessoas e suas ações, ação de Deus em favor do ser humano, de maneira especial e preferencial dos pobres, excluídos e marginalizados (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, p. 95, n. 258).

No espaço tempo das juventudes, é possível propor a vivência de uma espiritualidade integradora que permeia a vida dos jovens e de suas famílias. A ação pastoral marista considera que a educação formal, é um espaço

privilegiado de vivência dessa espiritualidade cristã, vivenciada em experiências comunitárias marcadas pela acolhida, escuta atenta, afeto, solidariedade, conhecimento, celebração da vida e do projeto de Jesus, bem como o papel fundamental de Maria na história cristã. A dimensão profética de Maria, no anúncio do anjo, é consequência de sua escuta e abertura ao projeto de Deus. O anjo, ao anunciar a Maria que ela seria a mãe do Salvador, apresenta como saudação uma mensagem de alegria e de presença:

“Alegra-te”. É a primeira coisa que Maria ouve de Deus, é a primeira coisa que devemos ouvir também nós. “Alegra-te” essa é a palavra de Deus a toda a criatura. [...] Sem alegria a vida se torna difícil e dura. [...] “O Senhor está contigo”. A alegria a que somos convidados não é um otimismo forçado nem um autoengano fácil. É a alegria interior que nasce em quem enfrenta a vida com a convicção de que nunca está só. Uma alegria que nasce da fé. Deus nos acompanha, nos defende e busca sempre nosso bem. Podemos queixar-nos de muitas coisas, mas nunca poderemos dizer que estamos sós, porque não é verdade. Dentro de cada um, no mais profundo de nosso ser, está Deus, nosso Salvador (PAGOLA, 2012, p. 23).

Pela anunciação Maria acolhe com alegria a “novidade” que se anuncia e não se deixa intimidar pelo medo e pelo preconceito, pois sabe que não está só. Maria desperta em nós algumas atitudes básicas que devemos cultivar para viver nossa fé, ela é modelo de Igreja como enfatizou o Concílio Vaticano II (1960). Dela o jovem aprende a fidelidade a Jesus e ao Evangelho, e a Igreja a fomentar a “ternura maternal” no acolher os jovens. Sendo uma Igreja que não rejeita e nem condena, mas que abriga e tem lugar para cada um. “Uma Igreja atenta ao sofrimento de todo ser humano, que sabe esquecer-se de si mesma e ‘andar depressa’ para estar perto de quem precisa de ajuda. Uma Igreja preocupada com a felicidade dos que ‘não tem vinho’ para celebrar a vida” (PAGOLA, 2012, p. 27). Maria proclama com alegria a grandeza de Deus e sua misericórdia para com todas as gerações. A alegria anunciada pelo Evangelho vem da comunhão e da solidariedade e pode ser encontrada no esforço de fazer outros felizes.

Com Maria o jovem cristão se reconhece como discípulo e apóstolo ao mesmo tempo. Por discípulo entende-se aquele que aprende aos pés do Mestre, o apóstolo também é discípulo, mas recebe e acolhe a missão de levar a mensagem recebida a outros, seguindo a ordem que nos foi dada pelo

próprio Jesus: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações” (Mt 28, 19); como apóstolos temos uma missão, entretanto, o cristão não deixa nunca de ser discípulo, é aos pés de Jesus de coração aberto ao amor e a justiça que o discípulo se fortalece e encontra valores que superam a materialidade e as experiências culturais. A Igreja, como grupo de crentes que responde ao chamado de seguir a Cristo, tem a função de tornar ativa a memória dessa ordem de Cristo. O primeiro passo nesse processo é a pessoa reconhecer o chamado ao discipulado, é responsabilidade da Igreja ajudar os novos crentes a entender em que se constitui esse chamado, quais as implicações que advêm de responder a esse chamado, o que ele constrói na vida pessoal e coletiva.

Desse modo, Maria se torna também a grande inspiradora da espiritualidade cristã marista. A espiritualidade legada por Marcelino Champagnat é mariana e apostólica. Marcelino Champagnat denominou os Irmãos de Marista, por reconhecer em Maria um modelo de segmento a Jesus. Ela era considerada a conselheira que apontava sempre o Caminho: Jesus. A espiritualidade e o Carisma Marista se consolidaram não apenas na vida do fundador, mas foi experimentada na vida dos primeiros Irmãos e é atualizada constantemente por aqueles que optam por vivenciar esse carisma.

No centro do carisma de Marcelino Champagnat, está a constante busca pelo modo mais eficaz de alcançar os jovens. Seu exemplo inspira as nossas instituições e energias criativas como apóstolos maristas. Buscamos ser a face humana de Jesus no meio dos jovens, ali onde eles se encontram (SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA, 2006, p. 94, n. 254).

A espiritualidade assume um caráter apostólico que leva como dizia muitas vezes Marcelino; “Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a amou” (FURET, 1989, p. 460). Desde a sua fundação em 1817, o Instituto dos Irmãos Maristas se dedica à educação de crianças e jovens com a missão declarada de “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos.” Essa máxima é expressa no seu grande projeto: “proporcionar a criança e jovens, espaços em que possam desenvolver valores relacionados ao conhecimento, a liberdade, a responsabilidade, a transcendência, para que possam ser

reconhecidos como ‘bons cristãos’ e virtuosos cidadãos”. (FURET, 1989, p. 498).

Na prática, o Grupo Marista empreende ações educacionais e solidárias de cunho social emancipatório, voltadas às crianças e jovens, com especial atenção aos mais empobrecidos. Nesse contexto, a pastoral marista se insere como proposta educativo-evangelizadora que almeja, por meio da escuta e participação dos jovens, capacitá-los para encontrar respostas autênticas aos anseios e necessidades fundamentais da juventude e da evangelização. A Pastoral visa à formação integral, na qual o jovem desenvolve aspectos da espiritualidade, do seu papel na Igreja, da autonomia, do aprofundamento no carisma marista, do protagonismo juvenil e da intervenção eficaz na sociedade por meio de experiências sócio-educativas integradoras. A seguir, apresentamos o universo da pesquisa

4.2 A Pastoral no Grupo Marista

O Colégio no qual se realizou a pesquisa é uma entidade confessional católica e oferta cursos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Desde 1924, ano de sua fundação, os Irmãos Maristas vem se dedicando à educação e a evangelização de crianças e jovens, tornando-se um forte baluarte da educação paranaense e brasileira.

A proposta pedagógica do Colégio e mais precisamente do Grupo Marista, está comprometida com a obra iniciada por Marcelino Champagnat de tornar Jesus Cristo conhecido e amado e de formar bons cristãos e virtuosos cidadãos. Para tanto, assume Maria como inspiração e fundamenta sua ação na convicção de que para bem educar as crianças é preciso, antes de tudo, amá-las, e amá-las todas igualmente.

O processo educacional caracteriza-se por meio dos valores da presença atenta e acolhedora das pessoas pela inculturação nas realidades; do espírito de família marcado pela valorização das ações coletivas, pela autonomia responsável, pela flexibilidade, pela ajuda mútua e pelo perdão; do amor ao trabalho como meio de realização pessoal e profissional; da justiça pautada nos valores cristãos; da simplicidade que auxilia na integridade e na

autenticidade da espiritualidade fundamentada no Evangelho e inspirada em Maria, pelo seu jeito de ser e atuar.⁵ Nessa perspectiva, a proposta pedagógica Marista “desenvolve um processo pedagógico-pastoral que visa à educação integral de crianças e jovens, articulando fé, cultura e vida, e contribui para o desenvolvimento da consciência crítica, favorecendo as relações, o posicionamento, a valorização do sentido da vida e a relação com Deus”.⁶

Para o Grupo Marista, a pastoral designa o conjunto de estratégias e ações de evangelização, desenvolvida segundo a especificidade de cada uma de áreas de atuação: educação, solidariedade, saúde e comunicação. Por evangelização, o Grupo Marista compreende todas as iniciativas que visam a disseminação e inculturação dos valores cristãos, a educação para a cidadania, a promoção dos direitos humanos, a vivência solidária, as opções que visam a sustentabilidade, o diálogo inter-religioso e multicultural, o desenvolvimento da dimensão espiritual, a comunhão com a Igreja e a formação catequética. Particular ênfase assume o trabalho desenvolvido junto às infâncias e juventudes, especialmente por meio da Pastoral Juvenil Marista – PJM.

Para o Grupo Marista a missão evangelizadora está articulada com a proposta pedagógica que contempla a formação das crianças e dos jovens nas suas diferentes dimensões: biológicas, psicológicas e espirituais. É uma proposta pedagógica que explora questões psicológicas, sociais econômicas e culturais, plurais e complexas, sempre permeada pelas novas tecnologias e pela pluralidade de linguagens que constituem o mundo. A missão de evangelizar é uma missão que desafia e corresponsabiliza a todos que pertencem ao Grupo Marista.

No contexto pluralista de nossos colégios, ensinamos a ver Jesus Cristo e a Igreja de maneira acolhedora, atualizada e arraigados na vida: para tanto, sinalizamos a importância da acolhida, do diálogo ecumênico e inter-religioso, ajudando a comunidade educativa a

⁵ “Desse princípio fundamental decorrem as características próprias do nosso estilo educativo: presença, simplicidade, espírito de família, amor ao trabalho, ser e agir do jeito de Maria. Procuramos adotar essas atitudes e valores como nosso modo próprio de inculturar o Evangelho. É o conjunto desses elementos e a sua inteiração que dão ao nosso estilo a sua originalidade, inspirada pelo Espírito Santo” (MISSÃO EDUCATIVA MARISTA, 2003, p. 49).

⁶ (<http://www.colegiosmaristas.com.br/o-colegio-proposta-pedagogica/D888>).

conviver com respeito e paz. A evangelização é emancipatória tanto quanto for capaz de aproximar as pessoas do mesmo Deus e promover relações justas e fraternas (SETOR DE PASTORAL, 2009, p. 19)

No que se refere à evangelização dos jovens, o Plano de Pastoral do Grupo Marista (2009) enfatiza que essa será eficaz, à medida que corresponda globalmente as suas necessidades e aspirações. A transmissão do Evangelho não deve acontecer apenas de forma abstrata, mas dentro de um contexto vivencial e por meio de constante acompanhamento. A dinâmica da educação na fé é pensada de forma processual e abrangente, acompanhada de um itinerário que o próprio jovem deve trilhar. Trata-se de um caminho que o jovem vai construindo ao lado e junto com outros jovens.

Nas Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista (DNPJM), o processo de educação na fé, não está apenas baseado numa metodologia, mas na “originalidade e autenticidade que surge do desejo do encontro e da descoberta de um Deus que se revela em Jesus Cristo nas pessoas e na natureza. Esse processo deve ensejar que o jovem vivencie o projeto de Jesus Cristo, sendo Apóstolo no meio de outros jovens, por meio da formação integral, com jeito marista de ser, na construção de uma sociedade mais justa, ética e solidária, sinal da civilização do amor” (COMISSÃO NACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2008, n. 2, p. 20). Fundamental para esta etapa é saber caminhar junto com os jovens, permitindo que eles trilhem seu próprio caminho.

Nessa perspectiva, o amadurecimento da fé da juventude e dos agentes que trabalham com ela, se dá não apenas como apropriação intelectual, mas numa postura de vida carregada de mística. O caminho da educação e amadurecimento na fé é cultivado a partir da experiência dos lugares bíblicos que contemplam a vida de Jesus (Belém, Nazaré, Caná, Cafarnaum e Jerusalém) e os lugares maristas (Rosey, La Valla, Verrières, Le Palais, L’Hermitage), que olham o contexto histórico e humano da vida de Marcelino Champagnat. Esses lugares se constituem em lugares inspiradores, motivadores e se tornam sagrados quando se revestem de sentido profundo. O lugar bíblico ou marista é um espaço concreto que pode tornar-se um sacramental na experiência de amadurecimento da fé. Esses são cenários que

se complementam no caminho da descoberta do seguimento de Jesus. (COMISSÃO NACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2008).

No processo de educação na fé são de fundamental importância os momentos (paradas, estações, pontos) que representam múltiplas realidades a serem vividas e descobertas. Embora façam parte do mesmo caminho, os momentos são diferentes, pois estes constituem um espaço de tempo propício para a descoberta da identidade pessoal, e de grupo e para a vivência da experiência da fé, da personalidade, da afetividade e da solidariedade.

De acordo com a proposta de formação para os jovens da Pastoral Juvenil Marista, são cinco os momentos: “a descoberta do caminho comunitário; a descoberta do grupo; a descoberta da comunidade; a descoberta da questão social e o despertar da vocação e o amadurecimento do projeto de vida”. Esses momentos constituem um processo dialógico, integrados uns aos outros. Parte-se do pressuposto de que há uma dinamicidade na “travessia da fé”; todas as descobertas são importantes e estão interligadas e vividas em processo. Para esta travessia os símbolos adquirem significados e possibilitam ressignificar a leitura racionalizante das etapas e fases do processo de educação na fé. “Para a juventude, o símbolo caracteriza a identificação com uma causa ou com um ideal”. (COMISSÃO NACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2008, n. 2, p. 20; n. 27, p. 32).

Constitui o *primeiro momento* da educação na fé a descoberta do caminho comunitário e o símbolo desse momento é a Estrela de Belém, seu sentido nascimento e vida. O *segundo momento* (7ª série) é a descoberta do grupo, seu símbolo é o Coração Acolhedor de mão abertas, significando o processo de crescimento na fé, o acolhimento do outro e a solidariedade que devem ser exercidos cotidianamente. O lugar bíblico é Nazaré e os valores trabalhados são a amizade e a partilha. O *terceiro momento* (8ª série) se caracteriza pela descoberta da comunidade e da questão social. Seu símbolo é Maria Boa Mãe que lembra o compromisso de ser protagonista sensível a realidade do mundo que o cerca e atento às pessoas mais necessitadas. Os valores a ser despertados são sensibilidade determinação e alegria. No *quarto*

momento o jovem é orientado para o despertar da vocação e o amadurecimento do projeto de vida. O símbolo é a Cruz que, mais do que significar morte, lembra que assumir a missão cristã é uma atitude cotidiana de combater as injustiças e ressurgir para a vida. Os valores a serem trabalhados são despojamento e compromisso. E por fim, no *quinto momento*, é caracterizado pelo símbolo das Três Violetas que representam o desejo e o compromisso de uma vida voltada para a vivência do projeto de vida, permeado pelos valores evangélicos e maristas.

Para os jovens monitores do Terceiro Momento, o exemplo a ser seguido nasce das “bodas de Caná” (Jo, 2, 1-11). Para os noivos, Maria é naquele momento presença determinante capaz de perceber e interceder frente à necessidade que se anunciava. Foi em Caná, a partir do milagre que transformou água em vinho, que Maria passa a ser discípula de seu próprio Filho: “Torna-se, assim, a primeira discípula, sendo exemplo para todas as pessoas: seguir Jesus do jeito de Maria é um modo privilegiado de viver em plenitude o cristianismo” (COMISSÃO NACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2008, n. 82, p. 87).

O lugar Marista é La Valla e tem como significado o momento de amadurecer um projeto de vida. Para Champagnat foi o momento de decisão de fundar a congregação. O que para Champagnat significava os braços e o coração, que se conjugavam no amor ao trabalho e ao carinho com os pequeninos. Para o jovem é o momento de descobrir o que Deus espera dele. Os valores ou atitudes a serem desenvolvidos são sensibilidade, determinação e alegria. O espírito de Champagnat evoca que o grupo não é lugar de acomodação e conformismo, mas espaço para que o jovem se revista de entusiasmo pela causa do outro.

Nesse sentido, é fundamental para os jovens e os agentes que trabalham na formação a disposição para vivenciar o amadurecimento da fé, da descoberta da alteridade, da experimentação e da construção de significados. O jovem busca condições que lhe permitam exercitar suas capacidades, nesse sentido a religiosidade e a vivência em grupo conferem transcendência e sentido, energias fundamentais para seu processo de desenvolvimento.

4.3 A pesquisa realizada

Apresentamos a seguir a pesquisa realizada, nossas hipóteses e análises foram sugeridas por um ambiente em que se cultiva uma prática pedagógico-pastoral, e também pelas especificidades de sua população juvenil. Pretendeu-se, assim, decifrar a experiência de protagonismo dos jovens do Ensino Médio que frequentam a pastoral juvenil do Colégio. Para o estudo empregou-se a pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva que de acordo com Minayo, vai além de responder questões particulares: essa “se ocupa nas ciências sociais com o nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2011, p. 21). Na pesquisa de campo procedeu-se com a observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, com o processo de inserção dos jovens no grupo, com o caminho e o compromisso do jovem na construção de sua história e identificação com a causa.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio da técnica da entrevista individual semi-estruturada em que o pesquisador seguiu um roteiro previamente estabelecido com 24 perguntas realizadas de acordo com formulário aprovado pelo Comitê de Ética da PUCPR (Anexo B). O roteiro serviu, assim, para coletar as informações básicas e como meio para o pesquisador se organizar no processo de interação com o informante (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1995, 2001, 2003). Para Triviños a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa e, “... favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (1987, p. 152).

O universo pesquisado resulta na soma de 93 jovens, sendo 56 moças e 37 rapazes com faixa etária entre 14 e 17 anos, cadastrados no Núcleo da Pastoral do Colégio. Participaram do estudo 30 sujeitos escolhidos aleatoriamente entre os 93 jovens. Os participantes da pesquisa são monitores

que desempenham papel de líderes nos grupos do Primeiro (6º ano) e Segundos Momentos (7º e 8º) e que coordenam acampamentos e retiros participando de experiências formativas destinadas ao *Terceiro Momento da PJM* (Ensino Médio) junto com outras unidades maristas, como o Curso de liderança marista, (CLIMA), o Retiro Projeto de Vida (RPV) e a missão solidária marista (MSN). As etapas que se seguiram no percurso da pesquisa foram: familiarização do pesquisador com a proposta da Pastoral Juvenil; identificação dos sujeitos participantes; esclarecimentos, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documentando a participação livre na pesquisa, conforme preconiza a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 1996).

A interação entre pesquisador e pesquisados (as) serviu como referência para a coleta dos dados. O local da unidade escolar onde foram coletados os dados previu a privacidade dos/as jovens entrevistados/as, permitindo-lhe ambiente favorável à interlocução. Os dados foram coletados durante os meses de agosto a outubro de 2012, garantindo aos participantes o livre acesso e sigilo de todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo. O contato no momento da pesquisa, deixou perceber que são jovens alegres e que há um entrosamento muito grande entre as lideranças e o grupo.

Os dados coletados nas entrevistas foram registrados e analisados mediante a análise de conteúdo, de classificação, da codificação e da categorização, buscando, assim, a máxima amplitude e explicação do objeto. A interpretação dos dados se orientou em torno de categorias, tais como: interesses de convivência, religião, motivos para participar do grupo da pastoral juvenil marista, família, vivência e convivência em grupo, formação do monitor, comprometimento com o carisma marista e com a comunidade, semana jovem, experiência de solidariedade e de protagonismo, dimensão profética da formação para a monitoria, espiritualidade e sentido da vida.

Para o aprofundamento do estudo sobre o protagonismo do jovem monitor na comunidade escolar marista, foi considerado além do material coletado nas entrevistas, também os documentos internos do Grupo Marista, as Diretrizes Pastorais Nacionais da Pastoral da Juventude e Documentos da

Igreja Católica. Esboçado, assim, o caminho percorrido, apresentamos a seguir os principais resultados obtidos com a pesquisa as entrevistas.

4.4 OS RESULTADOS DA PESQUISA

Para conhecer o público, jovens monitores inscritos no Núcleo de Pastoral do Colégio, foram inicialmente apresentados ao grupo questões referentes a sexo, religião e interesses de convivência. Para a amostragem escolhemos 30 jovens, sendo 15 moças e 15 rapazes, sendo que havia no grupo uma predominância feminina.

A escolha do número de participantes foi proposital, buscou-se analisar de forma equitativa as diferentes percepções sobre o protagonismo. Sempre considerando que, embora o modo de ver e sentir sejam diferentes, nenhum dos dois sexos esgota em si as potencialidades do feminino e ou masculino. Como afirma Ales Bello (2007), o ser humano preso a sua universalidade, não é somente corpo, mas possui uma psique e é caracterizado pela dimensão do espírito. O ser humano comparece concretamente na diferença homem e mulher e é nesta diferença que se forma a base da igualdade fundamental. Para tanto, a juventude é aqui pensada sob diversos ângulos, mas sempre numa visão unitária de natureza humana.

O grupo da Pastoral Juvenil Marista é um grupo heterogêneo, com idades, religiões e condições sociais diferentes. A inserção no Grupo é gradual e respeita momentos diferentes. Entre os pesquisados, uma ampla maioria (45%) ingressou apenas no Terceiro Momento (Ensino Médio), 23% no primeiro momento (6º ano) e apenas 16% começaram no Segundo Momento (7º e 8º anos), respeitando os respectivos Momentos da Pastoral: 1º Momento (6º ano), 2º Momento (7º e 8º anos) e o 3º momento (Ensino Médio). Os momentos são diferentes etapas definidas pela idade, mas que pertencem ao mesmo processo, à educação na fé. São caminhos de ação continuada que visam motivar, provocar e contribuir na construção da história pessoal de cada jovem participante. O processo de educação na fé ultrapassa a ideia de métodos ou técnicas; sua originalidade e autenticidade surgem na descoberta de um Deus que se revela na história humana. Na pessoa de Jesus Cristo e do

seu projeto de construir o Reino, buscando a construção de uma sociedade mais justa, ética, solidária, sinal da civilização do amor.

Considerando que a religião é aspecto importante na formação da identidade do jovem, observa-se dos resultados que 70% pertencem à Igreja Católica, 20% se reconhecem sem religião, mas que acreditam em Deus, 7% se reconhece como espíritas e 3% pertencem à Igreja Evangélica conforme dados explicitados no gráfico 1.

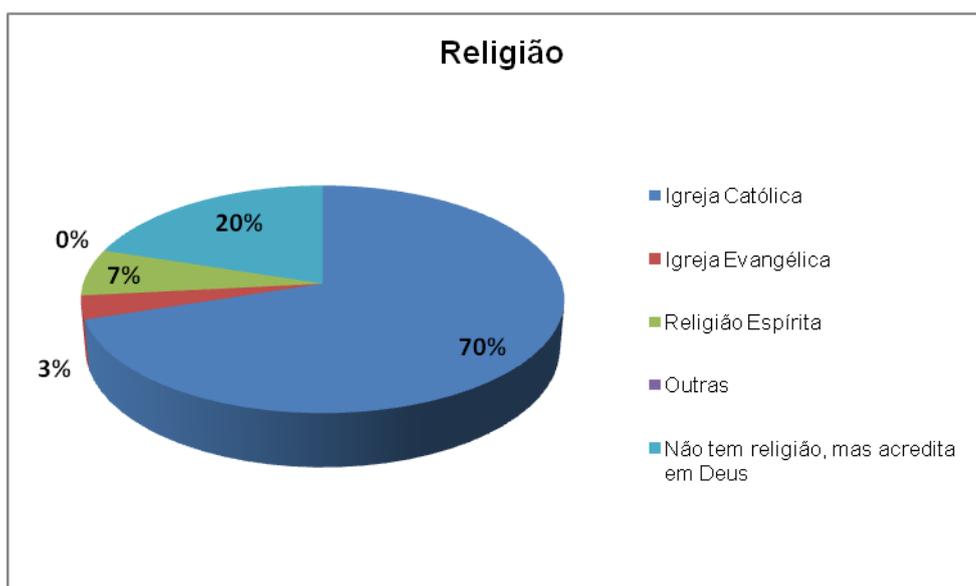


Gráfico 1 – Religião - Autor: Nogoseke. 2012

Um dado importante observado no grupo do *terceiro momento* da Pastoral Juvenil Marista é a convivência de crenças diferentes num ambiente tipicamente confessional. Esses dados confirmam que há aspectos importantes da religiosidade do jovem que precisamos levar em conta e de que as religiões são fontes de sentido, colaboram de forma decisiva na constituição de sua identidade e de sua visão de mundo. Os grupos religiosos se constituem em lugares de agregação social e de exercício de cidadania. As juventudes são abertas às diferenças, e a convivência no grupo não depende somente da filiação religiosa, mas também de projetos e bandeiras comuns.

Quando questionados sobre os motivos da participação no grupo da Pastoral Juvenil Marista (pergunta 4), 41% dos jovens pesquisados afirmaram que o ingresso no grupo aconteceu pelo incentivo de outros monitores, em 38%

dos casos a proposta do grupo foi o que chamou a atenção, 18% ingressaram no grupo como forma de fazer novas amizades e conhecer outros jovens, 3% pelos retiros e passeios.

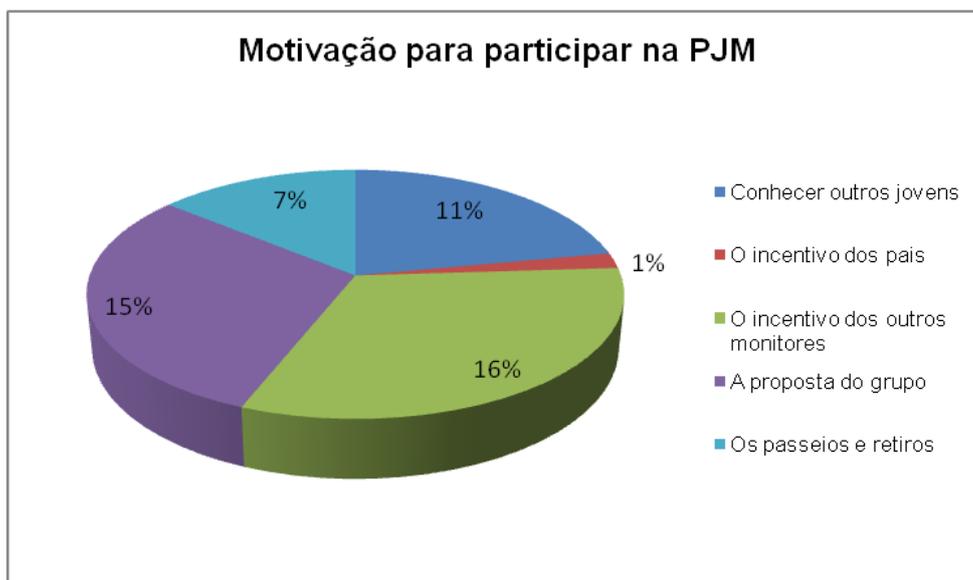


Gráfico 2 - Motivação para participar na PJM - Autor: Nogoseke, 2012. (Pergunta 4)

Os resultados do gráfico 2 nos levam a perceber também que o jovem, ao tomar decisões, deixa-se influenciar pelos pares, pela escola, ou grupo religioso, desvinculando-o, assim, do incentivo dos pais e da família apenas. Em cada um desses grupos encontra pessoas, jovens ou adultos, que se transformam em modelos e/ou exemplos significativos para o seu desenvolvimento social e pessoal.

Associada ao grupo está também a família. Considerada pela Igreja como o primeiro e o mais importante caminho, e estrutura básica e permanente da experiência humana e social, a família apresenta-se como um apoio indispensável para a formação dos jovens. Quando perguntados sobre os fatores que afetam seu desenvolvimento (Pergunta 19), a família, foi um dos fatores mais apontados. *“o caráter de uma pessoa pode ser influenciado pela família, se a família tem problemas o jovem pode ter também” (1); “se a família não auxilia, a pessoa está propícia a ter problemas”.*

Quando perguntados sobre a participação da família na comunidade Igreja (Pergunta 11), têm-se que 31% dos pais participam apenas em alguns

momentos da comunidade Igreja, 24% participam da comunidade e incentivam os jovens a participarem, 16% afirmaram que a família está mais preocupada com a formação profissional e 15% que seus pais não participam da comunidade. Dado interessante é que 12% afirmam que os avós são os que mais incentivam sua participação na comunidade.

Uma das características fundamentais da proposta Marista de Pastoral é a experiência em Grupo. Quando perguntados sobre os interesses que motivam a participação em outros grupos (Pergunta 8), 30% dos pesquisados citaram as atividades esportivas, 30% os espaços culturais, 21% assinalaram ter interesses em grupos sociais de justiça e igualdade, 13% afirmaram de gostar de baladas e bate papos e apenas 6% alegaram ser a moda e os estilos jovens o interesse que motiva a participação.

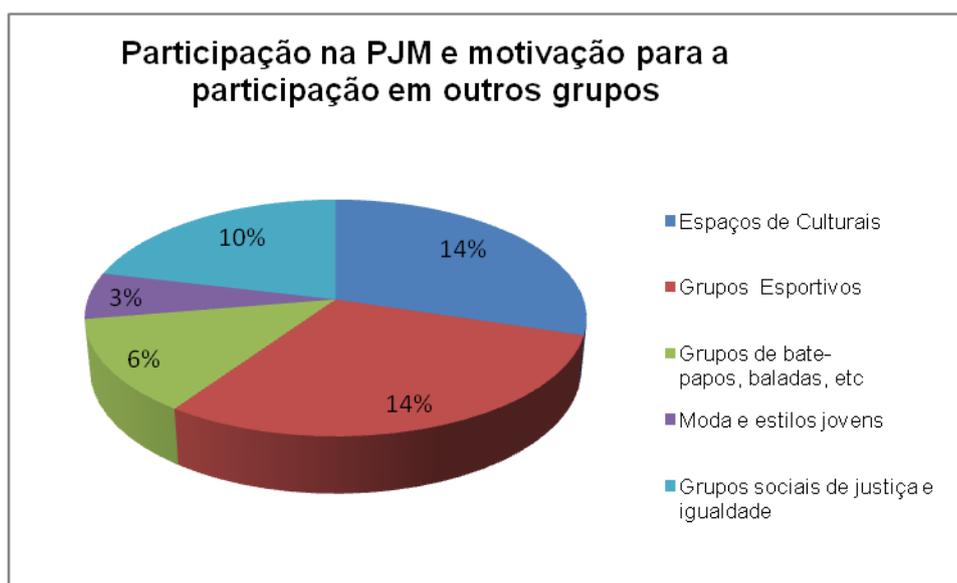


Gráfico 3 – Participação na PJM e motivação para a participação em outros grupos.

Autor: Nogoseke 2012 (Pergunta 8)

Há uma propensão natural dos jovens, de buscar laços de relações sociais nos grupos. A convivência nos grupos e na PJM favorece o autoconhecimento, descoberta de sentimentos e sentido da vida. Juntos tornam-se corajosos e veem seus medos amenizados. Sentem-se alguém no meio social. O gosto pela vivência grupal é algo a ser decifrado também quanto ao aspecto teológico da juventude. Os entrevistados 1, 5, 4 apontaram o grupo

como lugar que permite a intensificação dos laços comunitários, pois “a convivência ajuda a conhecer melhor as pessoas” (1); “na PJM você tem mais que amigos, você tem irmãos” (5); “na PJM descobrimos quem realmente somos e não o estereótipo que tentamos seguir” (4).

Perguntados se a criação desses laços o/a tornou um/uma jovem mais consciente do valor da pessoa do outro e capaz de atos fraternais os jovens monitores responderam da seguinte forma: “a atuação da PJM não seria tão abrangente se não estivéssemos unidos” (2); a presença do outro contribui para um mesmo ideal [...], (3); mostra que a relação entre as pessoas é extremamente necessária (7); aprendemos a olhar com outros olhos as pessoas, elas podem ser mais importantes que as outras coisas (8); abri meu olhar para muitas coisas que fingia não ver (9); despertou um sentimento de otimismo em relação ao ser humano, apesar de tudo (10); aprendi a reconhecer o valor de cada pessoa (11); não muito, já tinha valores agregados a mim, me considero uma pessoa fraternal a PJM só aprimorou (4).

A PJM leva ao autoconhecimento. Conhecer-se não é tarefa das mais fáceis. Os entrevistados reconhecem esse desafio: a PJM é extremamente difícil à medida que me faz ver meus próprios defeitos, mas ao mesmo tempo me deu forças para superá-los e seguir em frente (6); tem sido uma experiência de aperfeiçoamento pessoal (7); depois que entrei na PJM aprendi muita coisa, já me considero uma pessoa diferente (11); ajuda-me a refletir sobre meus potenciais, na PJM nós passamos por situações que nos levam a pensar sobre nossas atitudes (12).

A vivência e a convivência em grupos favorecem aos jovens espaços de socialização e criação de laços de relações sociais. Para os jovens que frequentam o Colégio Marista, a PJM se configura como espaço de relações interpessoais. Ao perguntar sobre como PJM contribui para a melhoria das relações interpessoais (Pergunta 6), 28% dos pesquisados responderam que o ingresso no grupo contribuiu para que a relação com a família melhorasse significativamente, 27% apontaram uma melhora na relação com os amigos, enquanto que 24% asseguraram ter melhorado sua relação com Deus e 21% citaram a relação com as demais pessoas. De fato, a relação interpessoal permite perceber as diferenças como possibilidade de enriquecimento

significativo da vida e do mundo. A partir dos resultados do gráfico 4 denota-se que a família embora não tenha exclusividade na formação do jovem, continua sendo um ponto de referência.

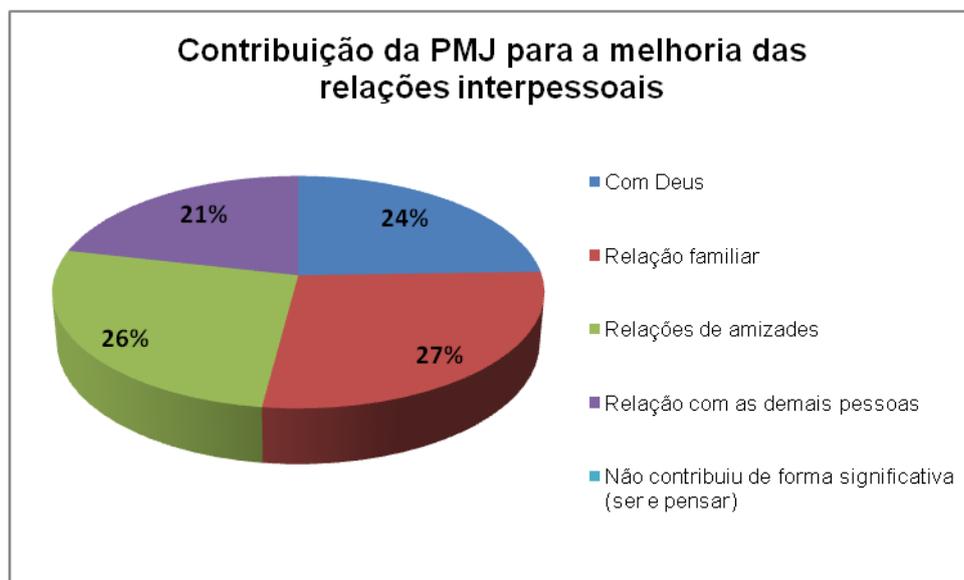


Gráfico 4 – Contribuição da PJM para a melhoria das relações interpessoais.

Autor: Nogoseke, 2012 (Pergunta 6)

O entrosamento nas dinâmicas de grupo, dinamicidade planejada, o acompanhamento e a assessoria no grupo da Pastoral Juvenil se revelaram essenciais no processo de formação de um protagonismo encarnado na geografia de um carisma específico, como é no caso do Carisma Marista. Na vivência das responsabilidades pedagógicas, o jovem vai se preparando para exercer o ministério de coordenador, animador, assessor e monitor de outros grupos. Ao serem perguntados sobre a formação como monitor (Pergunta 5), entre as opções apresentadas, 53% sinalizaram as reuniões do grupo como a contribuição mais expressiva, 28% os retiros e acantonamentos, 6% os trabalhos voluntários. Para se ter um parâmetro, considere-se que entre os pesquisados 13% definiram que todas as atividades citadas contribuem para a formação. O que chama a atenção é que nenhum dos pesquisados citou os encontros de crisma ou catequese, como relevantes para a participação na pastoral e na monitoria.

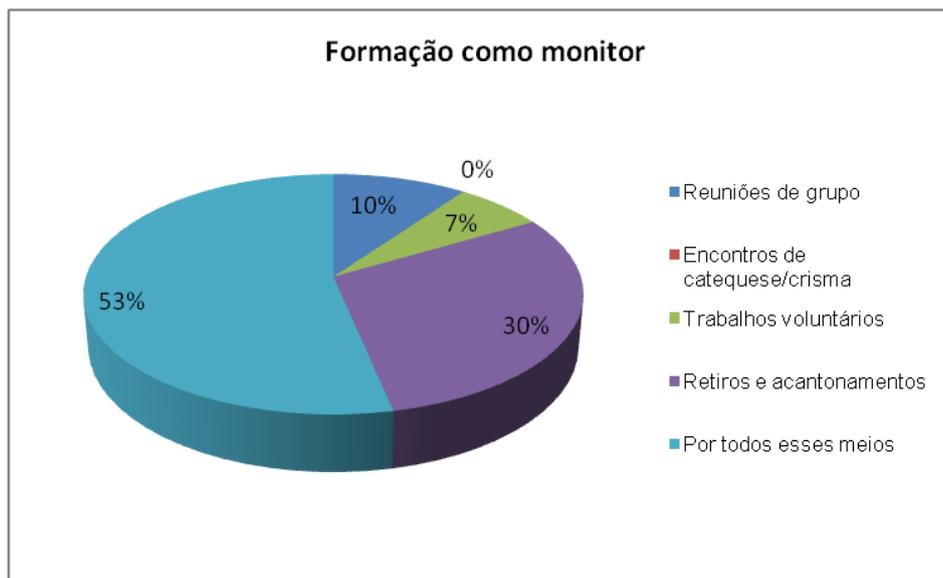


Gráfico 5 - Formação como monitor. Autor: Nogoseke, 2012. (Pergunta 5)

Para a PJM a participação dos jovens do grupo como monitor, animador, ou coordenador de grupo de jovens, trata-se de um tipo de vivência específica: viver um carisma com uma identidade própria. Acerca da monitoria como atividade que leva o jovem ao comprometimento com o carisma marista (pergunta 7), 63% afirmam se comprometer cada vez mais, pois como monitor se reconhece como exemplo para os demais. Já 37% reconhecem que embora tenham dificuldades, procuram viver o que aprendem no grupo. Nenhum dos pesquisados assinalou as alternativas que, costuma separar o grupo do restante da sua vida, que vive esse comprometimento apenas no grupo ou que se reconhece completamente comprometido.

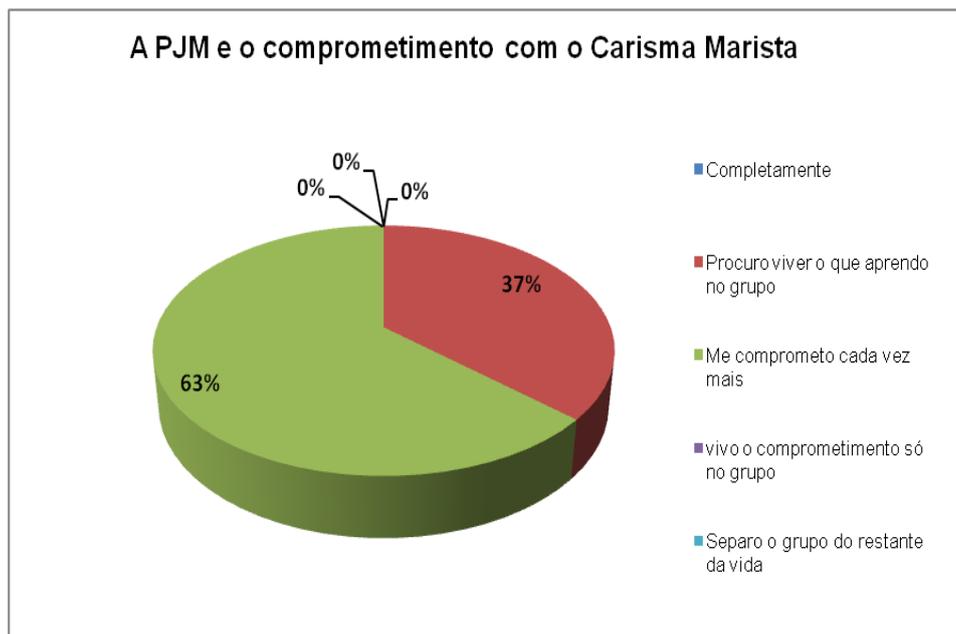


Gráfico 6 – A PJM e o comprometimento com o Carisma Marista Autor: Nogoseke. 2012

A Semana jovem é um evento que prepara os participantes do grupo da PJM para a monitoria (pergunta 16). Sobre ela 50% dos jovens entrevistados a citou como momento esclarecedor da responsabilidade de ser monitor, 43% como momento do aprendizado de fazer o bem e 7% como momento de muita intensidade emocional. Ninguém citou esta atividade como um espaço de diversão e como atividade normal entre amigos sem maiores implicações para o futuro.

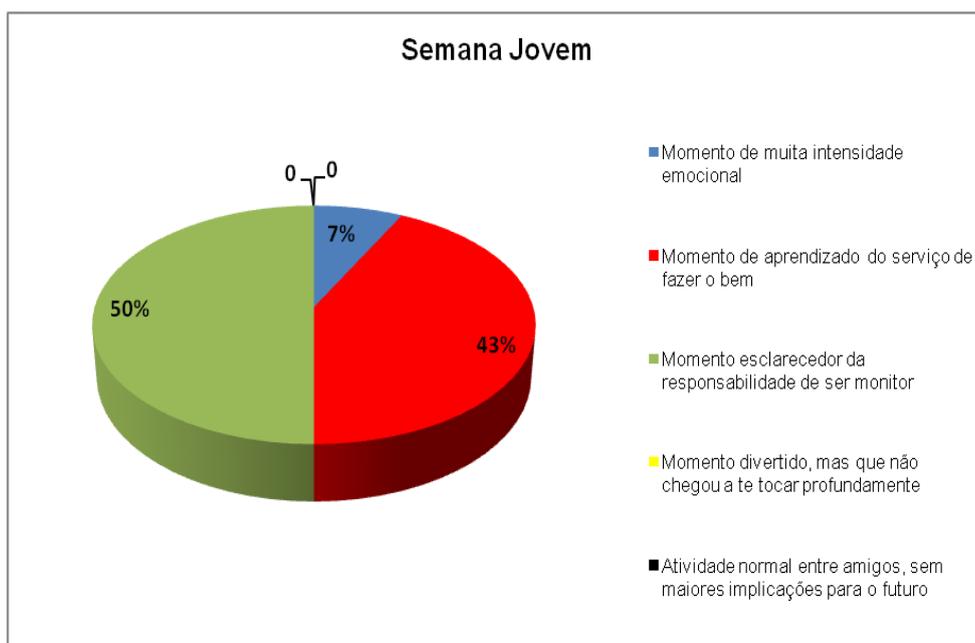


Gráfico 7 – Semana Jovem - Autor: Nogoseke. 2012 (Pergunta 16)

A pesquisa mostra que são diferentes os momentos de formação para o protagonismo juvenil como ministério junto aos outros jovens. As opções pedagógico-pastorais se constituem em um processo integral de educação na fé, acontece de forma processual, dinâmica e abrangente, sendo um itinerário que o próprio jovem percorre. A experiência comunitária leva o jovem a confrontar-se com problemas da sociedade e reforça seu comprometimento com as necessidades da comunidade.

Quanto ao comprometimento do jovem com a comunidade Igreja (Pergunta 10) a entrevista revela que 30% participam apenas na PJM, outros 30% apontam que o interesse pela comunidade foi despertado pela PJM, 10% afirmaram que mesmo antes da PJM participavam de suas comunidades e 23% reconhecem que apesar de já participarem, a atuação comunitária aumentou. Apenas 7% afirmaram que não participam da comunidade local e que frequentam apenas o grupo da PJM.

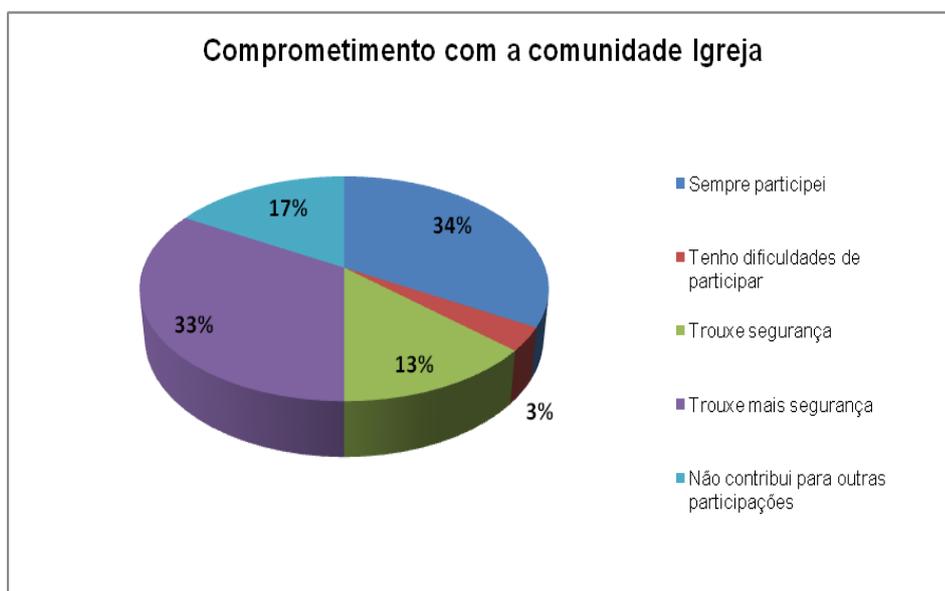


Gráfico 8 – Comprometimento com a comunidade Igreja.

Autor: Nogoseke, 2012. (Pergunta 10)

Com relação a pergunta 15 sobre o desenvolvimento das potencialidades e da participação responsável na sociedade, nos surpreendeu ver que dentre os jovens participantes 47% concordam plenamente que a PJM

proporcionou meios para desenvolver suas potencialidades humanas, o crescimento na fé e a participação responsável na sociedade. Outros 40% concordaram com a afirmativa e 13% concordam em parte. Cabe, todavia, ressaltar que os que concordam em parte estão ainda no início do processo.

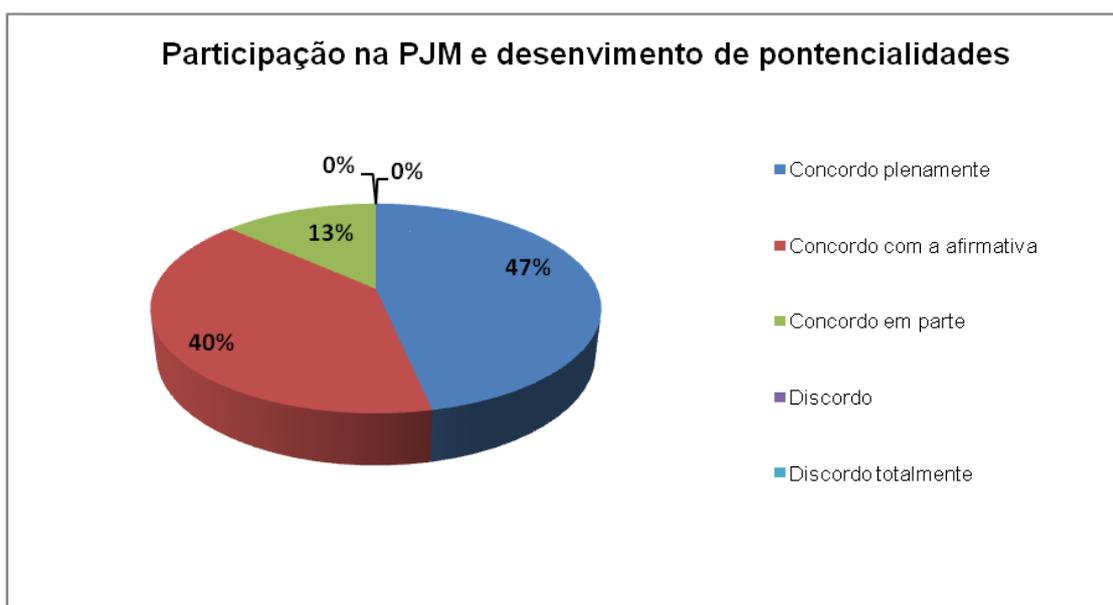


Gráfico 9 – Participação na PJM e desenvolvimento de potencialidade.

Autor: Nogoeseke, 2012.

Dos resultados da pesquisa constata-se que a ação pedagógica evangelizadora da Pastoral Juvenil Marista oferece aos jovens um estilo de pastoral simples e experiencial, com modelos de vida cristã que lhes permite descobrir nas suas próprias vidas o significado de ser cristão hoje. Uma das características básicas da PJM é se constituir numa proposta consciente, intencional e explícita de evangelização dos jovens.

A sensibilidade especial dos jovens para a solidariedade e a participação crítica (Pergunta 14) se revela de maneira significativa com os pesquisados. Para 47% dos jovens a participação na Pastoral Juvenil Marista contribuiu para desenvolver um olhar mais crítico, 40% concordam com afirmativa e somente 13% concordam em parte.

Quanto a contribuição da PJM no reconhecimento da situação de exclusão social (Pergunta 13), 40% dos pesquisados confirmaram que a PJM modificou a percepção que tinham sobre a discriminação e as desigualdades

sociais, 27% mostrou uma realidade social que não haviam compreendido ainda, 30% mudou a forma de olhar para os excluídos e o fez solidário com eles e 3% mudou o olhar sobre a sociedade e os progressos científicos. Nenhum dos pesquisados assinalou a alternativa de que os pobres deveriam se esforçar mais para conquistar dignidade e inclusão.

A abertura para a comunidade abre perspectivas novas de vida para os adolescentes e jovens que têm diante de si o desafio de lidar com a falta de sentido de suas vidas. A experiência comunitária quando alicerçada nos valores evangélicos contribui para alcançar maturidade cristã, de modo a refletir sobre o mundo e agir em harmonia com o Evangelho.

A dimensão profética do carisma marista se insere numa dinâmica de fé. O jovem membro do grupo da PJM em seu itinerário compreende que as formações oferecidas pelos seus responsáveis (Pergunta 17) são fundamentais para a vivência profética do carisma. A esse propósito 36% dos pesquisados concordaram que a formação para coordenadores leva ao encontro de Jesus Cristo, 27% refere que leva a assumir o Evangelho na vida, 20% conduz a missão de evangelizar, sendo que 10% afirma ter ainda dificuldades para evangelizar e apenas 7% alega não estar pronto para evangelizar.

Chama atenção na pesquisa a importância dos monitores atribuída a espiritualidade e o sentido da vida. Os resultados da pesquisa nos remetem ao anseio de religião e de experiência de fé: 54% sabem que estão sendo educados na fé e procuram viver segundo o que lhes é ensinado, 20% consideram a fé como algo pessoal e a expressam apenas em momentos pessoais ou em grupos, 13% afirmam que procuram viver os valores do Evangelho e os exemplos de Jesus e outros 13% se reconhecem como um/a jovem de muita fé.

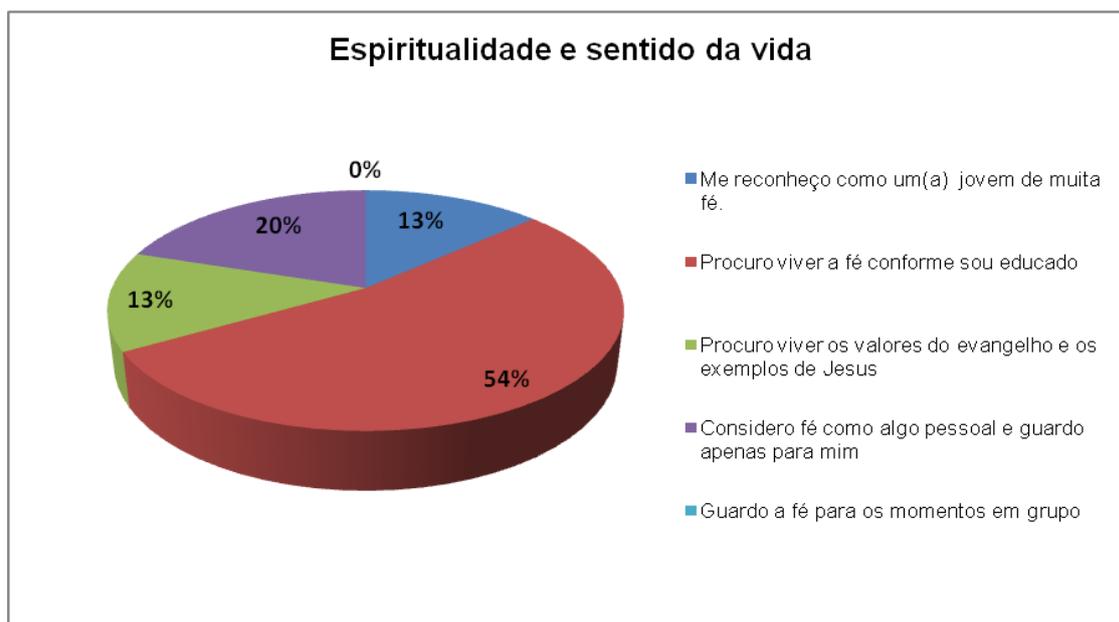


Gráfico 10 – Espiritualidade e sentido da vida.
Autor: Nogoseke, 2012.

Mesmo sensíveis a outras experiências religiosas, em suas falas, os jovens mencionam que as vivências de alteridades na PJM também se relacionam à fé: “A PJM me ajudou a desenvolver certos dons, como o de acreditar cada vez mais em Deus, em ser melhor com as pessoas e fazer minhas orações mais concentrada” (5); “ela me faz um contato maior com o que eu pratico na minha religião” (9). A PJM “acolhe as diferenças: não sou católico, eu gosto da iniciativa e os ajudo”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver da pesquisa com os jovens monitores da Pastoral Juvenil Marista, constatou-se a vivência de uma espiritualidade que contribui como fonte de sentido, na construção da identidade e de uma visão de mundo a partir dos valores evangélicos. A PJM trabalha com uma metodologia pastoral que busca responder as tendências e necessidades das juventudes com as quais desenvolve esse processo, como também atende as propostas de inculturação do evangelho e da pastoral orgânica da Igreja católica.

O intuito é contribuir na formação do jovem monitor como protagonista de sua história e capacitá-lo com valores que o tornem consciente da força religiosa e social que representa. Para a PJM: “A maturidade é fruto de longo processo de interiorização das realidades que nos cercam e que levam mais tarde a ações conscientes e refletidas” (CAMINHO DE EDUCAÇÃO E AMADURECIMENTO NA FÉ, 2008, p. 122). O caminho trilhado na busca pelo amadurecimento, passa pela abertura relacional, algo próprio do ser humano e que no jovem se apresenta como necessidade real. A convivência e a vivência grupal contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento pessoal, sendo prioridade para as pastorais de juventude, preocupação presente também na PJM.

A vivência em pequenos grupos responde aos anseios dessa geração, os grupos passam a ser lugares de agregação social e religiosa que servem de suporte para o desenvolvimento dos jovens, para a superação dos medos, para a descoberta dos sentimentos e como espaço de socialização. Os valores desenvolvidos no grupo servem de base para a vida pessoal e comunitária, possibilitando romper com o individualismo imperante na sociedade atual. Lembrando que a auto-afirmação acontece na abertura acolhedora da novidade do outro, pois o ser *com*, é constitutivo da pessoa.

Diante do contexto individualista que se mostra para o jovem, é preciso considerar que a importância concedida ao indivíduo, ao sujeito humano, na cultura atual é compartilhada pela fé cristã. Essa só rejeita o fechamento do indivíduo em si mesmo, assim como não aceita a mercantilização, o consumismo desenfreado e a transitoriedade nas relações humanas que levam

a descartar a pessoa do outro. Esse tipo de relação em que o outro não é respeitado e valorizado desumaniza e quando isso acontece o sujeito trai sua vocação ao amor fraterno.

Faz parte da espiritualidade cristã o compromisso na luta pela justiça e pela solidariedade concreta seja no campo sociopolítico e econômico, bem como com relação ao respeito pela dignidade humana e em relação ao ecossistema vital no qual estamos todos integrados. É certo que a paisagem religiosa da contemporaneidade tem representatividades desse individualismo: “Em uma sociedade em que a religião tornou-se uma opção, a conversão assume a dimensão de uma escolha individual na qual se manifesta por excelência a autonomia do sujeito crente” (HERVIEU-LEGER, 2008, p.109).

Os jovens estão menos submetidos às tradicionais autoridades religiosas. A juventude vive uma experiência de religião sem fronteiras simbólicas e assume expedientes que respondem e correspondem às necessidades do momento. O religioso assume então a tônica da realização pessoal, em que os jovens se deixam envolver pela identificação com eventos religiosos que podem levar a experiências duradouras ou não de uma afetividade religiosa.

Para as juventudes contemporâneas as incertezas da própria etapa de vida são agravadas pelas incertezas e contradições das quebras de referenciais geradas pelas constantes e rápidas mudanças e pelas influências geradas pelas mídias. Conforme dados levantados na pesquisa: a falta de referenciais firmes e positivos, afeta a capacidade de inserção, bem como as escolhas dos jovens, o participante da pesquisa (2) expressa do seguinte modo esse sentimento: “*Vivemos em um mundo que para nos ‘dar bem’ na vida precisamos seguir os padrões impostos pela mídia e pela sociedade.*”

O desafio hoje, segundo Melucci (1992), é encontrar os fios para tramar a continuidade, ou seja, algo consistente em que o jovem possa ancorar suas expectativas e que lhe permita viver o atual contexto de mudanças sem perder seus valores referenciais. Complementando o pensamento, o mesmo participante da pesquisa (2) afirma: “*A solução é tentar mostrar para todos os jovens que existe um mundo em que não precisamos de mascaras e que ‘ser você’ não é um problema*”.

A âncora para o jovem pode vir da espiritualidade que, como aspecto integrante da pessoa humana, é uma experiência que acontece na interioridade, como descoberta individual de fé, mas que é exteriorizada, como algo que ultrapassa e extrapola o ser, transformando-se em ação. A abertura do ser humano para si mesmo, para o outro e para o grande Outro, segundo Peretti, significa que não somos limitados aos processos instintivos e naturais ou por aqueles adquiridos dentro de uma cultura: “A abertura indica liberdade, capacidade de decidir de si mesmo” (2010, p. 53). Para o protagonismo juvenil essa abertura compreende um ser com a capacidade de decidir e de relacionar-se conscientemente com Deus e com as alteridades, existentes dentro de sua cultura.

Abrir-se para a dimensão espiritual é abri-se ao Espírito, ao dom do Deus da vida, essa abertura é essencialmente relacional. A experiência de comunidade, e o que resulta dessa convivência é expressa na afirmação do monitor sujeito 15 da pesquisa: “*A participação no grupo me ajudou na minha relação com Deus, com minha religião, com minha família e nas minhas decisões pessoais*”.

A espiritualidade vivenciada em uma religião subentende uma confiança na sabedoria e nos preceitos dessa religiosidade, o que a torna um aspecto importante na formação do jovem. A religião é, então, fonte de sentido e de compromisso com o projeto apresentado por Jesus. “O encontro real com Jesus responde as buscas existenciais, provoca entusiasmo, é uma experiência que suscita o discipulado” (CNBB, 2013, n.175). O grupo pesquisado revela-se como um lócus de amizades, entre os jovens monitores percebeu-se a procura por vivenciar essa abertura para a espiritualidade e para o discipulado: “*A monitoria abre espaço de novas amizades, ajuda cada um a abrir seu coração para a partilha, a se expressar e a buscar juntos sentido para a vida*” (8).

Entre os jovens sujeitos da nossa pesquisa convivem aqueles que se identificam com a fé católica e aqueles que tendem a livre experimentação religiosa. Conviver com mais de uma crença, experimentar várias, construir seu próprio sincretismo, ou apenas se aproximar de uma pastoral, de uma Igreja, são algumas das múltiplas possibilidades de engajamento. A religião

apresenta-se, assim para o jovem como um campo de experimentação e de escolha, mesmo que as escolhas não sejam definitivas e irreversíveis.

Conforme já escrevemos em outro espaço, “novas crenças passam a compor o religioso, baseadas na experiência subjetiva dos indivíduos, e não, apenas na verificação e na experimentação, que caracterizam o mundo racional. O religioso não está só nas instituições religiosas, de forma compacta e concentrada, ele se encontra ativo e latente, explícito ou implícito, na realidade social, cultural e psicológica”. Desse modo, denota-se também nos jovens do grupo da pastoral certa mobilidade religiosa. Como foi tratado no artigo “O Transito Religioso da Juventude: a presença das religiões nas biografias juvenis” (PERETTI e NOGOSEKE, SOTER, 2012).

A interculturalidade religiosa torna-se um desafio para uma proposta pedagógico pastoral que vise motivar, provocar e contribuir na construção da história pessoal e na participação social. Num mundo em constante mudança, os jovens passam a questionar e ressignificar muitos modelos até então estabelecidos e que não foram construídos por eles e que tão pouco expressa valores que sejam necessariamente os seus. Segundo Hervieu-Léger (1999), a memória coletiva perdeu muito de seu caráter ativo, passando a se constituir em um patrimônio de lembranças que não mobiliza mais uma crença comum: “trata-se mais de uma tradição sem crença.”

As representações hoje estão muito associadas a êxito profissional, consumo, sonhos de sucesso e enriquecimento rápidos. Assim, também a fé do jovem é vivenciada dentro de um contexto de lutas e esperanças, que envolvem características próprias das dificuldades e dos sonhos de cada um. Em seus grupos e/ou instituições os jovens passam a apontar novas tendências de comportamento. Para o participante (11): “*No grupo você encontra pessoas que embora sejam muito diferentes de você, tem objetivos semelhantes e você aprende a respeitar e passa a acreditar que todos têm seus valores*”.

O documento CNBB (2007) cita a importância dos jovens na evangelização de outros jovens, a pesquisa aponta para essa afirmação, a presença dos jovens monitores serviu de incentivo para a participação de outros jovens. Antes do interesse pela proposta do grupo e a possibilidade de

fazer novas amizades, a presença dos monitores foi o que chamou a atenção, considere-se que o grupo fala uma mesma linguagem, mesmas expressões e desafios. Entre os pares conseguem construir uma imagem de Deus e uma religiosidade que lhes é familiar e própria.

Constatou-se no decorrer do estudo que a influência de outros jovens gera certo distanciamento da aprovação familiar, porém, mais adiante os jovens falam da importância da família e do seu auxílio no enfrentamento das várias situações que comprometem seu desenvolvimento pleno. O desvincular-se da orientação dos pais é algo natural, o assumir-se é algo próprio do desenvolvimento humano. Nesse desligamento e apropriação têm importância fundamental à busca por modelos de referência, pessoas que apontem caminhos e que apresentem valores. Pessoas nas quais, o jovem reconheça a autenticidade da autoridade que vem da representatividade de um valor expresso na vida pessoal. Desse modo o assessor, a autoridade para o grupo, não vai passar uma mensagem, mas demonstrar que sinceramente vive essa verdade.

A monitoria envolve comprometimento com o carisma marista, o sentido é sempre de abertura, de reconhecimento que esse é um caminho que não se esgota ou se completa, mas é uma contínua busca de aperfeiçoamento pessoal. O desafio da pastoral consiste em revelar para esses jovens, o rosto de amoroso de Deus, presente na história humana e do seu projeto para a construção de uma sociedade mais humana. Quando se fala em Reino de Deus é preciso considerar que esse conceito ultrapassa qualquer religião, se firma na universalidade da ação do Espírito Santo sobre cada pessoa.

Preparar um jovem para o protagonismo precisa ser algo esclarecedor que leva a liberdade de escolhas e a autonomia, a PJM investe na preparação dos monitores. O momento pesquisado: “Semana Jovem” é reconhecida pelos jovens como momento esclarecedor das responsabilidades e o confronto com os problemas sociais, reforça esse comprometimento. A liderança exercida por esses jovens comporta o desenvolvimento de suas potencialidades em favor de uma participação responsável na sociedade. Foi o que comprovou o pesquisado (8): “A PJM desperta um incomodo, desconforto com a sociedade e te faz sentir um ser responsável pela mudança”. Importa citar que esse processo não é homogêneo, em

um mesmo grupo convivem diferentes percepções e o processo pessoal de cada um é diferente e precisa ser respeitado.

A solidariedade passa pelo reconhecimento das próprias fragilidades, para os jovens monitores o autoconhecimento, *não é tarefa fácil*, como afirma um dos jovens (26). Implica em reflexão sincera, que impulsiona o desenvolver de sentimentos de auto-estima e que ajuda a entender as dificuldades que o outro também enfrenta em seu desenvolvimento. Para além das afirmações de geração individualista, os jovens pesquisados demonstraram com suas respostas, que esta realidade pode ser alterada. A convivência gera sentimentos de pertença e de solidariedade que marcam profundamente a vida pessoal: *“A pessoa convive com amigos e monitores que dão valor a ela e com isso percebe sua importância, tanto no grupo, quanto no mundo”* (23).

Nas entrelinhas da pesquisa percebe-se que vivência na PJM envolve certo profetismo, caminho que gira em torno de valores e atitudes. Depois de despertado o profeta, o passo seguinte é o de profeta denunciador das injustiças e do profeta construtor do Reino. Perguntados sobre a vivência do carisma, pôde se sentir certa relutância nas afirmações, mostrando que essa é uma questão fundamental para o jovem monitor. Ele sabe que está sendo educado para viver a radicalidade do Evangelho, no entanto alguns revelaram que não se sentem prontos para tamanha responsabilidade. O que é compreensível dentro da realidade do processo e mesmo da realidade humana, o jovem ainda não está completo em seu processo pessoal. Como afirma Dick: *“O jovem vive a epopéia do êxodo. Da saída de si. Um dos desafios que se apresenta é também a descoberta da fé, porque ela não é só dom. Ela se reveste da busca e da conquista. Uma busca que precisa lançar perspectivas maiores do que o jovem imagina”* (2006, p. 24).

Esta forma de viver e conceber a religião e os grupos nos oferece uma gama de elementos para a realização de pesquisas futuras sobre a experiência religiosa, das diversas formas de elaboração e expressão do religioso, da pluralidade de iniciativas entre os jovens contemporâneos, e das respostas religiosas que fundamentam seus projetos de vida.

Acolher o jovem como lugar teológico e fazer a opção pelos jovens é a contribuição que este estudo quer oferecer. A diversidade juvenil é uma

poderosa contribuição para o mundo e para a Igreja. A diversidade ganha na ação evangelizadora da Igreja uma função profética, se constitui na riqueza e na beleza da evangelização. Surge desse estudo a questão: nossa caridade no sentido cristão, para com as juventudes é suficientemente grande para educá-los na fé e permitir que tragam para dentro das Instituições religiosas esse “novo” de que são anunciadores? Acolher o jovem é propiciar caminhos para que ele faça uso de seus dons e talentos, como protagonista de um futuro promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWAY, M.; ANDRADE, E. ESTEVES, L. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: UNESCO: 2007.

ABRAMO, P. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: **Culturas juvenis no século XXI**. Org. Silvia Borelli e João Freire Filho. São Paulo: Educ. 2008.

ALES BELLO, A. A questão do sujeito humano na perspectiva fenomenológica. In: **Família, subjetividade, vínculos**. Org. Lúcia Moreira e Ana Maria Carvalho. São Paulo: Paulinas. 2007.

BARRAL, G. **Considerações históricas e sociológicas sobre lazer e múltiplas identidades jovens na atualidade**. 2004. (mimeo).

BAUMAN, Z. **A sociedade da incerteza**. Rio de Janeiro: Zahar. 2000.

_____. **Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

BECK, U. **World risk society**. London: Sage. 1999.

BENTO XVI. **Discurso do encontro com os Jovens**. Pacaembu: 2007
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html. Acesso em 11/08/2012

_____. **Mensagem para Jornada Mundial da Juventude**. Madri: 2011
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20100806_youth_po.html Acesso em 05/04/2013.

_____. **Educar os jovens para a justiça e a paz**. Mensagem do Papa Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz. Vaticano, 8 de dezembro de 2012.

BENNETT, A. **Popular Music and Youth StoCulture: music, identity and place**. Nova York: McMilliam Press. 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus. 2001.

BOFF, L. **Ecologia, grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática: 1995.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal. 1980.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

BUCKINGHAM, D. Introducing Identity. In: D. BUCKINGHAM, *MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital* (pp. 1–24). Cambridge: The MIT Press. 2008.

CASTRO, J. AQUINO, L. **Juventudes e Políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA. 2008.

CATANI, A.; GILIOLI, R. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São paulo: UNESP. 2008. Coleção paradidáticos.

CATECISMO DA IGREJA CATOLICA. São Paulo: Loyola. 1993.

CELAM. SANTO DOMINGO: **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. São Paulo: Loyola. 1992.

CELAM, MEDELLÍN. **Conclusões da Conferência de Medellín**. São Paulo: Loyola. 1998.

CELAM. SANTO DOMINGO: **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Loyola. 2004.

CELAM. SANTO DOMINGO: **Documentos do CELAM**. São Paulo: Paulus. 2006.

CELAM. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus: 2007.

CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano. **Pastoral da Juventude: Sim a civilização do amor**. (Tradução Isabel Fontes L Ferreira; revisão José Joaquim Sobral). São Paulo: 2 ed. Paulinas. 1995.

CNBB. **Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil**. Documento 71. São Paulo: 30 de abril a 9 de maio de 2003.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais**. Documento 85. São Paulo: Paulinas. 2007.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade: Eis - me aqui, envia - me**. Brasília: CNBB. 2012.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA. **Lumen Gentium**. São Paulo: Paulinas. 2006.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL. **Gaudium Et Spes**. São Paulo: Paulinas. 2007.

COSTA, A. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht. 2000.

_____. **Tempo de Servir: o protagonismo juvenil passo a passo.** Belo Horizonte: Editora Universidade. 2001.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? **Revista Educação e Sociedade.** v. 28, n. 100, p. 1105-1128. Campinas: Especial-outubro. 2007.

DICK, P. **O Divino no Jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil.** Instituto de Pastoral de Juventude. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude. 2006.

DUARTE, E. Considerações Sobre a Produção Midiática. In: **Mídias e Processos de Significação.** São Leopoldo: Unisinos. 2000.

ESTATUTO DA JUVENTUDE, Substitutivo adotado pela comissão ao projeto de lei N. 4.529, de 2004. Disponível em:

http://www.google.com.br/search?hl=pt&source=hp&q=estatuto+da+juventude+pdf&gbv=2&oq=estatuto+da+juventude+&gs_l=heirloom-hp.1.0.0l10.2858.4235.0.9941.5.5.0.0.0.0.338.944.0j2j1j1.4.0...0.0...1c.1.d96ZUlvN5FY

FABRI, M. Para compreender a espiritualidade em bioética. In: PESSINI e BARCHIFONTAINE, C. **Buscar Sentido e Plenitude de vida.** São Paulo: Paulinas. 2008.

FERNANDEZ, V. **Teologia Espiritual Encarnada: profundidade espiritual em ação.** São Paulo: Paulus. 2007.

FORTE, B. **Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação.** São Paulo: Paulus. 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade:** o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, v.3. 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: 3ª ed. Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1999.

FURET, J. **Vida de Marcelino José Bento Champagnat.** São Paulo: Loyola. 1989.

GASTALDI, I. **Educar e evangelizar em la pós - modernidad.** Quito: 2ª Ed. USP. 1995.

GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes. 2009.

GROPPO, L. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL. 2000.

HERVIEU-LÉGER Danièle. **Le Pèlerin et le Converti: la religion em mouvement**. Paris: Flammarion. 1999.

_____. **O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes. 2008.

JOÃO PAULO II. **Amor e Responsabilidade**. São Paulo: Loyola. 1987.

_____. **CARTA ENCÍCLICA Fides Et Ratio**. São Paulo: Paulinas. 1998.

_____. **EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *Christifidelis Laici***.
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html. Acesso em 11/08/12.

_____. **Discurso do Papa João Paulo II na vigília de oração com os jovens espanhóis**. Madrid: 2003.

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2003/may/documents/hf_jp-ii_spe_20030503_youth-madrid_po.html. Acesso 23/10/12

JUVIN, H.; LIPOVETSKY, G. **Globalização ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária**. Manole: 2012.

LEI DE DIRETRIZES E BASES. Acesso em 04/04/2013 http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34. 2004.

LIBANIO, J. B. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Loyola. 2002.

_____. **Para Onde Vai a Juventude?** São Paulo: Loyola. 2011.

LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla. 2004.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A Cultura Mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Lisboa: Edições70. 2010.

LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: 3ª ed. Vozes. 1999.

MAFFESOLI, M. **Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: 6ª Ed. Atlas. 2007

MELUCCI, A. **“A Metamorfose do eu múltiplo”**. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Unisinos. 2004.

_____. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. In: **Revista Brasileira de Educação – ANPED – Juventude e contemporaneidade**, n. 5 e n. 6, maio/dez. 1997. p. 5 – 14. Número Especial.

MIGLIORI, R. **Curso básico de valores humanos**. Uberaba: Fundação Petrópolis. 2002.

MINAYO, C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 2011.

NOVAES, R. **Os Jovens sem Religião: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos**.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020. 2004. Acesso em 12/09/12.

OLIVEIRA, S. **Geração Y: O nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare Editora. 2002.

PAIS, M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Social Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.

PAGOLA, J. **O Caminho Aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis: Vozes. 2012.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo**. São paulo: 18º ed. Paulinas. 2008.

PERREIRA, A. A Produção Discursiva nas Salas de Bate-papo: formas e características processuais. In: **Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola. Autêntica**. São Paulo: Autentica. 2005, pp. 65-83.

PERETTI, C. Experiência Religiosa e o Itinerário do Ser Humano para Deus. In: **Cultura Religião e Sociedade, um diálogo entre diferentes saberes**. Org.

Luiz Alexandre Solano Lopez e Cesar Kusma. Curitiba: Ed. Champagnat. 2010.

PERETTI, C. NOGOSEKE, E. **O Transito Religioso da Juventude: a presença das religiões nas biografias juvenis.** Mobilidade Religiosa. SOTER. MG: 2012.

RIBEIRO, J. **Religiosidade Jovem: pesquisa entre universitários.** São Paulo: Loyola. 2009.

RODRIGUEZ, E. CASTRO, M. ABRAMOVAY, M. LIMA, F. PINHEIRO, L. **Políticas Públicas De/Para/Com/ Juventudes.** Brasília: Edições UNESCO. 2004.

RUBIO, A. **O Encontro com Jesus Cristo Vivo: Um ensaio para a cristologia de nossos dias.** São Paulo: 12ª Ed. Paulinas. 2008.

SANTANA, M. Abre-te, Vê e Caminha: Reino de Deus e discipulado hoje. In: **Espiritualidade Cristã em Tempos de Mudança: contribuições teológico-pastorais.** Petrópolis: Vozes. 2009.

SCOLARI, C. **Hipermediaciones: elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva.** Barcelona: Gedisa. 2008.

SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA. **Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista: PJM – Pastoral Juvenil Marista.** São Paulo: FTD. 2006.

_____. **Caminho de Educação e Amadurecimento na Fé.** São Paulo: FTD. 2008.

_____. **Setor de Pastoral PJM.** FTD. São Paulo 2008. Acesso 09/03/2012.
<http://www.colegiosmaristas.com.br/o-colegiopropostapedagógica/D888>.

_____. **Direcionamentos Pastorais para as Mantenedoras e Negócios da Província Marista do Brasil Centro-Sul.** São Paulo: FTD 1ª ed. 2009.

_____. **Evangelizadores Entre os Jovens.** São Paulo: FTD. 2011.

SEGATO, R. **Mulher Negra = Sujeito de Direitos: e as Convenções para a Eliminação da Discriminação.** Brasília: AGENDE. 2006.

SIMMEL, Georg. **Religião**. Ensaios, vol. 1. São Paulo: Olho d'Água. 2010.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: _____. (Coord.) **Estado do conhecimento: juventude e escolarização**. São Paulo: Ação Educativa/Inep. 2000.

SPÓSITO, M.; CARRANO, P. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED: 2007.

SOUZA, R. **O Discurso do Protagonismo Juvenil**. São Paulo: Paulus. 2008.

TRIVINOS, A. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO**1. Sexo**

- Feminino
- Masculino

2. Qual sua Religião?

- Igreja católica
- Igreja evangélica
- Religião espírita
- Outras
- Não tem religião, mas acredita em Deus

3. Sua participação na PJM acontece a partir de qual/quais Momentos?

- Participo desde o 1º Momento (6ª série)
- Participo desde o 2º Momento (7ª série)
- Participo desde o 2º Momento (8ª série)
- Participo do 3º momento (ensino médio) como monitor
- Participei de todos os Momentos

4. O que mais chamou sua atenção e motivou sua entrada e participação no grupo da PJM?

- A oportunidade de conhecer e conviver com outros jovens
- O incentivo dos pais
- O incentivo dos outros monitores
- A proposta do grupo
- Os passeios e retiros

5. Qual a contribuição mais expressiva na PJM para sua formação como monitor?

- Através das reuniões de grupo
- através dos encontros de catequese e crisma
- através dos trabalhos voluntários
- Através dos retiros e acantonamentos
- Por todos esses meios

6. A participação na PJM contribuiu para melhorar quais relações?

- Minha relação com Deus
- Minha relação familiar
- As relações de amizade
- A relação com as demais pessoas
- A participação no grupo não mudou de forma significativa meu jeito de ser e pensar.

7. A participação na PJM como monitor (a) o (a) tornou uma pessoa comprometida com o carisma Marista?

- Completamente
- Embora tenha dificuldades procuro viver o que aprendi no grupo

- () Procuo me comprometer cada vez mais, pois sei que como monitor sou exemplo
- () Por enquanto vivo esse comprometimento apenas no grupo
- () Costumo separar o grupo do restante da minha vida

8. A sua participação na PJM incentivou você a participar de outros grupos?

- () Sempre participei de diversas atividades em grupos
- () Tenho dificuldades de participar nos grupos
- () A monitoria me trouxe segurança para outros pertencimentos
- () A monitoria me trouxe mais segurança para outros pertencimentos
- () Não sinto que a participação como monitor tenha me incentivado na participação de outros grupos.

9. Liste os principais interesses que motivaram sua participação em outros grupos:

- () Grupos que envolvem interesses como música, danças, teatro etc.(espaços de cultura)
- () Grupos que envolvem interesses esportivos
- () Grupos que envolvem bate-papos, baladas, bar etc.
- () Grupos que envolvem interesses de moda e estilos jovens
- () Grupos que envolvem interesses sociais de justiça e igualdade

10. Relacionando sua participação na PJM e o envolvimento com sua comunidade (igreja, cultos, crisma, grupos etc.) como avalia?

- () Mesmo antes de participar da PJM sempre participei das atividades em minha comunidade
- () Sempre participei, mas depois da PJM minha participação aumentou, estou mais envolvido/a
- () Meu envolvimento e participação na comunidade foi despertada pela participação na PJM
- () Não participo ainda, mas pretendo me envolver com minha comunidade
- () Não participo da minha comunidade, apenas na PJM

11. Sua Participação na comunidade recebe o apoio e o incentivo da família?

- () Meus pais são participantes da comunidade e me incentivam a participar
- () Meus Pais participam apenas de alguns momentos
- () Meus pais não participam da comunidade
- () Meus avós participam e me incentivam a participar
- () Minha família no momento, está mais preocupada com minha formação profissional

12. É possível afirmar que o pertencimento na PJM proporcionou o encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo e com sua missão?

- () Me reconheço como um/a jovem de muita fé.
- () Estou sendo educado na fé e procuro viver segundo o que aprendo

- Em tudo que faço procuro viver os valores do evangelho e os exemplos de Jesus
- Considero fé como algo pessoal e guardo apenas para mim
- Separo fé das outras atividades, meus pensamentos e interesses sobre religião guardo para os momentos em grupo

13. A proposta da PJM baseada no Evangelho levou a considerar as exclusões sociais a que está sujeita grande parcela da população mundial?

- Sim a PJM modificou a minha percepção sobre poder e exclusão
- Sim a PJM me mostrou uma realidade social que eu não havia compreendido ainda
- A PJM mudou minha forma de olhar para os excluídos e me fez solidário com eles
- A proposta a partir dos valores do evangelho mudou meu olhar sobre a sociedade e os progressos científicos: qual a finalidade real e a quem se destina
- Sim, mas penso que os pobres deveriam se esforçar mais para conquistar dignidade e inclusão

14. É possível afirmar que a PJM contribui na formação de uma participação crítica da sociedade?

- Concordo plenamente com a afirmativa
- Concordo com a afirmativa
- Concordo com a afirmativa em parte
- Discordo com a afirmativa
- Discordo totalmente com a afirmativa

15. É possível afirmar que sua participação na PJM proporcionou meios para desenvolver suas potencialidades humanas, seu crescimento na fé e a participação responsável na sociedade?

- Concordo plenamente com a afirmativa
- Concordo com a afirmativa
- Concordo com a afirmativa em parte
- Discordo com a afirmativa
- Discordo totalmente com a afirmativa

16. Para você a semana jovem promovida pela Pastoral Juvenil Marista pode ser considerada (cursos para novos monitores):

- Como momento de muita intensidade emocional
- Como momento de aprendizado do serviço de fazer o bem
- Como momento esclarecedor da responsabilidade de ser monitor
- Como momento divertido, mas que não chegou a te tocar profundamente
- Como uma atividade normal entre amigos, sem maiores implicações para o futuro

17. Integrando a missão profética, como você considera as formações oferecidas para os coordenadores:

- Leva ao encontro de Jesus Cristo, Ele é o grande exemplo

- () Leva a assumir a missão da igreja de evangelizar
- () Leva a assumir o evangelho na vida
- () Tenho dificuldades para evangelizar
- () Não estou “pronto” para evangelizar

17. A participação na PJM apresenta-se com desafios, ela o/a ajuda a desenvolver seus dons?

18. Liste e comente os fatores que considera que afetam o desenvolvimento do jovem hoje e acrescente outros que julgar importantes:

- () Problema de drogas
- () Violência
- () Convivência familiar
- () Os estereótipos criados pela Mídia

19. Comente sobre a afirmativa: a participação no grupo da PJM contribui para o desenvolvimento pessoal, espiritual e da autonomia através do protagonismo juvenil de intervenção na sociedade.

20. A participação no grupo da PJM contribui para a criação de laços de amizade duradouros? Por quê?

21. A criação desses laços o/a tornou um/uma jovem mais consciente do valor da pessoa do outro e capaz de atos fraternais?

22. A PJM pode ser considerada como espaço em que o jovem pode conhecer outros jovens, se expressar, e buscar sentido para sua vida?

23. Comente a afirmativa: nos grupos da PJM o jovem pode crescer como pessoa ciente da sua importância na transformação do mundo?

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Associação Paranaense de Cultura - PUCPR

PROJETO DE PESQUISA

Título: GÊNERO, JUVENTUDE (S) E ESPIRITUALIDADE.

Pesquisador: Elizabet Terezinha Castaman Nogoeseke

Versão: 1

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Parana -
PUCPR

CAAE: 01436412.2.0000.0020

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 10589

Data da Relatoria: 04/04/2012

Apresentação do Projeto:

Este estudo se insere na linha de pesquisa Teologia e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT), da Pontifícia Universidade Católica (PUCPR), mais especificamente no Projeto Teologia e novas configurações sociais e visa aprofundar o tema juventude articulado-o à questão da cultura juvenil, suas formas de expressão e de configuração na contemporaneidade. Na última década, frente às mudanças cada vez mais profundas e aceleradas, muito se tem questionado sobre qual lugar social está reservado aos jovens. Novos cenários globais e locais conduzem à necessidade de um olhar mais atento sobre os diferentes segmentos juvenis que explicitam demandas e constroem inéditas identidades. Com base na sociologia da juventude, será utilizada a categoria juventude para representar um grupo social homogêneo, composto por indivíduos pertencentes a um dado grupo etário, e a categoria juventudes para simbolizar a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade. A pesquisa tem por objetivo geral pesquisar as formas de expressão dos grupos juvenis e a formação da identidade individual e de gênero na juventude verificando a confluência dos direcionamentos da Pastoral Juvenil no Colégio Marista Santa Maria, Curitiba/PR no desenvolvimento da espiritualidade e do protagonismo juvenil e, por objetivos específicos: investigar a articulação entre os estudos sobre juventude e de gênero e sua contribuição na constituição das identidades juvenis; analisar os processos e as práticas culturais e coletivas e implicações na construção da identidade e no desenvolvimento do protagonismo juvenil; mapear os projetos de formação e verificar como as diretrizes da Pastoral juvenil estão sendo utilizados na educação da juventude, no Colégio Marista Santa Maria, Curitiba/PR; verificar a frequência e a regularidade dos jovens nas experiências formativas de grupo e os motivos que os levam a desempenhar o papel de líderes juvenis; analisar como as experiências formativas e a vivência no grupo da Pastoral Juvenil contribuem na inserção e participação social, política e eclesial dos jovens e o(s) significado(s) que essas adquirem para o projeto de vida. No plano teórico, adota-se um enfoque multidisciplinar, com aportes de diferentes saberes. No plano prático, utilizar-se-á a pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva, com entrevistas individuais e semiestruturadas e tem por meta: averiguar as diferentes configurações dos grupos juvenis e os processos de construção de identidade a partir da análise das vivências com grupos da pastoral juvenil marista; analisar as demandas juvenis e as possibilidades de interfaces entre juventude(s), gênero e espiritualidade; levantar as percepções a respeito da(s) juventude(s) e suas trajetórias nos processos de educação para uma espiritualidade; mapear as propostas pedagógico-pastorais no serviço à juventude da Pastoral Juvenil no Colégio Santa Maria e suas implicações no protagonismo, além da intervenção da juventude na sociedade e na Igreja. A realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e expressões nas sociedades. Uma abordagem integral voltada para fortalecer o potencial das novas gerações insere-se numa perspectiva teológica fundamentada na concepção de pessoa humana aberta à transcendência.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Pesquisar as formas de expressão dos grupos juvenis e a formação da identidade individual e de gênero na juventude verificando a confluência dos direcionamentos da Pastoral Juvenil no Colégio Marista Santa Maria, Curitiba/PR no desenvolvimento da espiritualidade e do protagonismo juvenil.

Objetivo Secundário:



grupo da Pastoral Juvenil contribuem na inserção e participação social, política e eclesial dos jovens e o(s) significado(s) que essas adquirem para o projeto de vida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são apresentados no projeto e no TCLE de forma clara e objetiva.

Riscos:

Crê-se que o envolvimento nas entrevistas senão orientadas poderá acarretar riscos como: o constrangimento; eventual desconforto emocional ou medo de exclusão do grupo.

Benefícios:

Considerando que os participantes serão levados a pensar na própria experiência de construção de identidade e de protagonismo os benefícios que a pesquisa poderá trazer são: compreensão e aprofundamento da experiência formativa, da vivência e da perspectiva dos sujeitos envolvidos; valorização dos momentos formativos; o conhecimento e possibilidade de narrar à experiência pessoal pode voltar-se sobre si mesmo, avaliar a riqueza da Pastoral Juvenil para a construção do projeto de vida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1. A folha de rosto apresenta os dados necessários.
2. Os critérios de inclusão e exclusão são adequados.

Critério de Inclusão:

Jovens monitores inseridos no Terceiro Momento (Ensino Médio) da Pastoral Juvenil entre 14 e 17 anos, cadastrados no Núcleo da Pastoral do Colégio Marista Santa Maria, Curitiba/PR e que desempenham o papel de líderes juvenis nos grupos do Primeiro e Segundo Momento (Ensino Fundamental). Jovens monitores que participam da formação de líderes juvenis e na coordenação de acampamentos e retiros de experiências formativas destinadas ao Terceiro Momento da PJM.

Critério de Exclusão:

Jovens monitores não cadastrados no Núcleo da Pastoral Juvenil no Colégio Santa Maria, Curitiba/PR, com idade inferior a 14 anos.

3. O cronograma é adequado.
4. Os custos da pesquisa são apresentados no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE - apresenta ao sujeito de pesquisa, menor de 18 anos, os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa. Também informa a metodologia e o fato de que a entrevista poderá ser feita por escrito e/ou oralmente. O sujeito da pesquisa é informado que as fitas gravadas serão destruídas ao final da pesquisa.

Recomendações:

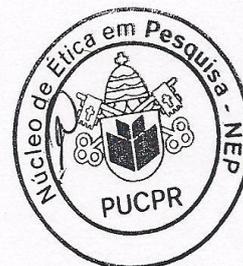
Retirar do questionário a Identificação (ID) do sujeito. Substituí-la por um sistema de codificação.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO

ID: _____

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Devido aos elementos apresentados neste parecer, consideramos o projeto Aprovado com recomendações.



CURITIBA, 04 de Abril de 2012


Assinado por:
NAIM AKEL FILHO

